

JOÃO

Introdução

Esboço

Capítulo 1	Capítulo 7	Capítulo 13	Capítulo 19
Capítulo 2	Capítulo 8	Capítulo 14	Capítulo 20
Capítulo 3	Capítulo 9	Capítulo 15	Capítulo 21
Capítulo 4	Capítulo 10	Capítulo 16	
Capítulo 5	Capítulo 11	Capítulo 17	
Capítulo 6	Capítulo 12	Capítulo 18	

INTRODUÇÃO

Caráter do Livro. Simples na linguagem e estrutura, este livro é, não obstante, uma exposição profunda da pessoa de Cristo colocada em cenário histórico. Tem uma mensagem para o discípulo humilde do Senhor e também para o mais adiantado teólogo.

Certas semelhanças existentes entre ele e os Evangelhos Sinóticos são facilmente percebidas. Apresenta a mesma pessoa como figura central. Encontramo-lo como o Filho de Deus, o Filho do homem, o Messias, o Senhor do Salvador, e outros títulos. Há alguns anos atrás era moda, em alguns círculos, dizer-se que o Jesus de João era o resultado de um processo teológico dentro da igreja primitiva, por meio do qual o homem de Nazaré fora elevado à posição de divindade. Esse ponto de vista já não é mais sustentável, pois estudos posteriores estabeleceram a convicção de que a Cristologia dos Sinóticos e a Cristologia de João são fundamentalmente a mesma. Um Jesus meramente humano é completamente estranho tanto aos Sinóticos quanto a João.

Conforme o padrão histórico se desdobra no Quarto Evangelho, mostra-se parecido, no esboço geral do curso dos acontecimentos, com o quadro dos Sinóticos o ministério preparatório de João Batista, a vocação de certos discípulos para aprender e servir, o ministério duplo da palavra

e dos feitos (milagres), a mesma tensão entre o entusiasmo popular pelo Senhor e a oposição do judaísmo oficial, a importância crítica da pessoa e autoridade de Jesus. Do mesmo modo, no que se refere aos acontecimentos finais da vida de Cristo na terra, encontramos o mesmo quadro da traição, prisão e julgamento, morte pela crucificação, e a ressurreição.

Sem dúvida, também encontramos uma considerável diferença dos Sinóticos. Enquanto os Sinóticos mencionam apenas uma Páscoa, parecendo portanto limitar o ministério de Cristo a um ano somente, João menciona pelo menos três Páscoas (2:23; 6:4; 13:1), sugerindo que o ministério estendeu-se por três anos. Nos Sinóticos o ministério limita-se quase que exclusivamente à Galiléia, enquanto João enfatiza a atividade de Jesus na Judéia e pouco diz sobre a campanha na Galiléia.

Nos Sinóticos os ensinamentos públicos de nosso Senhor tratam do "reino de Deus". Essa expressão está quase ausente no Quarto Evangelho, onde os discursos centralizam-se grandemente no próprio Jesus, seu relacionamento com o Pai, e a sua indispensabilidade às necessidades espirituais do homem (cons. os Eu sou). Alguns detalhes históricos criam problemas. Um exemplo é a purificação do Templo, colocada por João logo no começo do ministério (capítulo 2), mas no final do ministério pelos escritores dos Sinóticos. A explicação mais simples aqui é provavelmente a melhor – houve duas purificações.

Outro exemplo relaciona-se com a vocação dos discípulos, a qual de acordo com os Sinóticos aconteceu na Galiléia. João narra a chamada de diversos homens em cenário da Judéia, bem no encetamento do ministério (capítulo 1). O problema diminui quando se imagina que a própria prontidão dos pescadores galileus em abandonar suas redes para seguirem a Jesus é mais fácil de se explicar com base em conhecimento anterior e um discipulado experimental, tal como o Quarto Evangelho revela. É um tanto perturbador encontrar Jesus já considerado o Messias, neste Evangelho, logo no começo de sua obra (João 1), quando a aceitação do Messiado parece vir bem mais tarde nos outros Evangelhos.

Os dois quadros não são, entretanto, incompatíveis, pois o pronunciamento de Pedro em Cesaréia de Filipe (Mt. 16:16) não precisa ser aceito como uma convicção à qual ele houvesse chegado pela primeira vez (cons. Mt. 14:33). Uma verdade já conhecida antes foi então aprofundada através de uma experiência pessoal com o Filho de Deus.

O Autor. Embora o livro não cite o nome do autor, foi chamado de "discípulo a quem Jesus amava" (21:20, 23, 24) e íntimo companheiro de Pedro. O testemunho da igreja primitiva inclina-se a confirmar que é João, filho de Zebedeu (cons. 21:2). Irineu é a testemunha principal. Alguns mestres têm discutido a possibilidade de uma pessoa sem preparo e experiência (Atos 4:13) escrever tal obra. O tempo, a motivação e a capacitação do Espírito não devem ser subestimados na avaliação da capacidade de João e na anulação das desvantagens.

Muitos mestres modernos preferem defender a idéia de que um discípulo desconhecido foi o verdadeiro autor deste Evangelho, ainda que grande parte do material possa muito bem ter encontrado em João a sua fonte. Mas isto é uma troca inútil do conhecido pelo desconhecido.

A Data e o Lugar da Composição. De acordo com a tradição cristã, João gastou os últimos anos de sua vida em Éfeso, onde desempenhou um ministério de pregação e ensino, como também escrevendo. Desse lugar partiu para o exílio em Patmos, durante o governo do Imperador Domiciano. Seu Evangelho parece pressupor um conhecimento da tradição sinótica e por isso deve ser colocado no fim da série, possivelmente entre os anos 80 e 90 mais ou menos. Alguns o colocam ainda mais tarde. O descobrimento de fragmentos do Evangelho no Egito, datados da primeira metade do segundo século, exige que se coloque o Evangelho dentro dos limites do primeiro século.

Propósito. João 20:30, 31 declara construtivamente que foi escrito com a esperança de se criar nos leitores a convicção de que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, para que a vida viesse através da fé nEle. A escolha do material foi calculada exatamente para ajudar a chegar a esta

conclusão. Objetivos subordinados podem ser aceitos, tais como a refutação do Docetismo, um ponto de vista que negava a verdadeira humanidade de Jesus (cons. 1:14), e a denúncia do judaísmo como sistema inadequado de religião que coroava seus outros pecados com a recusa em aceitar o Messias prometido (1:11, e outros).

ESBOÇO

I. Prólogo. 1:1-18.

II. O Ministério de Cristo no Mundo. 1:19 – 12:50.

A. O testemunho de João Batista. 1:19-36.

B. A escolha dos discípulos. 1:37-51.

C. O casamento em Caná. 2:1-11.

D. A primeira visita a Jerusalém e Judéia. 2:12 – 3:36.

1. A purificação do Templo. 2:12-22.

2. Os sinais. 2:23-25.

3. O incidente com Nicodemos. 3:1-15.

4. Os temas latentes na mensagem do Evangelho. 3:16-21.

5. Outro testemunho de João Batista. 3:22-30.

6. As credenciais de Cristo. 3:31-36.

E. Missão a Samaria. 4:1-42.

F. A cura do filho do nobre. 4:43-54.

G. A cura do coxo em Jerusalém. 5:1-16.

H. Auto-defesa de Jesus. 5:17-47.

I. Alimentando os cinco mil e o discurso sobre o Pão da Vida.

6: 1-71.

J. Jesus na Festa dos Tabernáculos. 7:1-53.

K. A mulher apanhada em adultério. 8:1-11.

L. Auto-revelação de Jesus. 8:12-59.

M. A restauração do cego de nascença. 9:1- 41.

N. Cristo, o Bom Pastor. 10:1-42.

O. A Ressurreição de Lázaro. 11:1-57.

P. Jesus em Betânia e Jerusalém. 12:1-50.

- III. O ministério de Cristo aos seus. 13:1 – 17:26.
 - A. O lava-pés. 13:1-17.
 - B. A participação da traição. 13:18-30.
 - C. O discurso do cenáculo. 13:31 – 16:33.
 - D. A grande oração. 17:1-26.
- IV. Os sofrimentos e a glória. 18:1 – 20:31.
 - A. A traição, 18:1-14.
 - B. Jesus julgado diante dos judeus. 18:15-27.
 - C. A penosa experiência diante de Pilatos. 18:28 – 19:16.
 - D. A crucificação e o sepultamento. 19:17- 42.
 - E. Aparecimentos depois da ressurreição. 20:1-29.
 - F. O propósito deste Evangelho. 20:30, 31.
- V. Epílogo. 21:1-25.

COMENTÁRIO

João 1

I. Prólogo. 1:1-18.

Sem delongas o escritor apresenta a figura central do Evangelho, mas não a chama de Jesus ou Cristo. Neste ponto Ele é o Logos (Palavra). Este termo tem raízes no V.T., sugerindo conceitos de sabedoria, poder e um relacionamento especial com Deus. Era também largamente usado pelos filósofos para exprimir idéias tais como discussão e mediação entre Deus e o mundo. No tempo de João toda sorte de leitores entenderiam sua adequabilidade aqui, onde a revelação é a nota principal. Mas o aspecto diferente é que o Logos também é o Filho do Pai, que se encarnou a fim de revelar Deus plenamente (1:14,18).

A. O Logos Preexistente. 1:1,2.

1, 2. O **princípio** do Evangelho (Mc. 1:1) foi ligado ao princípio da criação (Gn. 1:1) e vai além dela dando uma visão da Deidade "antes que o mundo existisse" (cf. Jo. 17:5). A Palavra não se fez; era. **Com Deus** sugere igualdade e também associação. O Verbo era Deus (divindade) sem confusão de pessoas.

B. O Logos Cósmico. 1:3-5. Ele foi o agente da criação. **Por ele.** Por meio dele.

3. Todas as coisas inclui a totalidade da matéria e existência, mas considerada aqui em seu "status" individual e não universal.

4. A vida está nEle, não simplesmente através dEle. Como **vida,** a Palavra comunicava **luz** (conhecimento de Deus) aos homens.

5. As trevas são em primeiro lugar morais. Nem todos têm vantagem da luz (cons. 3:19). Provavelmente o pensamento não é idêntico a 1:9, 10; assim **as trevas não a prevaleceram** é uma tradução menos aceitável do que *as trevas não a venceram.*

C. O Logos Encarnado. 1:6-18.

Aqui está incluído um sumário da missão de João, o precursor.

6. Houve. Antes, *veio.* Esta é a aparição de João na história, como **enviado por Deus.** A frase resume o material contido em Lc. 1:5-80; 3:1-6.

7. Que João veio para *testemunho*, ou para testificar, é a maior ênfase deste Evangelho (1:15, 34; 5:33, 36, 37; 15:26, 27; 19:35; 21:24). Sua missão foi testemunhar **da luz**, que brilhava desde a Criação e estava ali para iluminar os homens com a sua presença. O testemunho foi idealizado para que os homens viessem a crer (a palavra "fé" não aparece neste Evangelho, mas o verbo quase se transforma em um refrão; cons. 20:31).

9. A luz verdadeira não transforma João em uma luz falsa. Dá a entender que é uma luz antitípica, máxima – o sol, não uma vela. Daí,

venerar João indevidamente, depois que a Luz despontou, é errado (3:30; Atos 19:1-7). A sintaxe do versículo no grego é difícil. **A verdadeira luz que, vinda ao mundo; ilumina a todo homem** é a tradução mais provável. Através de sua presença entre os homens o Logos traria uma iluminação superior àquela que fora proporcionada aos homens antes de sua vinda.

10, 11. A Luz era verdadeira e resplandecente, mas a acolhida que teve foi desapontadora. Além da semelhança que há nos dois versículos, jazem neles diferenças deliberadas: **estava, mundo; veio, o que era seu; e os seus não o receberam.** Deixar de discernir o Logos pré-encarnado é mais compreensível do que a recusa trágica de seu próprio povo, em aceitá-lo quando veio entre eles.

12, 13. Nem todos recusaram a Luz. Aqueles que a receberam ganharam **poder** (autoridade, direito) de **serem feitos** (naquele exato momento) **filhos de Deus.** Aqueles que o **receberam** são descritos como aqueles que **crêem no seu nome** (pessoa). Veja 20:31. Há duas maneiras de se dizer a mesma coisa. Os crentes são mais adiante descritos em termos do que Deus faz por eles.

Eles nasceram ... de Deus. Não é um processo natural que traz pessoas ao mundo – não do **sangue** (literalmente, *sangues*), sugerindo a mescla das correntes sanguíneas paterna e materna na procriação. **Da vontade da carne** sugere o desejo natural e humano de se ter filhos, como **da vontade do varão** (a palavra usada para marido) sugere o desejo especial de se ter uma descendência que continue com o nome da família. Assim, o novo nascimento, algo sobrenatural, foi cuidadosamente resguardado da confusão com o nascimento natural.

14. Antes que a fé possa produzir o novo nascimento, deve haver um objeto sobre o qual repousar, tal como a encarnação do **Verbo**, o Filho de Deus. Deus, tendo se expressado na criação e na história, onde a atividade do Logos era evidente mas a sua pessoa velada, agora se revelava através do Filho em forma humana, que não era simples semelhança, mas **carne**, João poderia ter usado "homem" mas escolheu

declarar a verdade da encarnação enfaticamente como se quisesse contrariar aqueles que tinham tendências gnósticas. Essa falsa visão de Cristo recusava-se a aceitar que a divindade pura pudesse assumir corpo material, uma vez que a matéria era considerada má (cons. I Jo. 4:2, 3; II Jo. 7).

Habitou. Tabernaculou. Em combinação com a **glória** sugere a personalização da nuvem luminosa que repousava sobre o tabernáculo no deserto (Êx. 40:34). O Verbo encarnado é também a resposta à oração de Moisés (Êx. 33:18). João não narra a Transfiguração, pois apresenta todo o ministério como uma transfiguração, exceto quanto à luz da qual fala, que é moral e espiritual (**cheio de graça e de verdade** e não algo visível, cons. Jo. 1:17).

15. Mais informações (cons. 1:7) são apresentadas sobre o testemunho do Batista à luz do aparecimento público de Jesus. Jesus veio *depois* de João em tempo mas veio *antes* dele em importância, pois era antes dele na qualidade de Eterno (cons. 1:1).

16. O Evangelista confirma a singularidade de Cristo. Não só João Batista mas todos os crentes participaram de sua **plenitude** – a perfeição da divindade (cons. **cheio** em 1:14). **Graça por graça** descreve uma manifestação acumulada sobre outra – uma verdadeira plenitude.

17. Assim como Jesus Cristo ultrapassou a João (1:15), assim também foi superior a Moisés. Ambos trouxeram algo de Deus, mas um trouxe a **lei** que condena, o outro a **graça** que redime da lei. **Verdade** sugere a realidade da revelação divina de Cristo.

18. Deus é invisível, porque é Espírito (cons. 4:24; 1 Tm. 6:16). Teofanias não revelam sua essência. Mas o **Filho** unigênito de Deus (aqui, os principais manuscritos têm **Deus** em vez de **Filho**; cons. Jo. 1:1) revela. **No seio do Pai** dá a entender *com Deus* (1:1). A missão do Filho foi declarar (*fez conhecer*; a palavra grega dá-nos o nosso "exegeta") o **Pai**. Cristo interpretou Deus ao homem. Nada é perdido (cons. Hb. 1:2, 3; Gl. 1:15).

II. O Ministério de Cristo no Mundo. 1:19 - 12:50.

A. O Testemunho de João Batista. 1:19-36.

Em seu desejo ardente de magnificar Cristo, João transformou um interrogatório sobre si mesmo em um forte testemunho sobre o Maior que ia se manifestar. O batismo de Jesus executado por João, que não foi narrado neste Evangelho, já tinha acontecido (veja 1:26).

19. Os judeus. Como de costume, João está se referindo aos líderes da nação. Esses sacerdotes eram fariseus (v. 24). Duas coisas provocaram a delegação: a forte pregação de João, que cativava multidões (Mt. 3:5), e sua atividade, batizando (Jo. 1:26). Tal pessoa despertou tanta preocupação nesses líderes que eles perguntaram, **Quem és tu?**

20. João leu seus pensamentos. Eles, tal como as multidões (Lc. 3:15), ficavam imaginando se ele poderia ser o **Cristo** prometido.

21. Sua negação levou-os à segunda pergunta. **Elias** era esperado antes da vinda do Messias (Mt. 17:11-13). Embora João não fosse o Elias pessoalmente, estava em sua função (Mt. 17:11-13). Por **profeta** devemos provavelmente entender o profeta de Dt. 18:15, 18. Alguns o consideravam distintamente do Messias (Jo. 7:40).

22-24. A delegação não podia ser satisfeita com negativas. Pressionado a revelar seu papel, João replicou na linguagem profética (Is. 40:3). Era uma verdadeira identificação. João vivera **no deserto** e ali elevara sua voz para anunciar a aproximação do reino (Lc. 1:80; 3:2, 3).

25-28. Um papel assim secundário parecia não ser justificativa suficiente para João administrar o batismo. Mas ele se defendeu – era simplesmente **com água**. Ele proclamava a presença do pecado e a necessidade de uma purificação que ele mesmo não podia efetuar. A obra final da purificação (ele deu a entender) repousava sobre alguém maior do que ele, Alguém que ainda era desconhecido das autoridades (1:26). João considerava-se indigno de ser Seu servo. Essa conversa foi

mantida em **Betânia**, a leste do Jordão. Não deve ser confundida com Betânia de 11:1,18.

29. No dia seguinte surge uma nova situação. A delegação partiu e Jesus apareceu no cenário. Mas não houve nenhuma troca de palavras entre ele e João. Satisfeito por ter afirmado aos fariseus a grandeza de Cristo, João tornou-se agora específico quanto à Sua pessoa e obra. Seu próprio ministério baseava-se sobre o fato do pecado; o de Cristo relacionava-se com a remoção do pecado. Cristo era o Cordeiro de Deus. A História (Êx. 12:3) e a profecia (Is. 53:7) juntam-se para fornecer os antecedentes desse título. É preciso ter em mente também os sacrifícios diários no templo.

31-34. Quando Jesus procurou o batismo de João, o Batista não o reconheceu (cons. Lc. 1:80), mas ele tinha recebido um sinal de identificação de Deus – **o Espírito descer do céu como pomba** permanecendo sobre Ele. Além do sinal foi-lhe dada uma palavra referente à obra que Ele realizaria com a capacitação celestial para tanto concedida – Ele batizaria com o Espírito. Tal pessoa, João sabia, não poderia ser ninguém menos que **o Filho de Deus**. Ninguém de menor estatura poderia usar com tanta autoridade o divino Espírito. João deu três testemunhos excelentes da pessoa e obra de Cristo. Como Cordeiro, sua missão era a da redenção. Ao batizar com o Espírito, Ele fundaria a Igreja. Como Filho de Deus, Ele seria digno de adoração e obediência.

35, 36. Estes versículos são de transição. Eles nos informam que João tinha **discípulos** e que ele também desejava transferi-los para Jesus. Esta era importante parte de sua tarefa de precursor, como o restante do capítulo declara.

B. A Vocação dos Discípulos. 1:37-51.

O desejo altruísta de João de glorificar Cristo produziu frutos entre seus seguidores. Sem nenhuma ordem ou sugestão de sua parte além do seu testemunho, dois discípulos seguiram Jesus. Um é identificado como

sendo André. O silêncio quanto ao nome do outro aponta para o escritor do Evangelho, que não menciona o seu nome por causa da modéstia.

37-42. Seguiram a Jesus. O ato físico expressou a intenção de segui-lo no sentido espiritual. **Que buscais?** Tal pergunta poderia ser uma demonstração de repulsa, mas não quando pronunciada com delicadeza. A contra-pergunta, **Onde assistes?** Tal como o fato de o seguirem, pode sugerir um sentido mais profundo – Qual é o segredo de sua vida e poder espirituais? Sua habitação poderia não atraí-los, mas a conversa sublime que se seguiu permaneceu como flagrante memória. Anos mais tarde João se lembrou da **hora** do dia – quatro da tarde.

41. O significado de **primeiro** não está claro. Nenhuma atividade posterior de André foi declarada. Possivelmente, **primeiro** tem a intenção de sugerir que o outro discípulo (João) também procurou seu irmão Tiago, que aparece antes, nos Sinóticos, como discípulo de Jesus (Mc. 1:16-20). **Achou... achamos.** A narrativa está cheia da alegria do descobrimento (cons. Jo. 1:43, 45). **Messias**, o termo hebreu para "o ungido", tem o seu correlativo na palavra grega **Cristo**. André atreveu-se a chamar Jesus de Cristo porque o Batista o apresentou assim aos seus seguidores, ou por causa das horas passadas na companhia de Jesus?

42. O trabalho pessoal de André começou cedo e com seus parentes. A troca do nome de **Simão** para **Cefas**, o termo aramaico para Pedro, significando **pedra**, provavelmente indica uma mudança prometida da fraqueza para a estabilidade e força (Lc. 22:31, 32).

43. Novamente a mudança do **dia** foi observada (cons. 1:29, 35, em contraste à ausência de tais traços no Prólogo). Desta vez Jesus faz a descoberta (cons. Lc. 19:10), e ordena a Filipe que o siga (contraste com Jo. 1:37).

45-51. Filipe vindicou a confiança de Jesus nele como discípulo buscando Natanael e transmitindo-lhe a convicção de que Jesus de Nazaré era o muito esperado que preencheria as predições de **Moisés** e dos **profetas**. Pode-se testemunhar do Senhor mesmo quando o conhecimento ainda é incompleto ou defeituoso. **Jesus, o Nazareno,**

revelou-se concisamente como o celestial Filho do homem (v. 51). Mesmo Natanael percebeu rapidamente que o **filho de José** era o Filho de Deus (v. 49). O primeiro impulso de Natanael foi o de duvidar que Nazaré fosse capaz de produzir **alguma coisa boa**, muito menos o Messias (v. 46). Isso não implica necessariamente que a cidade tivesse má reputação, mas antes sugere o caráter irrelevante do lugar.

Vem, e vê. Experiência é melhor do que argumentação. **Israelita sem dolo** sugere um contraste de Jacó, que se tornou Israel só através da experiência da conversão. A mesma penetração que leu o coração de Simão (v. 42) como num livro aberto e que penetrou na vida íntima de Natanael (vs. 47, 48) foi agora cordialmente reconhecida na confissão deste último – **Filho de Deus... Rei de Israel**. A sombra da figueira, um sossegado refúgio para a alma reverente, foi silenciosamente partilhada pelo Cristo perspicaz. Filipe compreendeu que o mestre tinha de ser mais do que ela entendia. E o fim não era aquele, pois o Salvador prometia coisas maiores. Jacó continuava no fundo da cena (v. 51). A visão que ele teve dos anjos em Betel seria ultrapassada quando os discípulos vissem no Filho do homem aquele a quem o céu seria aberto (cons. Mt. 3:16) e aquele que na qualidade de Mediador, liga o céu à terra. **Filho do homem**. Um título indicando uma figura sobrenatural e celestial em Dn. 7:13 e no apocalipse judeu, foi o método preferido por Jesus para designar-se a si mesmo, de acordo com os Evangelhos. Esse nome era preferido ao de "Messias" porque não sugeria aspirações políticas ao longo de um reino temporal, tal como a maioria dos judeus aguardava. A glória do Filho (Jo. 1:14), vista em parte por esses primeiros discípulos (vs. 39, 46), foi ainda mais desdobrada *daqui em diante* (ERC).

João 2

C. O Casamento em Caná. 2:1-11.

Essa rápida volta à Galiléia não foi marcada pelo ministério público, mas envolveu um incidente que produziu o aprofundamento da confiança dos discípulos em Jesus, continuando a ênfase de João 1.

Alguma luz é lançada sobre o relacionamento de nosso Senhor com sua mãe e também a sua atitude para com a vida social (cons. Mt. 11:19). A transformação da água em vinho foi observada como sendo o seu primeiro milagre.

1. Três dias depois parece relacionar-se com 1:43. Dois dias ou mais seriam precisos para se fazer a viagem a Caná, que ficava cerca de sete milhas e meia ao norte de Nazaré. João faz notar a presença da **mãe de Jesus** no casamento. Evitou aqui mencionar o nome *Maria*, e também em 19:26, devido a mesma reserva porque escondeu o seu próprio nome. Estava especialmente relacionado com Maria (19:27).

2. Não se sabe se Jesus planejou estar presente ao casamento ou se o convite para Ele e Seus discípulos foi feito depois de sua chegada a Galiléia. Se esta última é a alternativa correta, a falta de vinho pode ser facilmente explicada. Outros convidados também podiam ter chegado inesperadamente. Natanael, cujo lar estava em Caná, possivelmente tinha algo a ver com os arranjos.

3-5. Maria trouxe a Jesus a informação de que o suprimento de vinho acabara. Em sua resposta, o uso do termo **mulher** não envolve desrespeito (cons. 19:26).

Que tenho eu contigo? As palavras indicam separação de interesses e parecem sugerir uma pequena repreensão. Talvez Maria esperasse que Jesus usasse a situação para chamar a atenção para si mesmo de modo a apressar seu programa messiânico. Mas a sua **hora** não tinha chegado ainda (7:30; 8:20; 12:23; 13:1; 17:1). Jesus queria que sua mãe entendesse que o antigo relacionamento entre eles dois (Lc. 2:51) chegara ao fim. Ela não devia interferir em sua missão. Maria foi sábia e não discutiu o assunto. Se ela não podia mandar nEle, podia instruir os servos a obedecerem as instruções dEle. E assim demonstrou a sua confiança nEle.

6-8. Para atender à emergência, Jesus usou **seis talhas de pedra**, das que os judeus usavam para as **purificações** – lavar as mãos antes e depois das refeições e diversos outros banhos cerimoniais. Cada uma

devia conter cerca de vinte galões. Estando cheios, Jesus instruiu os servos a tirar. Isto parece se referir ao ato de tirar a água dos grandes recipientes para recipientes menores. O que era retirado era então levado ao **mestre-sala**. Uns acham que o **mestre-sala** era alguém pouco mais importante que um mordomo; outros acham que era um amigo do noivo convidado para ocupar o lugar de mestre de cerimônias (cons. Eclesiástico 32:1 e segs.)

9, 10. Provando o vinho, o funcionário certificou-se de que era de qualidade superior, tão superior que sentiu-se obrigado a elogiar o noivo pelo tratamento fora do comum que dispensava aos seus convidados dando-lhes vinho bom no fim da festa, quando muitos já teriam bebido tanto que não estariam mais em condições de discernir se o vinho era bom ou de qualidade inferior. A falta de vinho foi resolvida pela intervenção de Jesus. A verdade mais profunda do incidente é que, simbolicamente, o Judaísmo foi revelado como deficiente (na ênfase dada às abluções cerimoniais, a ponto de negligenciar assuntos espirituais, e em sua exaustão indicada pelos cântaros vazios), quando Cristo fornece plenitude de bênçãos da mais alta qualidade (cons. 7:37-39). Mais do que isso, ele o fez sem chamar a atenção para si mesmo, um exemplo agradável.

11. Princípio a seus sinais. Esta declaração refuta os Evangelhos apócrifos que narram milagres da meninice de Jesus. A palavra *milagre*, (ERC) que João usa por toda parte, significa **sinal**, indicando que o ato tem o propósito de revelar o propósito por trás dele, jogando luz sobre a pessoa de Cristo ou sua obra. **Glória**, neste caso, é um termo que chama a atenção para o poder de Jesus de realizar uma transformação espiritual, conforme sugerida pela mudança da água em vinho (cons. 11:40). **Seus discípulos creram nele.** Contrastando com o mestre-sala, que se caracterizou pela ignorância (v. 9) e os servos, que *sabiam* do milagre (v. 9), os discípulos foram levados a crer. Só eles realmente lucraram com o sinal.

D. A Primeira Visita a Jerusalém e Judéia. 2:12 - 3:36.**1) A Purificação do Templo. 2:12-22.**

Ainda que este não seja chamado de sinal, foi um acontecimento mais momentoso do que o milagre de Caná, pois relacionava-se diretamente com a missão de Jesus, sendo um ato messiânico de natureza pública. Novamente o judaísmo foi comprovado ser deficiente, e até mesmo corrupto, pois a casa do Pai estava sendo conspurcada. Jesus relacionou o incidente com a sua ressurreição (vs. 19-21). Ele revelou a incredulidade dos judeus (vs. 18-20) e a fé dos discípulos (v. 22). Como acontecimento, pode ser separado de uma purificação posterior, antes da morte de Jesus (Mc. 11:15-19).

12. Este versículo é transicional. A importância de Cafarnaum no ministério de Jesus foi enfatizado nos Evangelhos Sinóticos. Fez dela o seu quartel-general galileu – "sua cidade" (Mt. 9:1). O desentendimento com os seus irmãos ainda não acontecera (Jo. 7:3-5).

13. A páscoa dos judeus. (Conf. 2:6.) Mais uma vez João concentra-se em expor as deficiências do judaísmo. O memorial sagrado da libertação da escravidão no Egito estava sendo menosprezado. Visto que era hábito de Jesus observar as festas nacionais, como fora hábito de José e Maria (Lc. 2:41), Ele subiu a Jerusalém.

14-16. Jesus, de adorador passou a reformador. O Sinédrio permitia, e provavelmente controlava para seus próprios interesses financeiros, um comércio de animais para o sacrifício e câmbio. Esse comércio, efetuado na extensa área conhecida como o Pátio dos Gentios, era para a facilidade do peregrino, uma vez que podia obter o seu sacrifício ali mesmo em vez de trazê-lo de casa. Presumivelmente havia uma garantia de que o animal era "sem defeito". Diversos tipos de moedas podiam ser trocados às mesas pelo meio ciclo palestino exigido para pagamento do imposto anual do templo. Esse comércio transformou o Templo em um verdadeiro mercado. Enfurecido com o sacrilégio, Jesus entrou em ação. Rapidamente improvisou um **azorrague** com as cordas que

estavam por ali. Com esse açoite expulsou da área do templo os homens (**todos**) e os animais, derrubando as mesas dos cambistas e esparramando as moedas tilintantes pelo chão. Os pombos não podiam ser expulsos. Era preciso que seus proprietários os retirassem. Tais medidas árduas precisavam de justificativas, as quais foram dadas em que **da casa de meu Pai** fora pervertida em **casa de negócio**. O Senhor viera subitamente ao seu Templo e o purificara (Mt. 3:1-3). Uma lição mais profunda do que a remoção da corrupção pode ter sido a intenção ao expulsar os animais do sacrifício, talvez numa antecipação do dia em que o Templo e os seus sacrifícios estariam ultrapassados e o sacrifício final do Cordeiro de Deus fosse concluído (cons. 2:21; 1:29).

17. O incidente fez seus discípulos se lembrarem de uma passagem em um Salmo messiânico (69:9) - "O zelo da tua casa me consumirá". Aqui pode-se encontrar uma indicação de que este zelo que lhe custou a oposição do momento, finalmente lhe custaria a sua vida (cons. Jo. 2:19).

18-22. Tal ação drástica rapidamente desencadeou uma exigência dos **judeus** (líderes) para que Jesus fornecesse um sinal incontestável de que tinha autoridade para sua conduta. Ele sempre se opunha a tais exigências (6:30; Mt. 16:1). Desta vez contentou-se em apontar para o futuro. **Destruí este santuário**. O caráter figurativo do pronunciamento está evidente, não apenas em Jo. 2:21, mas por causa da completa improbabilidade dos judeus destruírem o seu próprio Templo. Essas palavras não devem ser tomadas como ordem ou convite, mas são naturalmente hipotéticas - "Se vocês destruírem, eu o levantarei".

Em três dias é o equivalente a "no terceiro dia". Aceitando isso literalmente, os judeus sentiram que sua declaração era ridícula, uma vez que o Templo levou quarenta e seis anos para ser construído. Herodes começou a sua reconstrução em 20 A.C. Havia partes que ainda não tinham sido completadas, mas a estrutura estava suficientemente completa para ser mencionada como um edifício. (Com referência ao uso figurativo de **santuário** em vez de corpo, veja I Co. 6:19.) Esta profecia

ajudou a desenvolver a fé dos discípulos, mas só depois da ressurreição do seu Senhor (cons. Jo. 12:16).

2) Os Sinais. 2:23-25.

Esta parte é transicional, tendo ligação especialmente íntima com o incidente seguinte. É um resumo, descrevendo Jesus na realização de diversos sinais em Jerusalém, os quais não foram narrados. A coisa importante é a reação, a qual neste caso não foi incredulidade absoluta, nem confiança plena em Cristo atribuída aos discípulos, mas algo que poderia ser chamado de fé milagrosa. Seu caráter insatisfatório foi declarado pelo fato de que Jesus **não se confiava a eles**, pois conhecia o coração humano e discernia a falta de fé genuína. Exemplos semelhantes são encontrados em 8:30-59; 12:42, 43.

João 3

3) O Incidente com Nicodemos. 3:1-15.

Contrastando com os muitos em Jerusalém que "creram", mas nos quais Jesus não confiava, Nicodemos avulta como alguém a quem o Senhor abriu o seu coração, alguém que se transformou em um verdadeiro discípulo. Ao mesmo tempo a passagem enfatiza um tema anterior as limitações do judaísmo corrente – mostrando a incapacidade deste líder de compreender a verdade espiritual enunciada por Jesus.

1, 2. Os **fariseus** eram os líderes religiosos da nação. Nicodemos, além de pertencer a este grupo, era também um dos **principais dos judeus**, um membro do Sinédrio. Foi ver Jesus **de noite**, provavelmente movido pela prudência. A atitude oficial para com o Nazareno, depois da purificação do Templo, devia ser de forte oposição. Talvez João estivesse também sugerindo a cegueira deste homem com referência às coisas divinas. Nicodemos estava pronto a aceitar que Jesus era um **Mestre** enviado por Deus, com milagres por testemunho. Isto poderia significar que ele era um profeta mais poderoso que João, que não realizava milagres. **Sabemos** sugere que havia outros pensando da

mesma maneira. Se há alguma indicação intencional de que Jesus pudesse ser o Messias não está claro.

3, 4. Na mente de Nicodemos os milagres podiam muito bem ser a indicação da vinda rápida do reino de Deus em sentido político. Mas Jesus apresentou um conceito inteiramente diferente do reino, com os sinais apontando para um reino espiritual de Deus.

Nascer de novo é nascer outra vez, de cima. Nicodemos ficou perplexo. Ele sabia que uma pessoa não podia nascer de novo no sentido físico. Talvez Jesus estivesse dando a entender que é completamente impossível que alguém que esteja **velho** mude sua aparência ou seu modo de ser.

5-8. Então Jesus descreveu o novo nascimento em termos de **água e do Espírito**. Dos dois, o Espírito é mais importante (veja v. 6). A água pode se referir à ênfase de João Batista dada ao arrependimento e purificação do pecado como antecedente necessário, ainda que negativo, do novo nascimento. Menos natural é qualquer alusão à Palavra (I Pe. 1:23). O ingrediente positivo é a injeção da nova vida criadora pelo poder regenerador do Espírito (cons. Tt. 3:5).

Importa-vos nascer de novo. Não é simplesmente uma exigência pessoal, mas universal. A necessidade jaz na incompetência da **carne**. Isto inclui o que é meramente natural e o que é pecador – o homem nascido neste mundo vivendo a sua vida separado da graça de Deus. A carne só pode se reproduzir como carne, e isto não pode satisfazer os requisitos divinos (cons. Rm. 8:8). A lei da reprodução é "segundo a sua espécie". Assim, do mesmo modo, o Espírito produz espírito, uma vida nascida, nutrida e amadurecida pelo Espírito de Deus. Se isso significa mistério, vamos reconhecer que na natureza também existe mistério. O **vento** (*pneuma*, a mesma palavra usada para "Espírito") produz efeitos notáveis quando sopra, mas sua fonte e movimentos futuros permanecem escondidos. Assim a vida redimida mostra-se como algo verdadeiro, ainda que desafiando a análise do homem natural (cons. I Co. 2:15).

9, 10. A perplexidade de Nicodemos produziu uma repreensão gentil da parte de Jesus. Será que um **mestre** (lit, *professor*) **de Israel** não sabia essas coisas? Não eram coisas novas (Ez. 11:19). Um reino espiritual e uma vida espiritual que lhe seja adequada não eram coisas estranhas aos ensinamentos do V.T.

11-13. Mais ainda, outros podiam dar testemunho da realidade dessas coisas - **nós dizemos**. Jesus gostava de associar-se com os seus seguidores. **Vós** (tu e os outros iguais a ti) não aceitastes o testemunho. **Coisas terrenas** são as coisas que já foram discutidas, tais como a natureza do reino e o nascimento e vida espirituais. **Celestiais** são os assuntos que o Filho do Homem, vindo do céu, tinha de revelar como novas e distintas (cons. Mt. 11:25-27). As últimas quatro palavras de 3:13 não estão nos principais manuscritos.

14, 15. Há uma resposta necessária ao imperativo do novo nascimento (cons. 3:7). O levantamento do Filho do homem não pode se referir à Ascensão, à vista da elevação da **serpente** de bronze sobre o poste (Nm. 21:8), com a qual foi aqui comparado. A alusão é à cruz (Jo. 12:32, 33). Assim como os homens atingidos pelas picadas das mortais serpentes olhavam com expectativa e esperanças para aquilo que era a semelhança do réptil que injetara o vírus da morte em suas veias, assim os pecadores deviam olhar pela fé para Cristo, seu Substituto, que veio em semelhança da carne do pecado e em lugar do pecado (Rm. 8:3). O resultado de tal fé é a **vida eterna**. Sem essa fé o homem tem de perecer. Não é aniquilação, mas a tragédia de ser eternamente separado de Deus. Aparentemente Nicodemos levou a sério a advertência e o desafio (Jo. 7:50, 51; 19:39, 40). Nesse ponto, parece, as palavras de Jesus termina e as de João continuam, a julgar pela fraseologia, a qual tem diversas analogias com outras porções do Evangelho, onde João indubitavelmente é o responsável pelo material.

4) Os Temas Latentes na Mensagem do Evangelho. 3:16-21.

O amor ao pecado estimula os homens a rejeitarem a luz de Cristo, enquanto que aqueles que aceitam a luz estão prontos a confiar nele.

16, 17. João amplia a declaração de Jesus (3:15), retendo as palavras **todo o que, pereça, crê, eterna, vida**. Os elementos que foram acrescentados são o amor de Deus e a conseqüente doação do seu Filho, o que é descrito como **unigênito**, com o significado de único, um só. Filhos adotivos não se tornam membros da Divindade. A largura do amor de Deus é enfatizada pelo fato de que o seu objeto é o **mundo** (inteiro). Embora a vinda de Cristo envolvesse juízo, como o restante da seção atesta, o propósito direto dessa vinda, que repousa sobre o amor divino, não foi a condenação mas a salvação (3:17).

18-21. O crente em Cristo não entra em juízo pelos seus pecados nem agora nem no futuro (a forma do verbo é bastante flexível para cobrir os dois aspectos). Por outro lado, aquele que recusa crer já está sendo julgado em virtude dessa recusa. Ele mesmo decidiu o seu destino. A idéia essencial no juízo é uma distinção, uma separação (o significado original da palavra); e a vinda de Cristo como luz autenticou uma grande diferença divisória. Em vez de corresponder ao amor de Deus, amando o Seu Filho, muitos homens amaram de preferência as trevas à luz porque estavam presos ao seu padrão de vida, que era mau (**obras ... más**). Em 3:20, a palavra **mal** é outra, dando a entender algo que moralmente não tem valor. O ofensor sabe que está enredado no erro, mas recusa avançar para a luz de Cristo para que suas obras, as quais ele ama, não sejam expostas. Por outro lado, aquele que vem à luz é descrito como aquele que **pratica a verdade**. Ele age de acordo com aquilo que sabe ser direito (cons. 18:37). Essa conformidade com aquilo que sabe ser a verdade prepara-o para avançar dentro da plena luz de Cristo para ser salvo. Todas as suas obras são **feitas em Deus**, que o tem dirigido até alcançar este clímax da fé (cons. 1:47).

5) Outro Testemunho de João Batista. 3:22-30.

O fato de que Jesus e seus discípulos executaram uma obra de pregação e batismo na Judéia, enquanto João e seus discípulos conduziram obra semelhante em outro setor, despertou suspeitas de que os dois estivessem em competição. João o nega enfaticamente, assumindo alegremente um papel de subordinação junto a Jesus.

22-24. Depois disto. Terminou o episódio com Nicodemos. **A terra da Judéia** foi mencionada distintamente de Jerusalém, onde Jesus estivera trabalhando (2:13 – 3:21). A atividade de Jesus batizando pressupõe pregação. Sua relação com o batismo parece que foi apenas supervisora (cons. 4:2; I Co. 1:14). **Enom** e **Salim** não foram positivamente identificados mas pensa-se atualmente que ficassem algumas poucas milhas a leste do Monte Gerizim, em vez de ao sul de Bete-Seã no alto do Vale do Jordão. **Concorria.** As pessoas que estavam interessadas na mensagem de João, de um modo geral. A prisão de João, observa-se aqui, era algo familiar aos leitores, uma vez que foi transmitida em todos os Evangelhos Sinóticos.

25, 26. Os discípulos de João foram levados a discutir com alguns judeus (há muita evidência para que se leia aqui *um judeu*) sobre a questão da purificação. O escritor não nos conta se era a purificação de modo geral, tal como praticada pelos judeus, ou se era o batismo praticado por João e Jesus em contraste dessas purificações, ou se eram os batismo de João e Jesus, um em contraste do outro. Talvez o último seja o mais aceitável, em vista da seqüência. **Foram ter.** Provavelmente os discípulos de João. **Ele.** Deixar de mencionar Jesus mais definidamente parece que foi uma estudada depreciação. Os discípulos de João estavam preocupados com a posição em declínio do seu líder. Agora, as multidões seguiam Jesus.

27-30. O Batista deplorou qualquer pensamento de rivalidade entre ele e Jesus. Seu lugar, o qual lhe fora dado por Deus (**do céu... dada**) não era o de Cristo, mas o do precursor (v. 28). Sua posição não era a do Esposo, o qual atrairia a si o povo de Deus. Isto estava reservado para

outro. Antes, ele era o **amigo do Esposo**. Tal homem tinha a função de medianeiro nos arranjos do casamento. Sua **alegria** era vicária participação da felicidade do noivo ao se formar uma nova família. O trabalho de João fora feito apresentando o trabalho de Jesus. Ele só podia batizar com água, não com o Espírito. Ele podia anunciar a vinda do reino, mas não entrar nele. Sua causa tinha de enfraquecer pela ordem natural das coisas, conforme a de Jesus se desenvolvesse (v. 30). Era o plano de Deus. E assim Jesus, além de ser superior ao Judaísmo, era também superior ao movimento que se centralizou em João (cons. Atos 19:1-3).

6) As Credenciais de Cristo. 3:31-36.

Aqui o Evangelista reflete as características de Jesus, especialmente aquelas que o destacavam do Batista. Ele tinha origem celestial, o que o colocava acima das coisas mortais e terrenas (cons. 3:13). Ele dá seu testemunho daquilo que vê e ouve, um testemunho de coisas celestiais (cons. 16:13). Só os homens regenerados, os nascidos do Espírito, podem apreciar o seu testemunho (Nicodemos estava no fundo da cena dos pensamentos de João aqui). Aqueles que aceitam o seu testemunho não precisam de outra autenticação (cons. I Jo. 5:10). Cristo declara as palavras de Deus (Jo. 3:34) como testemunha fiel. A plenitude de tais palavras, como também a sua exatidão, estão garantidas pelo imensurável dom do Espírito que lhe foi concedido. O original sugere que por meio dEle o mesmo Espírito é dado aos outros sem medida (cons. 1:33). Mais ainda, o Cristo é o especial objeto do amor de Deus e é o guardião das riquezas divinas (cons. 16:15; Mt. 11:27). Ele é a pedra de toque da vida eterna ou da ira que permanece (Jo. 3:36).

João 4

E. Missão na Samaria. 4:1-42.

Samaria, um território que os judeus evitavam se possível, tornou-se o cenário de um triunfo espiritual: um poço, uma mulher, um

testemunho, a colheita dos samaritanos que creram. Tanto o samaritanismo quanto o judaísmo precisavam do corretivo de Cristo; precisavam ser substituídos pela vida do novo nascimento.

1-4. A crescente popularidade de Jesus, que excedia a de João, começou a alcançar os ouvidos dos fariseus. Para evitar problemas com eles nessa ocasião, Jesus determinou deixar a área e ir para a Galiléia. Ali fez a maior parte de seu trabalho, de acordo com o registro dos Sinóticos.

Era-lhe necessário atravessar a província de Samaria. Em João, essa palavra costuma apontar uma necessidade divina, e pode ser o caso aqui, indicando a necessidade de lidar com os samaritanos, abrindo-lhes as portas da vida. Além disso, há a necessidade mais evidente de alcançar a Galiléia através de uma rota mais reta.

5, 6. Sicar (muito provavelmente Siquém) ficava algumas poucas milhas a sudeste da cidade de Samaria e bastante perto do Monte Gerizim, como também do terreno que Jacó deu a José (Gn. 48:22). Jacó lhe deixou também um poço por herança (Jo. 4:6). Diz-se que tinha cerca de 26 m de profundidade. Aqui, Jesus, cansado da viagem e por causa do calor do meio-dia (**hora sexta**), parou para descansar.

7-10. Uma mulher samaritana. Nenhuma referência à cidade de Samaria, que ficava muito distante, mas ao território dos samaritanos. Ela vinha equipada para **tirar água**. Considerando que a aldeia de Sicar tinha água, é possível que a caminhada solitária da mulher ao poço de Jacó indique uma espécie de ostracismo imposto pelas outras mulheres da comunidade (cons. 4:18).

Jesus interrompeu o silêncio pedindo água para beber. Era um pedido natural à vista do seu cansaço. É um lembrete pungente da humanidade de nosso Senhor. Atendido ou não (a última alternativa parece a mais provável), o pedido introduziu a conversa. A partida dos discípulos foi providencial, pois a mulher não teria conversado com Jesus na presença deles. Duas coisas deixaram a mulher admirada: que Jesus fizesse tal pedido a uma mulher, pois os rabis evitavam qualquer

contato com mulheres em público; e particularmente que ele falasse assim com alguém que era samaritano. Para explicar sua admiração, o escritor acrescenta a observação de que os judeus não se associavam aos samaritanos. Isto não pode ser aceito em sentido absoluto, pois foi refutado pelo versículo 8. Mostra a indisposição que havia entre os dois grupos de pessoas. Os judeus desprezavam os samaritanos porque eram um povo de sangue e religião misturados, apesar de possuírem o Pentateuco e professarem adorar o Deus de Israel.

Um significado mais restrito foi proposto para as palavras da mulher "os judeus não usam os mesmos vasos que os samaritanos". Isto se aplica bem à situação (D. Daube, *The New Testament and Rabbinic Judaism*, pág. 375-382). Respondendo, Jesus afastou-se de sua própria necessidade, sugerindo que a mulher tinha uma necessidade mais profunda, que alguém podia atender por meio do **dom de Deus**. Alguns o explicam em termos pessoais, referindo-se ao próprio Cristo (3:16), mas provavelmente seria melhor que o tornássemos equivalente à **água viva**. João 7:37-39 é o melhor comentário (cons. Ap. 21:6).

11, 12. Pensando no poço que estava diante dele, a mulher ficou perplexa. Jesus não tinha nenhum utensílio para tirar água e o poço era fundo. No fundo estava a **água viva** (corrente) alimentada por uma fonte. Este rabi estaria pretendendo evocar o que Jacó só conseguira com árduo trabalho? Ele realmente seria maior se o conseguisse.

13-15. A água do poço tinha de ser consumida ininterruptamente, mas a água que Cristo fornece satisfaz de modo que a pessoa **nunca mais terá sede**. É assim que a **vida eterna** refrigera. Pode-se estabelecer um paralelo com os repetidos sacrifícios da antiga aliança e o sacrifício do Cordeiro de Deus oferecido uma vez para sempre. Ainda não compreendendo, mas já receptiva, a mulher pediu essa água, para que a sua vida ficasse mais fácil (4:15).

16-18. Antes da mulher poder receber o dom da água viva, tinha de compreender o quão desesperadamente precisava dela. O dom era para a vida interior, a qual, no caso dela, estava realmente vazia.

Teu marido... não tenho marido... cinco maridos... não é teu marido. A melancólica história de sua vida conjugal foi descoberta pelo poder de penetração de Jesus e por sua própria confissão. É provável que o divórcio entrou em pelo menos algum desses cinco relacionamentos que precederam o "status" final ilegítimo. Moralmente, a mulher estivera descendo há algum tempo.

19, 20. Para a mulher, Jesus era em primeiro lugar um judeu, depois alguém merecedor do título **Senhor**, e agora um **profeta**. Ele penetrara em sua alma. A referência à adoração no Monte Gerizim, instituída para competir com a dos judeus em Jerusalém, pode ter sido uma tática diversiva, mas é mais provável que fosse uma indicação da fome de um coração em conhecer o caminho para Deus.

21-24. A hora vem. Na nova ordem que Cristo veio inaugurar, o lugar da adoração subordina-se à Pessoa. O que importa é que os homens adorem o **Pai**, a quem o Filho veio declarar. Usando o pronome **vós**, Jesus talvez antecipasse a conversão dos samaritanos. A adoração dos samaritanos era coisa confusa (cons. II Reis 17:33).

A salvação vem dos judeus, no sentido em que uma revelação especial lhes fora dada quanto à maneira certa de se aproximarem de Deus; e o próprio Jesus, como o Salvador, veio desse povo (Rm. 9:5). **A hora, e já chegou.** Mesmo antes da nova dispensação ser inaugurada em seu caráter universal, os verdadeiros adoradores têm o privilégio de adorarem Deus Pai **em espírito e verdade**. Espírito parece uma alusão a Jerusalém e sua adoração em termos da letra (Lei), enquanto que **verdade** faz contraste à adoração inadequada e falsa dos samaritanos. O novo tipo de adoração é imperativo porque Deus é **Espírito** (não *um* Espírito).

25, 26. A alusão que a mulher fez ao Messias foi provavelmente com base em Dt. 18:15-18, que era aceito como Escritura pelos samaritanos. Sendo o profeta por excelência, o Messias seria capaz de anunciar tudo. Essa melancólica projeção para o futuro foi desnecessária. **Eu o sou, eu que falo contigo.** Seria perigoso para Jesus anunciar-se

desse modo entre judeus, onde as idéias sobre o messiado eram politicamente coloridas. Aqui, ao que parece, ele se julgava seguro. A semente estava plantada, e na hora exata, pois a conversa terminou com a chegada dos discípulos.

27-30. Os discípulos ficaram admirados ao ver que Jesus contrariava a convenção social falando com uma mulher (veja v. 9). Mas o respeito por seu mestre evitou que o interrogassem abertamente. Desimpedida do seu **cântaro**, a mulher retirou-se a toda pressa para a cidade, como prova do seu propósito de retornar, pois estava determinada a obter a água viva daquele momento em diante. Ela fez mais do que Jesus pediu, e não foi ter com um só homem, mas aos homens da cidade com a notícia de sua maravilhosa experiência. Ela não tinha a presunção de ensiná-los, mas colocou um pensamento em suas mentes, por meio de uma pergunta tentadora: Será que esse não é o Cristo? Os homens ficaram suficientemente impressionados para irem com ela ao poço.

31-38. Enquanto isso os discípulos insistiam com Jesus para que comesse, mas ele declinou dizendo que tinha um alimento que eles desconheciam. Este, ele explicou, era fazer **a vontade** de Deus (v. 34). Ele a fizera na ausência deles, e a fizera à luz da cruz, onde concluiria a obra que lhe fora confiada por Deus (cons. 17:4; 19:30). Seu ministério era tanto semear como colher.

Quatro meses até à ceifa talvez fosse a espera normal no reino natural, mas levantando seus olhos os discípulos veriam terras que já branquejam (os samaritanos que se aproximavam), resultado de sua sementeira (4:35). No trabalho espiritual, o **semeador** e o **ceifeiro** costumam ser pessoas diferentes, que juntas se regozijam pelo que seus esforços combinados realizaram (vs. 36, 37). Aqui em Samaria e em muitas outras situações, os discípulos, embora não fossem os semeadores, seriam os colhedores. **Outros** talvez incluía Jesus e a mulher de Samaria. Num certo sentido até Moisés pode aqui ser incluído, sendo

humanamente responsável por implantar a semente da expectativa messiânica no coração da mulher.

39-42. Aqui somos informados do fruto que Cristo e a mulher puderam colher, como semeador e colhedor. **Muitos** creram no Senhor por causa do testemunho da mulher. Isso provocou um convite para que ficasse no meio deles, no que Cristo consentiu por **dois dias**. Durante esses dias, outros que teriam ouvido o testemunho da mulher e se inclinariam a crer em Jesus, tomaram-se crente em pleno desenvolvimento por causa do que receberam através da **sua palavra**, isto é, dos lábios de Jesus (v. 42). **Salvador do mundo** – uma grata confissão, uma vez que significava que tanto samaritanos como judeus poderiam ser salvos.

F. A Cura do Filho do Nobre. 4:43-54

Este incidente é o único parágrafo do ministério narrado por João que relaciona com esta visita de Jesus à Galiléia. O rapaz, doente em Cafarnaum, foi curado pela palavra de Jesus, quando este se encontrava em Caná, a milhas de distância.

43-45. O significado de **sua própria terra** tem sido discutido. Possivelmente a solução mais fácil é que o escritor esteja se referindo à Galiléia como um todo. Uma falta de respeito era de se esperar ali, em contraste com a crescente popularidade que lhe foi concedida na Judéia (3:26; 4:1). O fato de que os galileus que estiveram em Jerusalém e viram os seus milagres ali estivessem prontos a aceitá-lo, não os colocava na classe de crentes permanentes e verdadeiros (cons. 2:23-25; 4:48). Finalmente, os galileus o desertariam (6:66).

Enquanto estava em Caná, Jesus recebeu a visita de um oficial do rei (*basilikos*, indicando uma figura real, ou de alguém a serviço do rei). A esperança que o pai tinha de conseguir que Jesus curasse o seu filho parece que se baseava no contato com os galileus que viram os milagres de nosso Senhor em Jerusalém (4:47; cons. v. 45). Tendo viajado de Cafarnaum a Caná, o pai fez um pedido urgente e repetido (*êrôta*) para

que Jesus descesse e curasse o rapaz. Jesus expressou o temor de que o pai como muitos outros, estivesse tão preocupado com as notícias dos milagres realizados que não seria capaz de crer. Mais importante do que a saúde do rapaz era a fé do pai. A resposta do pai exala o desespero da necessidade (cons. Mc. 9:22-24). Jesus provou-se digno da fé e também simpático aos sentimentos do suplicante – **Vai ... teu filho vive**. Sua fé desenvolveu-se rapidamente, o homem creu **na palavra** de Cristo sem qualquer sinal visível, e seguiu o seu caminho satisfeito.

51-54. Os servos do nobre, vigiavam ansiosamente o filho do seu senhor na ausência deste, quando notaram a mudança drástica em suas condições e saíram ao encontro do pai com as boas novas. O próprio nobre, já tranqüilo em sua fé, estava agora interessado em saber quando ocorrera a mudança. Quando comparou o tempo da ausência da febre com o momento de sua entrevista com Jesus, ficou sabendo que a cura não fora acidental. **Creu ele**. Sua fé foi confirmada pela experiência. Sua fé contaminou toda a sua casa (v. 53). No primeiro milagre em Caná, os discípulos creram. O **segundo** milagre realizado no mesmo local resultou em um círculo de fé mais largo.

João 5

G. A Cura do Homem Aleijado. 5:1-16.

Tanto a ocasião como o lugar deste milagre tem sido muito discutido. Se essa festa dos judeus era a Páscoa, então quatro dessas festas foram mencionadas em João, fazendo o ministério estender-se aproximadamente de três anos e meio a quatro, desde que João as cita todas (as outras são 2:23; 6:4; 11:55). Uma vez que as melhores autoridades em manuscritos deixam de colocar o artigo definido, provavelmente a festa era alguma outra e não a Páscoa. O lugar do milagre já pode ser identificado atualmente, com alguma confiança, devido a escavação, em 1888, de um tanque igual ao descrito por João, localizado a nordeste de Jerusalém, perto da Igreja de Santana. As

diversas variantes do nome do tanque nos manuscritos são desnortheadas. Betezata parece autêntico. Provavelmente significa "Casa das Oliveiras".

2-4. Os cinco alpendres ou varandas, agora descobertos, abrigavam um grande número de doentes, alguns **cegos**, outros **coxos**, outros *ressecados*, isto é, **paralíticos**. Estavam ali com esperança de serem curados quando a água se mexesse. Embora nossos manuscritos tradicionais não considerem o final do versículo 3 e todo o versículo 4 como parte do original texto de João, esta porção se refere a uma tradição antiga. J. Rendel Harris encontrou, em diversos lugares do Oriente, evidências de uma superstição no sentido de que, no Ano Novo, esperava-se um anjo que agitava as águas de certas localidades, capacitando uma pessoa a obter a cura se fosse a primeira a entrar na água depois desse movimento. Com base nisso considerou a festa mencionada neste capítulo como sendo a do Ano Novo (também Westcott. Veja J. Rendel Harris, *Side Lights on New Testament Research*, págs. 36-69). As ruínas da Igreja de Santana incluem a figura de um anjo, comprovando esta crença e o costume de se buscar a cura nessas circunstâncias especiais.

5-7. Nada há que indique a natureza exata do mal que tomara conta deste homem doente por tantos anos, exceto que não podia movimentar-se sem ajuda. Não nos parece que ele tenha ficado ali todo esse tempo. Antes, era trazido quando o movimento da água era esperado. Jesus, **sabendo**. Uma vez que nada se diz sobre a transmissão de informações pelos outros concluímos que aqui, tal como no caso de Natanael e da mulher de Sanaria, Jesus discerniu o verdadeiro estado de coisas por meio de seu próprio poder de percepção.

Queres ser curado? Neste caso Jesus tomou a iniciativa. A pergunta não era inútil, pois muitas pessoas cronicamente inválidas não têm esperanças de cura. Outras usam sua enfermidade como meio de despertar simpatia, não desejando realmente serem curadas. Este homem doente queria ser curado, mas não tinha os meios (v. 7). 8, 9. Três ordens

dadas por Jesus envolvem a comunicação da força. A cura foi instantânea. **Leito.** Colchão ou esteira.

10-13. Rapidamente a cura tornou-se assunto de discussão, porque fora realizada no sábado. **Os judeus.** Neste caso, não o povo comum, mas seus líderes (cons. 1:19). Parece que viram o homem caminhando pelas ruas a caminho de sua casa, carregando sua esteira. Isso violava o descanso do sábado (Jr. 17:21). Na sua confusão, o homem já curado só podia explicar que o seu benfeitor mandara que assim fizesse (Jo. 5:11). Não era capaz de identificar quem o curara, pois não lhe perguntara o nome, e agora parecia impossível descobrir, pois Jesus já abandonara o cenário.

14-16. Não sendo culpado de violação intencional da Lei, o homem curado recebeu permissão de seguir o seu caminho. Mais tarde foi ao Templo para dar graças por sua cura. Ali Jesus o encontrou e o advertiu.

Não peques mais, para que não te suceda coisa pior. A cura física nas mãos de Jesus pode incluir perdão de pecados (cons. Mc. 2:9-12). Esse perdão não deve ser aceito levemente. A **coisa pior** fica indefinida, e a advertência torna-se mais atuante por causa disso. Retornando aos judeus, o homem identificou Jesus como sendo a pessoa que o curou, provavelmente não porque estivesse ofendido com a advertência de Jesus, mas porque sentia-se na obrigação, como membro da comunidade, de fornecer uma informação procurada pelas autoridades. Isso levou os líderes a perseguirem Jesus. Para eles estava claro que transgredira a lei. Violara o sábado. **Estas coisas** não está definido. O verbo é "ele estava fazendo", sugerindo que havia ainda outros agravos. As palavras procuravam matá-lo carecem de suficientes provas documentadas.

H. A Auto-defesa de Jesus. 5:17-47.

O discurso abaixo trata da autoridade de Jesus, a qual ele estabelece em seu relacionamento especial com o Pai.

17, 18. Já que o trabalho era motivo de discórdia, Jesus aponta para Deus como exemplo de trabalhador constante. Embora o Pai descansasse de sua atividade criadora (Gn. 2:2), ele tem de trabalhar para sustentar o universo. Ele também tem de trabalhar para introduzir a nova criação. O significado parece ser que durante todo o tempo em que o Pai esteve trabalhando, o Filho também esteve. Era uma declaração maior do que afirmar que o Pai esteve trabalhando e que agora o Filho assumia a responsabilidade. Os judeus notaram a implicação. Jesus declarava que Deus era o Seu Pai, proclamando assim sua igualdade com Deus. Era pior do que trabalhar no sábado. Tal blasfêmia exigia morte (cons. Jo. 7:30).

19, 20. Este discurso continuou sem aparente interrupção da parte dos judeus. Não havia nenhuma arrogância às declarações de Jesus que eram equilibradas por uma completa dependência e subordinação ao Pai. Isto é a verdadeira filiação, salienta Jesus, aprender do Pai e reproduzir o que foi visto (v. 19). A percepção do Filho é ampliada pela revelação que o Pai lhe dá do significado de **tudo** o que o Pai faz. Para demonstrar a realidade do relacionamento entre os dois, **maiores obras do que estas** (a cura do aleijado e sinais semelhantes) serão realizadas.

21-24. Uma dessas maiores obras é a ressurreição dos mortos (v. 21). Sem sombra de dúvida é uma obra tão criativa quanto a original transmissão de vida. Se o Filho tem o poder de ressuscitar a quem Ele quer, participa do poder do Pai.

O juízo é uma pequena esfera na qual se manifesta a autoridade divina. Essa função foi transferida para o Filho. Observe que a ressurreição e o juízo são funções escatológicas intimamente relacionadas, das quais o ministério de Cristo apresentou relances, como por exemplo a ressurreição de Lázaro e o juízo de Satanás (16:11). Por trás dessa participação de autoridade está o plano de que o Filho receberá honras iguais ao Pai. Recusá-lo é desonrar o Pai (5:23). Os dois temas: 1) vida que vem da morte e 2) o juízo, são agora reunidas (v. 24); mas aqui a ressurreição é espiritual, não física, isto é, participação da **vida eterna**.

É preciso que se creia nAquele que enviou o Filho, não no sentido de ignorar o Filho, mas percebendo-se que a fé no Pai e no Filho são indivisíveis.

25-30. Jesus expande o seu poder para produzir reavivamento espiritual (vs. 25, 26). Essa obra pertence ao futuro, Ele diz, mas também **já chegou** está sendo efetuada (observe contraste com o v. 28).

Os mortos, neste caso, não são os que estão nas sepulturas, como no versículo 28, mas os mortos no pecado. Seu reavivamento vem por meio da **voz do Filho de Deus** (cons. v. 24 – **quem ouve a minha palavra**; 6:60; 18:38). Em nada o Filho é independente do **Pai**, nem mesmo na questão fundamental da **vida** propriamente dita (5:26). Novamente Cristo apresenta sua autoridade de juízo (v. 27).

Filho do homem está sendo usado aqui como em Dn. 7:13, em relação ao juízo e domínio. É um termo escatológico técnico, indicando mais do que humanidade, mas incluindo-a. Como o Senhor da ressurreição, Jesus convocará todos das sepulturas (cons. Atos 24:15). À vista de Ap. 20:4, 5, temos de pensar em um intervalo de tempo entre essas duas fases da ressurreição. Fazer o **bem** inclui ter fé no Filho de Deus, assim como fazer o **mal** inclui a rejeição do Filho e suas declarações.

Juízo. (*Condenação* na ERC.) O versículo seguinte (Jo. 5:30) é transicional, retendo a menção de juízo do contexto recente e antecipando, pelo uso da primeira pessoa do pronome, o material que vem a seguir. O Filho somente tem este relacionamento especial com o Pai.

31-40. Nesta passagem o tema predominante é o testemunho. Se Jesus desse testemunho de si mesmo, Ele diz, isoladamente ao testemunho do Pai, seria falto porque incompleto e sem garantia. Ele não esperaria ser aceito pelos judeus. Mas o seu testemunho realmente não é desse tipo (cons. 8:18). Outro presta testemunho, o próprio Pai. Infelizmente os judeus não reconheceram o testemunho do Pai (cons. 7:28; 8:19), e portanto ficaram incapacitados de reconhecer o apoio que

Ele dava às declarações de Jesus (5:32). Uma segunda testemunha foi João Batista, que foi procurado pelos próprios judeus por causa do seu testemunho (1:26; 3:26). Este testemunho estava de acordo com a **verdade**, como a descida do Espírito sobre Jesus comprovou. Por mais útil que tal testemunha possa ter sido, levando outros a avaliarem-no corretamente, Jesus não contou com ela como sendo necessária para tomar consciência de sua pessoa e missão (5:34).

Mas a palavra de João, reconhecida por Jesus, tinha a intenção de ajudar aquelas pessoas a serem salvas, Jesus caracteriza João aqui como **a lâmpada que ardia e alumiava**. Ardendo, ele gradualmente se desvaneceu (3:30), mas iluminado, ele capacitou os homens a verem a sua necessidade de uma Luz maior (cons. 1:8). Como tal, seu testemunho permaneceu depois dele. **Por algum tempo**. A popularidade de João não durou muito. Uma terceira testemunha de Jesus encontra-se em suas obras, as quais o Pai lhe deu para realizar a fim de que autenticassem sua divina missão (v. 36). **Realizasse**. Nada experimental ou incompleto. As obras prepararam o caminho para a obra, que agora sabemos foi realizada no Calvário e a qual não necessita de correção.

Como parte da testemunha mais importante, nosso Senhor inclui o testemunho do Pai contido nas Escrituras (5:37-40). Este Ele distingue claramente do testemunho imediato que o Pai deu dEle (v. 32). A inacessibilidade de Deus, devido a sua espiritualidade (v. 37) foi sobrepujada em considerável degrau por meio da revelação dEle mesmo nas Escrituras do V.T. Mas essa **palavra** não se enraizara nos ouvintes de Jesus. A prova permanece no fato de que não receberam aquele de quem a Palavra fala (5:38).

Examinais tanto pode ser indicativo como imperativo, neste exemplo, mas o sentido da passagem favorece o indicativo. Os judeus tinham o hábito de examinar **as Escrituras** porque reconheciam que elas continham o segredo da **vida eterna**. Conhecimento da Lei era o alvo da piedade judia; assim, a Palavra escrita tendia a se tornar um fim em si mesma. Mas as Escrituras testificam de *uma pessoa*! A tragédia era que

aquela mesma Pessoa estava agora presente, e os homens religiosos não vinham a ela buscar a vida que buscaram em vão na letra da Palavra (v. 40).

41-47. Jesus não queria que os homens cressem nEle simplesmente para que Ele recebesse a **glória** (v. 41). A palavra grega é *doxa*, freqüentemente traduzida **glória**. O motivo básico para a falta de reação diante dEle e Suas declarações era a falta de reação diante de Deus. Eles careciam do **amor de Deus**, isto é, amor a Deus. Considerando que Jesus viera em nome do Pai, essa falta de amor a Deus tornava impossível que vissem que Ele e o Pai eram um, e que O recebessem. Se alguém viesse **em seu próprio nome**, não repousando, como Jesus, na autoridade do Pai, ele teria pronta resposta (v. 43). Isto provavelmente não foi dito com a intenção de profetizar a vinda de alguma figura, mas foi dito para apontar um princípio envolvendo a natureza pecadora do homem. Os judeus eram culpados de buscar honra e **glória** de uns e outros (cons. 12:43), e não de Deus, que é a única fonte de reconhecimento verdadeiro e permanente. A missão de Jesus não foi de acusar e julgar. Isto era desnecessário de qualquer forma no caso de seus ouvintes, porque um acusador existia em Moisés. Os judeus puseram confiança sem limites no que Moisés escrevera (v. 45), mas no ponto principal eles não criam de maneira nenhuma, pois falharam em receber os avisos proféticos de Moisés referentes a Cristo. Aqui devemos pensar não simplesmente em passagens individuais, tais como Dt. 18:15-18, mas da própria imperfeição da revelação sem Aquele que vinha, e da condenação da Lei, que exigia um Salvador. A revelação escrita e a revelação pessoal são basicamente a mesma coisa (v. 47).

João 6

I. Alimentando os Cinco Mil e o Sermão sobre o Pão da Vida. 6:1-71.

Alguns mestres, advogando que os capítulos 5 e 6 foram trocados, apontam certas vantagens em colocá-los na posição anterior. Mas falta

de evidências documentárias para tanto formam barreira formidável para aceitarmos esse ponto de vista. O milagre diante de nós é apenas um "sinal" registrado em todos os quatro Evangelhos. Marcos e Lucas contam que Jesus estava ensinando a multidão antes do milagre, mas só João registra o sermão que Jesus pronunciou no dia seguinte.

1-4. O outro lado do mar, neste caso, é a praia oriental. Outro nome para esse corpo de água é Lago de Genesaré (Lc. 5:1). Atraída pelos milagres de Jesus, uma grande multidão o seguia pela praia setentrional. Isso pressupõe um ministério de certa duração, talvez diversos meses, no setor da Galiléia, depois dos acontecimentos do capítulo 5 localizados em Jerusalém. **Ao monte.** As terras altas. A menção da proximidade da Páscoa é significativa. Uma vez que João não registra a instituição da Ceia do Senhor como parte de sua narrativa dos acontecimentos da Semana da Paixão, provavelmente ele está chamando a atenção do leitor para a realização do milagre e o discurso sobre a ordenança central da fé cristã.

5-7. A cidade mais próxima era Betsaida. Seria difícil para o povo obter pão, devido à distância e a hora tardia. Jesus chegou à conclusão que ele e o seu grupo deviam fornecer o necessário (v. 5). Aconselhou-se com Filipe sobre as possibilidades, já sabendo o que faria, mas desejando **experimentar** a fé do discípulo. Filipe era natural de Betsaida (1:44). **Duzentos denários de pão**, calculou o apóstolo, não seriam suficientes. Um denário valia cerca de vinte centavos e era o que se costumava pagar a um trabalhador por dia. Um trabalhador com uma família de cinco membros provavelmente gastava metade do ganho diário em alimento. Supondo que a família tivesse três refeições por dia, podemos concluir que meio denário lhes forneceria o alimento de um dia ou quinze refeições. Um denário inteiro forneceria a ração para dois dias ou trinta refeições. Duzentos denários forneceriam uma refeição para cerca de 6.000 pessoas. Nessa multidão só os homens eram cerca de 5.000 (6:10).

8, 9. Não foi necessário exaurir a tesouraria, nem causar demora importuna procurando comprar alimento. André aproximou-se

informando sobre **um rapaz**. A palavra grega usada indica uma faixa etária larga. Pode indicar também um escravo, mas seria pouco provável. Os pães eram pouco maiores que pãezinhos de lanche. O suprimento parecia tristemente pequeno para a necessidade.

10, 11. Havia necessidade de ordem para a grande operação em vista. Segundo as ordens de Jesus, dadas através dos discípulos, o povo assentou-se. A menção da relva indica a primavera (cons. v. 4). Assim o povo ficou melhor acomodado. Depois Jesus agradeceu a provisão. (Teria dado graças também pela generosidade do rapaz?). Logo a seguir, distribuiu o alimento aos discípulos, os quais por sua vez distribuíram-no entre a multidão. No processo da distribuição ocorreu o milagre. O povo saciou-se de pão e peixe, em contraste com a estimativa de Filipe "um pouco".

12, 13. A prodigalidade da distribuição foi complementada pela escassez de recipientes para se guardar as sobras. Os dons de Deus não devem ser desperdiçados. **Doze cestos** foram necessários para guardar os **pedaços**, e assim todos os discípulos estiveram ocupados.

14, 15. Não havia dúvida de que um sinal fora realizado. O povo viu e ficou impressionado. Todos foram beneficiados. Viram que o seu benfeitor não era um homem comum, e concluíram que ele devia ser o **profeta** esperado (Dt. 18:18). Aqui, como em João 4, o **profeta** parece ser identificado com o Messias, enquanto que em João 1:20, 21 os dois foram discriminados. Na mente do público provavelmente não havia uma linha dura e firme entre os dois representantes. O profeta se tornaria rei de qualquer maneira, se esta multidão pudesse fazer a sua vontade. Tal movimento expressaria imediatamente a sua gratidão pelo milagre e também garantia a canalização do poder de operar maravilhas de Jesus para as necessidades da nação, tanto econômicas como militares. A expectativa popular do Messias estava para ser expressada de maneira dramática. Mas aquele cujo reino não era deste mundo (18:36), percebendo a intenção, frustrou-a retirando-se.

16-21. O Senhor que atende à necessidade da multidão, atendeu agora à necessidade dos seus discípulos, que foram apanhados por uma tempestade noturna no lago, sem Jesus, mas ao que parece esperando que viesse ter com eles (v. 17), os discípulos dirigiram-se para Cafarnaum. À dificuldade da escuridão acrescentou-se o infortúnio de **um vento rijo que soprava** com ondas. Já tinham avançado cerca de vinte e cinco a trinta **estádios** da praia (cada **estádio** tinha cerca de 190 metros). Quando a situação estava se tomando mais desesperadora, Jesus se aproximou. Ao medo da tempestade acrescentou-se agora o medo da aparição. Mas a voz de Jesus, dizendo, **Sou eu. Não temais** desvaneceu seus temores. Receberam-no em seu barco e acharam-se imediatamente em terra. Os Sinóticos contam-nos que, nesta ocasião, Jesus andou sobre as águas. Seu poder miraculoso manifestou-se também na remoção da barreira da distância. A gravidade e o espaço, ambos estão sob o seu controle. João não acrescenta nenhuma interpretação à sua narrativa. A passagem é útil por si mesma, ensinando que apesar de forças que se opõem Jesus capacita o Seu povo a atingir os alvos que Ele estabelece diante deles, inclusive o próprio céu.

22-25. Estes versículos apresentam o cenário do discurso. Talvez fosse a tempestade que impediu o povo de abandonar a área do milagre da multiplicação dos pães, além da impressão de que Jesus ainda se encontrava por perto. O desejo de tê-lo como seu líder e provedor ainda era forte. Vendo que não partira com os Seus discípulos, ficaram perplexos quanto aos Seus movimentos. Quando uma busca pela área mostrou-se infrutífera, e chegaram barcos de Cafarnaum, a multidão decidiu entrar nos barcos e atravessar o lago na esperança de encontrá-lo do outro lado. **Quando... ?** (6:25) Jesus era um homem misterioso para eles.

26-34. Repreendidos pelo Senhor, as pessoas exigiram um sinal como base para crerem nEle. Mesmo tendo visto o milagre (cons. 6:14), Jesus acusou-as de não verem, isto é, de não enxergar além dos aspectos externos. Elas só viam a provisão do sustento material e sentiam-se

satisfeitas (v. 26). O ensinamento de Jesus aqui tinha duplo aspecto, pois ele contrastou o alimento que perece com o alimento que permanece **para a vida eterna**, e também colocou o trabalho em contraste com a dádiva (cons. Is. 55:1, 2). Mesmo o alimento que Jesus tinha providenciado do outro lado do lago era perecível. Mas Ele podia dar aquele que seria significativo para a vida eterna. Seu poder para fazê-lo descansava na autoridade de que Deus Pai o investira (*selou* com voz divina no batismo e concessão do Espírito). A advertência sobre o trabalho não foi inteiramente compreendida, pois o povo continuou perguntando o que devia **fazer para** executar as obras de Deus (v. 28), isto é, para executar obras aceitáveis diante dEle. Em resposta, o Senhor apontou a fé como sendo a obra maior e indispensável (v. 29). Isto lhes pareceu ser um requisito fora do comum. Afinal, muitos falaram em nome de Deus no passado e não exigiram que se tivesse fé neles, mas apenas naquele que os enviara. Por isso a multidão sentiu-se justificada em exigir um sinal especial para sustentar esta especial reivindicação. Para crer nEle, precisavam de algo parecido com fazer vir **pão do céu** (6:31), em contraste com o milagre do outro lado do lago.

Para evitar mal-entendidos, Jesus fê-los lembrar que não foi Moisés mas Deus que lhes dera pão no deserto, o qual também lhes garantia o pão do céu. Por **verdadeiro** devemos entender perfeito, aquele que atende às mais profundas necessidades do homem. Cristo identificou o pão como sendo **o que** (v. 33), alguém que já descera do céu para dar **vida ao mundo**. Mas uma identificação explícita com ele mesmo não foi feita na ocasião. O povo queria **desse pão**, mas parece que ainda pensava nele em termos materiais, tal como a mulher de Samaria pensava na água viva (v. 34).

35-65. Esta seção compreende o discurso propriamente dito, interrompido três vezes por perguntas e discussões.

35. Finalmente Jesus identificou-se como **o pão da vida**. Além dEle ter vida em Si mesmo, pode também transmiti-la aos outros. Mas esse pão não é algo externo, algo separado dEle. É preciso ir a Ele, que é o

equivalente a crer nEle. Aqueles que vêm, terão a fome espiritual banida para sempre. Comer e beber ocorre junto aqui, talvez em antecipação ao versículo 53. Ninguém precisa se afastar de Cristo para qualquer outra satisfação.

36. Ver não resultou em crer (cons. 6:30). "Ele mesmo era o sinal que os judeus não conseguiam compreender. Nenhum outro mais convincente podia ser fornecido" (B.F. Westcott, *The Gospel According do John*).

37. Mesmo assim, o Filho não desanimou, pois **todo aquele** que o **Pai** Lhe desse viria, e vindo encontraria nEle não o espírito da rejeição mas antes de boas vindas.

38. Essa recepção era inevitável, pois a vontade do Pai era o deleite do Filho.

39, 40. Essa vontade não se limitava à chamada mas se estendia também à preservação daqueles que foram dados a Cristo (cons. 17:12). A reunião do **último dia** desafiará o poder da morte.

41,42. A ofensa da humanidade do Nazareno cegou seus ouvintes. Eles sabiam demais a respeito dEle, inclusive quem eram Seus supostos pais, para aceitarem a conclusão de que Ele **desceu do céu** (cons. Mc. 6:2, 3).

43, 44. Aqueles que murmuravam (como seus pais no deserto) diante da alta reivindicação do Filho do homem provaram que não sabiam o que era ser trazido pelo Pai. Sem essa aproximação, uma inclinação do coração induzida por Deus, ninguém pode vir a Cristo. Ninguém pode depender de seu próprio entendimento.

45. A aproximação é mais devido ao ensinamento do que por meio de algum processo místico. Aqui Cristo citou Is. 54:13. Se **todos** for enfatizado, fica removido qualquer elemento de restrição que possa parecer escondido na idéia de aproximação conforme declarado em Jo. 6:44.

46. Mas conhecimento imediato de Deus só pode vir por meio de Alguém que tenha **visto** o Pai. Essa é a proclamação principal do Evangelho (cons. 1:18).

47, 48. Verdades apresentadas anteriormente são novamente enfatizadas.

49-51. Os judeus exigiram que Jesus trouxesse pão do céu. Qual o resultado permanente que resultaria? Os pais que comeram o maná estavam mortos, mas aqueles que participaram do pão que é o Filho de Deus não morrerão (espiritualmente), pois a própria vida de Deus tornou-se deles. A **carne** de Jesus, sua verdadeira existência corpórea, seria dada pela vida do mundo. Isso apontava para a cruz.

52-54. Ainda pensando em termos materiais, os judeus discutiam entre si sobre a possibilidade de Jesus lhes dar a sua carne para comer (v. 52). Tornando o assunto ainda mais complicado, nosso Senhor indicou que o Seu sangue, além de Sua carne, devia ser aceito se alguém quisesse ter vida (v. 53). À vista da proibição do V.T. contra a ingestão de sangue (Lv. 7:26, 27), a ofensa contido nas palavras de Jesus deve ter aumentado. Essas palavras parecem antecipar o significado da Ceia do Senhor.

55-58. A seguinte citação resume melhor o pensamento: "O alimento e a bebida da Eucaristia são, fisicamente, o pão e o vinho, e espiritualmente, a Carne e o Sangue do Filho do homem: o verdadeiro alimento e a verdadeira bebida porque efetuam a sagrada união do Filho de Deus com aqueles que crêem nEle, comunicando assim a vida eterna e garantindo a imortalidade. A união do Pai com o Filho é, portanto, entendida enlaçando também os crentes. Assim como o Pai comunica vida ao Filho, assim o Filho comunica vida àqueles que se alimentam dEle, concedendo-lhes a imortalidade" (*Hoskyns*). Essa alimentação não precisa ser confinada à celebração da Eucaristia.

59. Em Cafarnaum escavou-se uma bela sinagoga, a qual tem um pote com maná como motivo de decoração. Embora essa estrutura seja

de um período posterior ao de Jesus, uma sinagoga provavelmente havia no mesmo local no tempo de Jesus.

60-65. Esta seção relaciona-se especialmente com a reação dos discípulos diante das palavras de Jesus. Devem ser considerados à parte dos "judeus" do contexto precedente e dos Doze nos versículos seguintes. Estes discípulos eram seguidores, mas sentiram, à vista desse ensinamento, que não podiam mais continuar.

O **duro discurso é este** se refere à necessidade de comer a carne de Cristo e beber seu sangue. Sua ascensão, que para os verdadeiros crentes confirmaria suas declarações, apenas aumentariam a ofensa para aqueles que não podiam aceitar a sua humanidade oferecida por eles na morte na cruz (v. 62). Até mesmo a **carne** de Cristo, declarada tão indispensável, de nada adiantaria a não ser que o Espírito a vivificasse para o crente. Suas próprias **palavras**, entretanto, participavam do caráter do espírito, isto é, davam vida. Elas salvariam, não independente da obra histórica da cruz, mas apontando para essa obra e interpretando-a. A própria resistência encontrada pelas suas palavras entre os discípulos supostos demonstrou que a sua fé era superficial. Jesus discernia não apenas a presença de la fe falsa; mas até a traição em potencial da parte de um dos seus seguidores.

66-71. O efeito do discurso sobre os Doze está sendo agora apresentado. Este foi o momento da separação para muitos dos que foram Seus discípulos (6:66). Sua partida provocou a pergunta de Jesus aos Doze quanto às intenções deles (v. 67). Pedro, como rocha, permaneceu firme. Sua confissão é semelhante à que foi registrada pelos Sinóticos em relação com o incidente em Cesaréia de Filipe (Mt. 16:16), mas em harmonia com o discurso enfatiza que Jesus tem **palavras da vida eterna** (cons. Jo. 6:63). Outros só viam as palavras. Pedro viu que proporcionavam o gozo da vida eterna, ainda que não entendesse no momento o significado da cruz. Havia outro no grupo que não podia falar, porque era um **diabo** (*diabolos*). O significado não é que fosse um instrumento de Satanás quando Cristo o escolheu, mas que se tornara tal.

Judas pertencia à multidão que partia, mas permaneceu. Ofendido porque Jesus recusou-se ser feito rei, conclusão à que chegamos quando estudamos a sua carreira mais de perto, um dia iria traí-lo, apesar de trair a confiança daqueles que confiaram nEle para conduzi-los à vitória messiânica.

João 7

J. Jesus na Festa dos Tabernáculos. 7:1-53.

Este capítulo é inteiramente Cristocêntrico no sentido de que Cristo é o assunto de muita discussão e motivo de diferentes reações como também o tema de auto-revelação de Jesus.

1. Passadas estas cousas. Parece que a referência foi aos acontecimentos do último capítulo. Apesar do afastamento de tantos antigos discípulos, Jesus achou mais seguro permanecer na Galiléia do que voltar para a Judéia, onde havia hostilidade declarada.

2. O período passado na Galiléia foi demarcado pela Páscoa e Festa dos Tabernáculos, um intervalo um pouquinho superior a seis meses. A julgar pelos Sinóticos, Jesus passou a maior parte desse tempo em lugares afastados dos caminhos, ensinando seus discípulos.

3-9. Com a aproximação desta festa outonal, que atraía judeus de toda parte para as alegres festividades, os irmãos de Jesus acharam que a ocasião era uma oportunidade capital para ele estender sua influência. Seus **discípulos** na Judéia, talvez incluindo muitos galileus que se sentiram ofendidos e esfriaram em sua atitude, poderiam ser reconquistados vendo suas **obras**. Os irmãos eram uma miniatura da massa da nação, não duvidando da veracidade das obras, mas não crendo nEle. Seu conselho era que, enquanto Jesus permanecia **oculto**, precisava ser conhecido pelo **mundo**. Substancialmente foi isso que Satanás tentou sugerir ao nosso Senhor na segunda tentação. O tempo de Jesus não tinha chegado ainda (em outra parte comumente chamado de "minha hora" – o tempo de sua manifestação na morte). Os irmãos não tinham tal direito espiritual de orientar seus movimentos. Eles não conheciam o ódio do

mundo, pois faziam parte dele. De outro lado, Jesus, sendo a verdade, tinha de testificar contra o mal que há no mundo. Ele não podia ir a Jerusalém só para ganhar popularidade. Se Ele fosse, seria para expor o pecado. **Por enquanto não subo.** A palavra *ainda* (ERC), está ausente em muitas fontes limpas, e foi provavelmente acrescentada por algum escriba para evitar contradição com o versículo 10. Jesus, com a sua recusa, quis dizer que não subiria nos termos sugeridos pelos seus irmãos. Iria na sua hora e à sua maneira, mas permaneceria na Galiléia por enquanto.

10-13. Quando ele subiu à festa, fê-lo discretamente, **em oculto**, sem chamar a atenção. Enquanto isso **os judeus** (os líderes) ficaram à procura dele entre a multidão, perguntando: "Onde está aquele homem?" O povo também discutia a respeito dEle, com algumas diferenças de opinião, oscilando entre o veredito de **é bom e engana o povo**. O medo dos judeus mantinha os comentários em voz baixa (7:13. cons. 9:22).

14, 15. Em meio à festa, isto é, no meio da semana das festividades, a qual terminava com uma reunião no oitavo dia (Lv. 23:36). Entrando no Templo, Jesus começou a ensinar. Os líderes ficaram atônitos diante de sua exposição, especialmente à vista do fato de **que ele não fora treinado nas escolas dos rabis** (contraste com Paulo, Atos 22:3).

16-18. Aparentemente era o conteúdo dos ensinamentos de Jesus e não a sua maneira ou dicção que causava o espanto. Em lugar de se vangloriar pela sua capacidade, Jesus explicava que os ensinamentos pertenciam Àquele que o enviara, remontando diretamente a Deus, em vez de admitir que devia a algum mestre humano, tal como os escribas costumavam fazer. Qualquer um que tinha o alvo moral de agradar a Deus (fazendo a Sua vontade) seria capaz de determinar se os ensinamentos de Jesus eram independentes ou eram fiel reprodução do divino. Tal pessoa perceberia que Jesus não estava buscando sua própria glória, mas a dAquele que o tinha enviado. Tal pessoa se sentiria atraída por Jesus.

19-24. Jesus acusou os judeus de fracasso no cumprimento da Lei. Não estavam fazendo a vontade de Deus nesse sentido. Como, então, poderiam aceitar Aquele a quem Deus tinha enviado? Suas intenções homicidas para com Ele eram por si mesmas violação do sexto mandamento. A multidão, ficando ao lado dos líderes sem conhecer seus desígnios, pensava que Jesus estivesse louco, atormentado por um demônio, imaginando que Sua vida estivesse em perigo (v. 20). O Senhor tinha de atingir as raízes da animosidade dos líderes. Aquele um só feito que Ele fizera em Jerusalém e que deixara todos maravilhados, mas que colocara os líderes contra Ele, foi a cura do homem aleijado, no sábado (cap. 5). O próprio Moisés, que os judeus respeitavam tanto, ordenou a circuncisão (embora a prática se originasse com os **patriarcas** e não com Moisés), de modo que ela tinha de ser realizada no oitavo dia (Lv. 12:3), mesmo se caísse no **sábado. Pelo motivo** (v. 22) não está bastante claro quanto à relação que tem com o assunto. Possivelmente aponta a seguinte linha de pensamento - que a circuncisão no sábado era aceitável e na realidade apontava para a obra que Jesus tinha realizado, uma vez que a restauração de um homem física e espiritualmente era até mais significativo do que a administração do sinal da aliança.

25-27. Aqui encontramos reflexões referentes a Jesus partindo de um grupo que deve ser outro que "a multidão" do versículo 20. Estes eram habitantes de Jerusalém que sabiam que a intenção dos líderes era matar Jesus. Mas o fato de Jesus falar **abertamente** fê-los especular se os líderes tinham invertido seu pensamento, concluindo que este homem era o Cristo (v. 26). Pensando melhor no problema, anulava esta possibilidade, pois a origem de Jesus o excluía de considerações (cons. 6:42). O Messias tinha de ser um homem misterioso – **ninguém saberá de onde ele é** (cons. Mt. 24:24-26).

28-31. Jesus garantiu, como ponto de partida, que Seus ouvintes o conheciam e sabiam donde Ele era (v. 28). Entretanto, mesmo no plano terreno, eles não estavam bem informados, ignorando o lugar onde nascera e presumivelmente também as circunstâncias por trás do seu

nascimento (cons. v. 52). Eles nada sabiam sobre o Seu ser divino, e assim revelavam sua ignorância sobre Deus que O enviara. Esta repreensão provocou uma exibição de descontentamento. Os homens de Jerusalém estavam prontos a agarrar Jesus, mas foram providencialmente impedidos de executarem seus desígnios (v. 30). **A sua hora** é uma referência ao tempo determinado por Deus para a sua morte. Alguns da multidão não queriam abandonar a possibilidade de que Jesus fosse o Cristo, Mas, aparentemente, criam nEle apenas com base nos **sinais** e portanto não eram diferentes dos ex-crentes que o foram só de nome (cons. 2:23-25).

32-36. Sempre alertas ao que o homem das ruas dizia, **os fariseus e os principais sacerdotes** (saduceus) enviaram guardas para prenderem Jesus. Eles apareceram novamente na detenção no jardim (18:3, 12). Formavam uma força policial judia para a área do templo. À luz deste desfecho, Jesus insistia que o seu **pouco de tempo** (cons. 16:16) não seria dirigido por ciladas humanas armadas contra Ele mas pela consumação de sua obra e a sua volta ao Pai (v. 33). Então as pessoas o buscariam em vão. O tempo de buscá-lo corretamente estava se esgotando. **Dispersão entre os gregos.** Provavelmente significa a dispersão dos judeus entre os gregos, tornando possível alcançar os próprios gregos nas sinagogas judias. Foi exatamente o que Jesus fez por meio de sua Igreja em tempo posterior; assim, a declaração foi inconscientemente profética (cons. 11:52).

37-39. E no último dia... da festa. Poderia ser o sétimo ou o oitavo dia. O oitavo era uma espécie de acessório da festa e também uma conclusão do ciclo de festas do ano. Se a referência que Jesus faz à **sede** está conscientemente ligada à prática dos sacerdotes de trazerem água em um cântaro de ouro, do tanque de Siloé, todos os dias, para derramá-la no altar, então o convite de Jesus teria significado especial no oitavo dia, quando, ao que parece, esta cerimônia era omitida. A sede na viagem pelo deserto fora satisfatoriamente suprida por Deus, mas ela voltava. Jesus oferecia satisfação espiritual duradoura (cons. 4:14).

Novamente o Judaísmo estava sendo exposto por ser inadequado, o pensamento avança; pois o crente em Jesus que encontra essa satisfação transforma-se por sua vez em um canal de bênçãos para os outros como condutor de **rios de água viva** (7:38).

Qualquer alusão ao próprio Cristo (cons. 19:34) é duvidosa. A **Escritura** não pode ser identificada. Algumas passagens possíveis são Êx. 17:6; Is. 44:3, 4; 58:11; Ez. 47:1-9; Zc. 14:8. Uma alternativa seria que João não se referia a nenhuma passagem em particular, mas a um consenso de diversas delas. A promessa de vida nova em abundância atribui-se aqui ao **Espírito**, que é dado a todos os que crêem. Mas nessa ocasião o Espírito não viera ainda no sentido célebre do pentecostes (cons. 14:26; 15:26; 16:7). **Glorificado**, isto é, alcançado o alvo de sua missão na morte, ressurreição e ascensão. É do Cristo glorificado que o Espírito é o mediador para os homens.

40-44. A exclamação em voz alta e a natureza das palavras de Jesus levaram muitos dos seus ouvintes a identificá-LO com o profeta que devia vir (Dt. 18:15; Jo. 1:21; 6:14). Outros estavam preparados a considerá-LO o Messias. Isto suscitou o problema de sua origem. Para atender aos requisitos das Escrituras, o Messias tinha de vir da semente de Davi e da cidade de Davi, Belém. O povo, em sua ignorância, achava que Jesus era simplesmente galileu. Aqueles que o tinham por fingido e falso estavam a favor de sua prisão, mas foram providencialmente retidos (7:44).

45-49. Os servidores que foram mandados a buscar Jesus (v. 32) voltaram agora de mãos vazias. Assim como os outros, eles só podiam explicar o seu fracasso com base no fato de que nenhum homem falava como Ele. Sentiram nEle algo sobrenatural e sentiram-se impotentes para desempenhar sua missão. A resposta dos fariseus era que esses homens deviam receber orientação dos seus superiores. Até então **os principais sacerdotes** (membros do Sinédrio) e os **fariseus** (que ensinavam o povo) mantinham sólida frente contra Ele. **Creu nele porventura alguém...?** Era verdade, mas não por muito tempo, uma vez que um deles estava

para se declarar a favor de Jesus, ou pelo menos para defendê-lo. Os fariseus procuravam explicar o interesse popular que Jesus despertava com base no fato de que o povo era ignorante da Lei e por isso era amaldiçoado (cons. Dt. 28:15). Fontes judias indicam que freqüentemente havia má vontade entre os fariseus e os *am hares*, ou povo da terra.

50, 51. Por mais que os fariseus conhecessem a Lei, não viviam de acordo com ela, conforme Nicodemos teve a coragem de denunciar. Eles procuraram prender um homem violando a Lei, a qual exigia que um homem fosse ouvido antes de ser preso desse modo (Dt. 1:16). Assim, os judeus não eram fiéis à sua própria Lei, na qual tanto se orgulhavam (cons. v. 19). Ignorando o desmascaramento feito por Nicodemos, os fariseus apelaram para o regionalismo, como já tinha acabado de apelar para o conceito de classe. Nicodemos tivera a coragem de defender um galileu, como se ele também fosse. O que a Galiléia tinha para oferecer? Não produziu nenhum profeta. Excluindo assim a Jesus das fileiras dos profetas, os fariseus revelaram sua própria ignorância, Pois Jonas pelo menos viera dessa região (II Reis 14:25)

João 8

K. A Mulher Apanhada em Adultério. 8:1-11.

Os melhores manuscritos são fortemente contra a genuinidade deste parágrafo (inclusive 7:53) e a linguagem não parece Joanina. Mas a história é verdadeira, logo encontrando lugar no texto do Quarto Evangelho.

1. Estando em Jerusalém, Jesus costumava acampar no **Monte das Oliveiras**.

2. Quando rapaz visitou o **Templo** para aprender (Lc. 2:46). Agora ia lá para ensinar, com o povo se "amontoando à sua volta.

3. A aula foi interrompida pela chegada dos **escribas e fariseus**, os quais conduziam uma mulher apanhada em adultério. Enfurecidos por causa do sucesso de Jesus e frustrados por sua incapacidade de se

livrarem dEle, esses líderes aproveitaram a oportunidade para embaraçá-LO diante do povo. Embaraçar também a mulher, colocando-a **no meio**.

5. Fazendo Jesus lembrar a exigência de se apedrejar o autor de tal ofensa (Dt. 22:23, 24), estes líderes quiseram saber qual o veredito dEle sobre o assunto. Eles o fizeram, tentando-o por meio de um dilema. Se Ele apoiasse a Lei, a qual aparentemente não estava sendo rigorosamente aplicada em tais casos, daria a impressão de não ter coração. Se advogasse a misericórdia, poderia ser proclamado como sendo demasiadamente clemente quanto à aplicação da Lei. Se os fariseus estivessem verdadeiramente preocupados com a guarda da Lei, teriam também trazido o outro ofensor.

6. É inútil especular quanto ao que Jesus escreveu. Nada ficou registrado na narrativa. Só o que o grupo ouviu Ele (v. 9) é importante.

7. **Sem pecado.** Não necessariamente o pecado em questão, mas pecado em geral.

9. As palavras de Jesus tiveram o efeito de desviar a atenção de Si mesmo e da mulher para os acusadores. A **consciência** começou a efetuar a sua obra. **A começar pelos mais velhos.** Sua idade fazia deles os líderes, e sua experiência do pecado mais longa dava-lhes mais motivos para auto-acusação. Só dois ficaram – a pecadora e o Amigo dos pecadores. Jesus poderia ter atirado a pedra, pois Ele não tinha pecado; mas Ele estava mais preocupado com a reabilitação do pecador do que em ver a Lei meticulosamente satisfeita.

Se Suas palavras, **Nem eu tão pouco te condeno**, parecem demasiado compassivas, estão contrabalançadas pelas seguintes, **vai, e não peques mais**. Aquele que sonda os corações viu que havia arrependimento no coração da mulher. Tudo o que era preciso era uma advertência para o futuro.

L. A Auto-revelação de Jesus. 8:12-59.

Do lado dos oponentes de Jesus havia a pergunta: "Quem é você?" (v. 25), que era perene. Do ponto de vista do próprio Cristo, Ele era a luz

do mundo, embora não fosse deste mundo, Aquele que viera para libertar os homens dos seus pecados, o eterno "EU SOU". Sob todos os aspectos Ele era um agudo contraste com seus oponentes. O cenário continuou sendo o Templo (v. 20).

12. Eu sou a luz do mundo. Os antecedentes desta declaração podem se encontrar na prática de se acender os candelabros do Pátio das Mulheres (onde se localizava o tesouro, v. 20), durante a Festa dos Tabernáculos, e na nuvem de glória na peregrinação no deserto, a qual aquelas luzes pretendiam representar, e também na luz da criação (1:4, 9), agora expressa em termos espirituais. Ele é a **luz da vida**.

13-18. Prontos a acusar, os fariseus objetaram contra tal auto-testemunho e o classificaram de mentiroso (v. 13). Auto-testemunho costuma ser falso e portanto precisa de apoio de outros; mas no caso de Jesus, seu auto-testemunho era verdadeiro, pois Ele tinha absoluto conhecimento de Sua origem e destino. Naturalmente não havia nenhuma testemunha humana que pudesse corroborar tais assuntos (v. 14). Os fariseus **julgavam** (isto é, formavam uma opinião) meras considerações físicas. Estavam cegos às verdades espirituais (cons. I Co. 2:14). Por outro lado, quando Jesus julga (embora não viesse com tal propósito originalmente cons. Jo. 3:17), o veredito é certo, e permanece eternamente, pois é **verdadeiro**. O pai o endossa e participa dele (v. 16). Se o testemunho de duas **pessoas** é verdadeiro (a Lei exigia, para salvaguardar a justiça, que houvesse pelo menos duas testemunhas; Dt. 17:6), quanto mais válido é o testemunho de Cristo, que tem o testemunho do Pai com Ele (Jo. 7:18). O testemunho do Pai no batismo de Cristo e na transfiguração são passagens bem conhecidas da narrativa dos Sinóticos.

19, 20. Onde está teu Pai? Em outras palavras, se Ele estivesse ausente, eles não poderiam aproveitar seu testemunho. Esta é "uma suprema formulação da má compreensão e incredulidade dos judeus" (E. C. Hoskyns, *The Fourth Gospel*). Na verdade, deixar de perceber a verdadeira natureza de Cristo era confessar ignorância relativamente a

seu Pai (cons. 14:7, 9). O desentendimento inflamou-se novamente, mas uma vez mais Jesus não foi tocado, porque Seu trajeto não fora completado ainda (v. 20).

21, 22. A vinda da sua hora poderia significar para Jesus que Ele tinha de seguir o Seu caminho (de volta ao Pai), mas não antes de resolver o problema do pecado. Já que os fariseus não queriam aceitá-lo, teriam de **morrer** nos seus **pecados**. Sua separação seria aprofundada e selada. Eles não iriam para onde Ele estaria naquele dia, tal como, anteriormente, as predições de Jesus a respeito de sua partida causaram perplexidade (7:35), desta vez levaram à suposição de que Ele estivesse pensando em suicídio (v. 22). Sua morte, entretanto, não seria auto-imposta; esses homens é que contribuiriam para a sua consumação.

23. A perspectiva da separação definitiva focalizava a atenção sobre os contrastes do momento: **de baixo... de cima; deste mundo... não... deste mundo**. Jesus recusava-se a falar do Céu chamando de "aquele mundo", pois o termo mundo aqui enfatiza o homem revoltado e distante de Deus.

24. O pecado responsável por sua ignorância e hostilidade leva-los-ia a uma morte sem esperanças, a não ser que cressem nEle como o **EU SOU** (cons. Êx. 3:14).

25. Isto era pior, sob o ponto de vista dos judeus, do que a declaração do versículo 12, pois era reivindicação absoluta de divindade, os ouvintes de Cristo exigiram que Ele apresentasse um predicativo **Quem és tu?** Uma vez que já se fizera suficientemente conhecido, bastava-lhe repousar sobre Suas afirmações anteriores. O grego possivelmente significa que desde o princípio Ele era tudo o que tinha afirmado (cons. 1:1).

26. O **Muitas coisas** que Ele poderia dizer mais seria totalmente verdadeiro, mas apenas aumentaria a condenação dos Seus ouvintes (cons. com as muitas coisas que Jesus poderia ter dito aos discípulos, as quais apenas aumentariam a sua perplexidade; (6:12). Mas a oposição não fecharia os lábios de Jesus. Ele continuaria falando **ao mundo**.

28. A morte do Filho do homem, seu levantamento na cruz (cons. 3:14; 12:32) seriam a sua vindicação no sentido de que resultariam em ressurreição e exaltação, as quais por sua vez produziriam o mistério da convicção do Espírito. Alguns pelo menos ficariam sabendo que sua declaração de que era Eterno não eram palavras vãs (Atos 2:41; 4:4; 6:7).

30-32. As declarações de Jesus, tão simples e tão sublimes, impressionaram alguns dos que estavam presentes. **Muitos creram.** Mas, dentro de pouco tempo, pegariam em pedras para atirar nEle (8:59). É a velha história da pseudo-fé. Neste caso, eles não **permaneceram** na Sua Palavra – fator necessário para o verdadeiro discipulado, que abre o caminho para um conhecimento mais pleno da verdade – a ponto de serem libertados por meio dela (v. 32). Essas declarações compactas estão amplificadas no que vem a seguir.

33. Os judeus se ofenderam com a implicação de que não eram livres. Na qualidade de semente de Abraão eram superiores a muitos outros povos (cons. Gl. 4:22). Eram filhos do Rei celestial. Ignoravam, neste caso, sua escravidão política para com Roma, considerando-a irrelevante.

34. Sua escravidão era mais profunda do que os relacionamentos exteriores da vida. A comissão de pecado coloca uma pessoa na posição de ser **escravo do pecado.**

35. O Filho (Cristo) habita na **casa** do Pai **para sempre** como o verdadeiro Isaque. Ismael, embora seja semente de Abraão, tem de sair. O mesmo acontecia com os arrogantes judeus.

36. A verdade que liberta (8:32) foi apresentada pessoalmente. O Filho, que é a verdade (14:6), liberta os homens (cons. Gl. 4:4-7).

37. O Senhor estava pronto a admitir que os seus ouvintes eram semente de Abraão no sentido comum. Mas o antagonismo deles provava que não eram espiritualmente relacionados com Abraão, que foi um homem de fé e obediência.

38. A inspiração deles vinha de um outro pai, e não Abraão, alguém cuja sinistra identidade Cristo logo declarou.

39. Filhos de Abraão deviam ser capazes de produzir obras de Abraão. Ele agiu de acordo com a revelação divina.

40. Cristo falava a verdade (não simplesmente a verdade antagônica ao erro, mas a verdade sobre o Seu relacionamento com o Pai e a verdade sobre Sua missão). Em vez de aceitá-la, como Abraão teria feito, esses judeus procuraram matar o Filho do homem.

41. Eles tinham um pai, a quem imitavam, cujas obras reproduziam, mas esse não era Abraão. Os judeus desforravam-se criticando: "**Nós** não somos frutos de prostituição". O **nós** é enfático. Sob esta declaração parece estar a acusação de ilegitimidade cujo alvo era Jesus (essa mesma acusação tinge a narrativa do nascimento de Jesus por Mateus). Nós, diziam os judeus, somos aqueles que temos Deus verdadeiramente por Pai, sejam quais forem as suas reivindicações. Através de Abraão, vamos até ao próprio Deus.

42. Jesus refutou a declaração com o simples fato de que a atitude deles não era de amor, de afeição filial. Ele sabia que viera de Deus, pensassem eles o que pensassem.

43, 44. O verdadeiro motivo para o fracasso deles em aceitá-lo era o parentesco que tinham com o **diabo**. Ele era o pai deles. Por isso é que agiam de acordo (cons. Mt. 23:15). Seus pecados especiais eram a mentira (relacionada com a tentação no jardim) e homicídio (no estímulo de Caim para matar seu irmão - I Jo. 3:12).

45, 46. Tendo afinidade com o diabo, o mentiroso, não aceitariam a verdade vinda de Cristo. Não poderiam, entretanto, convencê-**LO** do **pecado**. Para fazê-lo, teriam de aceitar o Seu testemunho.

47. O próprio fracasso em aceitar a sua palavra selava o fato de que não eram de Deus.

48. Feridos por uma série de censuras, os judeus revidaram chamando Jesus de samaritano, isto é, alguém que não era digno de ser chamado membro do povo de Deus, ainda que vivesse em território israelita. Uma crítica mais profunda pode ser encontrada aqui se a intenção deles era repetir a acusação sobre o nascimento de Jesus. Os

samaritanos eram um povo misturado, nascidos de amálgama de israelitas e estrangeiros. Procurando explicar a forte explosão de Jesus contra eles (cons. v. 52), os judeus o acusaram de ter um demônio.

49, 50. Jesus negou a alegação. Dizer tal coisa a seu respeito era puro desacato, uma desonra que seria julgada pelo Pai.

51, 52. Voltando-se para outra declaração, Jesus prometeu a imortalidade para aqueles que guardassem a Sua Palavra. Os judeus apelaram para o ridículo, interpretando essas palavras fisicamente. Eles sabiam que a morte reclamara o povo de Deus, até mesmo Abraão.

53-58. Será que Jesus imaginava ser maior do que Abraão e os outros profetas? A resposta é dupla. Abraão sabia que Alguém maior do que ele viria. Ele viu o dia de Cristo (essa visão não foi mais claramente apresentada no sacrifício de Isaque? veja Rm. 8:32). Isto significaria que Jesus vira Abraão? Os judeus o rejeitaram como ridículo, pois Jesus era um homem de meia idade, quando muito (Jo. 8:57). Isto levou à segunda grande reivindicação de Jesus referente ao seu relacionamento com Abraão. **Antes que Abraão existisse, EU SOU** (cons. v. 24). Abraão não estava no começo com Deus.

59. Tais declarações pareciam blasfemas. Novamente pedras foram preparadas para acabar com tais declarações, mas novamente o Senhor escapou aos seus oponentes e seguiu o Seu caminho.

João 9

M. A Restauração do Cego de Nascimento. 9:1- 41.

Esta passagem tem afinidade com 8:12, pois agora Cristo demonstrou que Ele era a luz do mundo, confirmando sua declaração. Está também intimamente ligada com o capítulo seguinte, pois 10:21 indica algo da impressão causada por este milagre.

1-7. A realização do sinal. Jesus viu o homem; então os discípulos **perguntaram** a respeito dele. O interesse de Jesus animou o deles, mas de um ponto de vista diferente. Para os discípulos o cego fornecia ocasião para especulações teológicas; para Jesus era um ser humano

digno de dó e precisando de ajuda. A pergunta dos discípulos (v. 2) baseava-se na crença que a enfermidade física ou o sofrimento eram devidos ao pecado, quer dos pais (Êx. 20:5), quer do próprio homem, presumivelmente com base na preexistência da alma, que alguns judeus defendiam. Jesus desfez o pensamento de qualquer pecado especial da parte do homem ou de seus parentes e sugeriu examinar o assunto de um lado inteiramente diferente. Deus permitira aquela condição para demonstração de Sua glória, quando Seu poder operasse neste caso (v. 3). Jesus convocou os discípulos a trocaram a fútil especulação por ação. O tempo para o trabalho (**dia**) era curto demais. Os melhores manuscritos dão o texto, **Devemos trabalhar**. O Mestre estava ligando a Si os discípulos. O trabalho era deles como também Seu, ainda que o fizesse sozinho (v. 4). O pensamento antecipa 14:12. Jesus repetiu agora a majestosa declaração de 8:12, como se aplicando a verdade ao milagre que acabara de realizar (v. 5). Não era necessário ungir os olhos do cego com lodo para efetuar a cura, mas serviu para pôr a fé do homem a uma prova severa. Obedeceria? (cons. a cura de Naamã). João sugere a um significado simbólico no nome do tanque – **Siloé** (enviado). Presumivelmente o nome se originou porque as águas eram "enviadas" ou brotavam da fonte para o tanque. Na presente circunstância este nome tem um significado mais elevado, apontando para Cristo como o **enviado do Pai**, uma verdade repetidamente apresentada no Evangelho. A obediência resultou na recuperação da vista (v. 7).

8-12. Vizinhos e transeuntes ajuntaram-se à volta do homem curado. Aquele que assentado pedindo esmolas – ocupação natural para alguém nas suas condições – parecia agora tão diferente que criou um problema de identificação. Quem era ele? Sua própria afirmação de identidade provocou discussão (v. 9). A pergunta seguinte, bastante natural, referiu-se à questão da cura. Resistindo a qualquer tentação de estender a história, o ex-cego repetia fielmente as etapas. A terceira questão foi igualmente inevitável. Quem ungiu seus olhos e lhe deu a

ordem de lavá-los? A esta altura nenhuma resposta pode ser dada (cons. 5:13). Este assunto produziria mais luz (vs. 35-38).

13-17. O grupo mencionado decidiu que tinha uma obrigação, isto é, levar o homem aos fariseus, por causa da extraordinária natureza do que tinha acontecido. Além disso, a cura fora efetuada no **sábado** (v. 14). Novamente o homem foi solicitado a contar o milagre. Desta vez ele foi mais conciso, talvez indicando que estava perdendo a paciência por ser interrogado tantas vezes (9:15). A história criou divisão (*schisma*) entre esses líderes religiosos, que sem dúvida estavam informalmente reunidos. Em João este elemento é proeminente, especialmente esta divisão, tantas vezes notada, entre a fé e a incredulidade (1:11, 12; 3:36 e outros). Um grupo não via nada além do fato de que o sábado fora violado. Outros achavam difícil que um pecador pudesse realizar tais coisas. Mas suas vozes não prevaleceram. Ainda, outra vez para desviar a atenção de sua própria perplexidade, os fariseus começaram a interrogar o homem novamente. O que ele pensava de seu benfeitor? Ele demonstrou mais discernimento do que os líderes. É claro que o seu amigo não podia ser menos que um **profeta** (v. 17). Verdadeiramente Ele era um profeta poderoso em feitos (aqui) e também em palavras (4:19; cons. Lc. 24:19).

18-23. Aqui foram mencionados judeus em lugar de fariseus, provavelmente não para indicar um grupo diferente, mas para enfatizar sua posição oficial e sua hostilidade para com Jesus (tão freqüente neste Evangelho). Esses homens achavam que Deus não permitiria um milagre no sábado, portanto devia haver algo de errado na história do homem. Acharam que seria sábio interrogar seus pais (9:18). Os pais foram positivos em dois aspectos: era seu filho; era cego de nascença. Eles também concordavam que agora era capaz de ver, coisa que os próprios judeus declaravam. Mas recusavam-se a ir além disso, embora talvez soubessem o como e o quem do milagre (v. 2). O medo fazia que eles colocassem toda a responsabilidade sobre o filho. Parece que era do conhecimento geral que os judeus (líderes) tinham decidido antes dessa

ocasião excomungar qualquer pessoa que reconhecesse Jesus como o Cristo, isto é, o Messias prometido.

24-34. O homem que recuperara a visão foi novamente convocado para mais um interrogatório. **Dá glória a Deus.** Isto é, diga-nos a verdade. Veja Js. 7:19. Mas suas palavras iniciais revelavam que não estavam realizando uma investigação. Suas mentes já estava irrevogavelmente decididas. Esperavam encontrar uma brecha no testemunho do homem. Incapazes de contestar o milagre, insistiram em considerar Jesus um **pecador**. Em vez de entregar-se a um debate – antes ele tinha se oposto à acusação de pecador com a sua própria opinião de que Jesus era um profeta – o homem curado procurou terreno seguro, sua própria experiência. Aqui ele podia dizer, **eu sei**. Era cego e agora podia ver. Outros podiam testificar dEle as mesmas coisas – pais, vizinhos, amigos – mas a declaração que saía de seus lábios era muito mais significativa. A afirmação que os judeus faziam de ter conhecimento era bombástica, um pronunciamento ex-cátedra; a confissão deste homem tinha o peso da verdade simples que a apoiava. De maneira doentia os judeus retomaram ao antigo terreno; de que modo o milagre fora realizado? (v. 26)

Sentindo que o propósito do interrogatório não era o conhecimento dos fatos, o homem ficou impaciente. Por que queriam uma outra declaração quando não aceitaram a primeira? (v. 27) Completamente aborrecido, começou a dar as suas alfinetadas.

Porventura quereis vós também tornar-vos seus discípulos? Agora os judeus começaram a recorrer à ofensa verbal, acusando o homem de ser discípulo de Jesus, coisa que ele não afirmara de maneira nenhuma. Moisés dera a lei do sábado, e eles estavam sob a sua bandeira. Jesus era um intrumetido, um perturbador da paz religiosa. O verdadeiro problema era a observância da Lei versus a liberdade do regime de Cristo. Se os judeus tivessem lido tudo sobre Moisés e o tivessem feito direito, não teriam rejeitado Jesus (cons. 5:45). Mas no pé

em que as coisas estavam, eles firmemente se recusaram a crer que Deus falasse por intermédio dEle (9:29). Ele era um arrogante.

Essa atitude pareceu irracional ao homem que nascera cego. Ele achava uma coisa estranha (notável, espantoso) que esses homens, que há poucos momentos disseram confiantemente, **nós sabemos**, não soubessem de onde vinha Jesus - um homem que fizera coisa tão notável. Onde estava pois, a infalibilidade deles em questões religiosas? Dos próprios judeus tinha ouvido, sem dúvida, o ponto que agora lhes atirava, que Deus não ouviria **pecadores**. O argumento era bom. Apanhados na armadilha de suas próprias interrogações, os judeus recorreram à calúnia, o anterior estado de cegueira do homem era prova de que fora **nascido todo em pecado** (cons. 9:2) e não tinha capacidade de ensiná-los. Quando o **expulsaram**, não o excluíram formalmente, mas apenas o expulsaram de sua presença, o que poderia levar à exclusão da sinagoga mais tarde. O homem não confessou que Jesus era o Cristo, mas simplesmente que vinha de Deus.

35-41. Jesus, que primeiro viu o homem na sua condição de cego, depois curou-o, agora encontrou-o (cons. 5:14). Os parias se encontraram – Jesus, rejeitado há muito tempo, e o homem que ficou tão desiludido com a experiência que teve com os líderes do povo. Mas o encontro não foi com o fim de consolarem-se mutuamente. *Crês tu no Filho de Deus?* (ERC) Era um desafio à fé e uma declaração de divindade. Alguns dos melhores manuscritos dizem **Filho do homem** (ERA) aqui, o que não muda o sentido material, uma vez que isso significa o homem do Céu (cons. 3:13). A pergunta encontrou o coração aberto do homem e pronto a crer. Ele simplesmente pediu a identificação desse Alguém enviado por Deus. Foi o momento da auto-revelação, tal como no caso da mulher de Samaria (4:26). Dessa vez o uso da palavra **Senhor** pelo homem foi certamente mais significativo. Ele pensara em seu benfeitor como alguém que adorava a Deus (v. 31); agora estava preparado para adorá-LO (v. 38). Era muito mais do que deferência para com um grande homem; era adoração religiosa. O episódio não terminou

sem fazer notar a divisão feita por Jesus. Alguém viu a luz do dia e passou a ver a luz da vida. Outros, com supostamente muito maiores conhecimentos das coisas espirituais, eram contudo cegos, e seu contato com Cristo selou sua cegueira (v. 39). A jactância, vemos, uma vez que arrogava-se uma sabedoria que não incluía a fé no Filho de Deus, significava uma confissão de cegueira devida ao **pecado** de fecharem seus olhos àquele que era a luz deste mundo.

João 10

N. Cristo, o Bom Pastor. 10:1-42.

O cenário continua sendo Jerusalém. Logo se percebe uma ligação entre a apresentação de Cristo como o Bom Pastor e os acontecimentos dos capítulos precedentes. Os fariseus, agindo como mercenários, não se preocupavam realmente com as ovelhas, como se evidencia através de sua atitude em relação ao homem cego. Quando ele foi expulso, Jesus se aproximou e o acolheu no seu aprisco.

1-6. O ensino aqui recebeu o nome de **parábola** (v. 6), mas a palavra difere do termo usual. Indica uma figura de linguagem. Jesus estava aqui estabelecendo fundamento para a aplicação da figura a Ele mesmo na passagem seguinte.

1. Aprisco. Um lugar fechado onde as ovelhas eram abrigadas à noite, geralmente perto da casa. Só tinha uma porta. Quem estivesse inclinado ao roubo pularia o muro.

2, 3. Quem guardava a porta era o porteiro, em contraste com o pastor que era recebido pelo **porteiro**. Só há um único pastor aqui. Cristo não tem rival, embora haja vice-pastores na sua Igreja. Seu interesse pessoal pelas ovelhas foi evidenciado quando Ele declarou que as chama **pelos nomes** (cons. 1:43). Sugere-se a presença de outras ovelhas. Nem todos os que se contavam entre o povo de Deus naquele tempo podiam se chamar ovelhas do Senhor. **E as conduz para fora** em contraste com o ato dos fariseus que expulsaram o homem que nascera cego. Confiança no pastor baseia-se na voz, a qual revela a pessoa (cons.

Gn. 27:22). Nenhum estranho pode conseguir que o rebanho o siga, mesmo se conseguir entrar no aprisco saltando o muro.

6. O auditório de Jesus não captou o significado dos seus ensinamentos (9:41).

7-18. O Senhor explicou a figura em termos relacionados com a sua própria pessoa e sua missão.

7. A verdade é maior do que as formas pelas quais ela foi comunicada. Na vida real o pastor não poderia ser identificado com **a porta**. Mas o pensamento é demasiadamente valioso para deixar passar (cons. 14:6).

8. **Todos quantos vieram antes de mim.** Isto não é uma referência aos homens santos da antiga aliança, mas aos líderes judeus que tinha colocado suas garras sobre a nação antes dele erguer a sua voz. **Ladrões** são aqueles que simplesmente roubam. **Salteadores** são aqueles que também cometem violência (cons. Mt. 23:25). **As ovelhas não lhes dão ouvido.** Um exemplo era o homem cego, que se afastara desses líderes, aborrecido.

9. Jesus se referia aos vice-pastores do rebanho ou a todos os crentes? Favorável ao primeiro ponto de vista está o fato de que entrar já foi usado em relação ao pastor (vv. 1, 2). Além disso, entrar e sair é uma familiar expressão do V.T., relacionada com a atividade do líder (I Sm. 18:16; II Sm. 3:25). Apesar disso, a largura da linguagem – **alguém** – e as palavras **será salvo** favorecem uma referência inclusiva. No sentido redentor a palavra **salvar** ocorre poucas vezes em João (3:17; 5:34; 12:47). A liberdade do crente, em contraste com a sua situação no Judaísmo, parece estar indiretamente sugerida ao entrar e sair e sua nova satisfação (**achará pastagem**) era uma bem recebida mudança da aridez dos ensinamentos aos quais estivera sujeito.

10. O trabalho do Bom Pastor é construtivo. A **vida** corresponde a ser salvo (v. 9), e a abundância se refere ao encontro das pastagens. Nada no original autoriza o acréscimo de mais à tradução.

11. Aqui foi apresentada a revelação central em todo o padrão de pensamentos. Na qualidade de **bom pastor**, Jesus preencheu a

representação de Jeová do V.T. (Sl. 23:1; Is. 40:11), e também se Colocou em oposição aos líderes que prejudicavam o rebanho porque eram maus de coração. Em vez de tirar a vida, este Pastor estava preparado a dar a sua vida pelas ovelhas. É uma profecia e também uma atitude (cons. 9:17).

12. Coisa diferente é o **mercenário**, que não se preocupa com as ovelhas e as abandona em uma crise. Até um certo ponto este quadro reflete os pastores (líderes) do V.T. que não foram fiéis, conforme repreendidos nos profetas (veja Ez. 34 especialmente).

14. O cuidado do Pastor está ligado ao conhecimento e afeição mútuas que caracterizam a relação entre Ele e as ovelhas.

15. Um laço de conhecimento existe também entre o Pastor e o Pai que o enviou. O Filho conhece a vontade do Pai (que inclui o dar a vida do Filho pelas ovelhas), e o Pai conhece o Filho, e conseqüentemente conhece que pode contar com a sua obediência na execução desta difícil missão.

16. Aprisco. A mesma palavra foi traduzida para curral em 9:1. **Tenho outras ovelhas.** A linguagem é soberana e profética (cons. Atos 18:10). **Não deste aprisco.** Seria uma referência aos judeus da Dispersão? É difícil porque eles basicamente pertenciam aos judeus da Palestina. Jesus prefigurava os gentios que aceitariam o Evangelho. **Um rebanho.** Não é a mesma palavra que foi usada acima (**aprisco**) e foi propriamente traduzida (cons. um Senhor, um corpo em Ef. 4:4, 5).

17, 18. O Pai ama o Filho sempre (17:24), mas tem um motivo especial para amá-lo por causa de Sua obediência até à morte. A morte foi um **mandamento** do Pai (cons. **importa** de 3:14; Mt, 16:21). Nenhum homem podia tocar no Filho até que chegasse a sua hora (19:11). Ele entregaria o Seu espírito a Deus (19:30). Mas a morte não seria o fim. Com igual soberania de comando, o Filho revogaria a sentença de morte e retomaria a Sua vida novamente. Ele podia confiantemente predizer a sua ressurreição.

19-21. Pela terceira vez neste Evangelho lemos sobre a divisão (schisma) criado por Jesus entre os seus ouvintes (cons. 7:43; 9:16). **Muitos** queriam rejeitá-lo como endemoninhado e indigno de ser ouvido. Outros ficaram impressionados com as palavras que dizia (sem dúvida devido a sua devoção pelas ovelhas) unidas com a lembrança do milagre realizado com o homem cego.

22-30. *Comentários Adicionais sobre a Identidade de Jesus.* Provavelmente um intervalo de cerca de dois meses separavam esta ocasião da precedente. A Festa dos Tabernáculos pertencia à estação do Outono, e a Festa da Dedicção vinha no inverno. Esta celebração era em recordação da purificação e rededicação do Templo feita por Judas Macabeus depois do sacrilégio cometido por Antíoco Epifânio. O ano foi de 165 a.C. Jesus foi assediado por alguns judeus quando andava pelo alpendre de Salomão, que ficava na parte oriental do Pátio dos Gentios, o pátio maior na área do Templo, que rodeava os pátios interiores e o templo propriamente dito. Sua pergunta foi muito direta. **Até quando nos deixará a mente (alma) em suspenso?** Literalmente. Em outras palavras, eles queriam uma resposta direta. Era ou não era o Cristo?

Nosso Senhor colocou seu dedo na dificuldade. Não era falta de informação mas falta de vontade de crer. Seu próprio testemunho teria sido suficiente; se não fosse, como no caso deles, então Suas obras testificavam dEle (cons. 14:11). Não havia falta de clareza neste caso; o problema permanecia com eles. Evidentemente não lhe pertenciam, uma vez que não tinham vontade de segui-lo. Eles percebiam que o ensinamento do Seu pastor tinha um novo sentido, e não estavam preparados a deixar o Judaísmo que conheciam e ao qual se apegavam. Mas a nova ordem oferecia bênçãos e segurança que não poderiam chegar a conhecer no seu farisaísmo.

Cristo oferecia a **vida eterna** como um presente (10:28; cons. v. 10). Ao dizer que jamais perecerão se pertencessem ao seu rebanho, Jesus usou a mais forte expressão conhecida na língua. Essa certeza era possível porque a vida oferecida fundamentava-se no Seu dom (Rm.

11:29) e não em consecuições humanas. Suas ovelhas também estavam a salvo de influências estranhas – **ninguém as arrebatará da minha mão**. As ovelhas pertenciam a Cristo porque eram presentes do Pai para Ele (10:29). Naturalmente o Pai tinha interesse na sua preservação. Considerando que Ele é supremo – **maior do que tudo** – não se pode imaginar que algum poder seja capaz de arrancá-las de Sua protetora mão (cons. Rm. 8:38, 39). A conclusão do assunto é que nenhuma separação pode ser feita entre o Pai e o Filho. Eles são mais do que colaboradores; são um na essência (a palavra um não está no masculino – um indivíduo – mas no neutro, um ser).

31-33. Pela segunda vez Jesus foi ameaçado com apedrejamento da parte dos seus oponentes (cons. 8:59). A provocação aqui foi a sua declaração de ser um com o Pai, uma blasfêmia aos olhos dos judeus, que negavam a origem celeste de Jesus. Para enfrentar sua posição o Senhor não dependia da repetição de Suas declarações ou da ampliação das mesmas, mas voltava-se de Suas palavras para as Suas obras. Eram mais fáceis de serem compreendidas e apreciadas.

Muitas obras boas. A atenção foi focalizada principalmente sobre algumas, mas essas representavam as outras que não foram contadas (20:30). Eram boas obras, as quais eram de se esperar emanarem do **Pai**. Pensariam os judeus seriamente em apedrejar um homem por causa de **boas** obras? Em resposta, os judeus puseram de lado toda e qualquer referência às obras; as quais não podiam negar, e retornaram à questão das palavras de Jesus, as quais eles se sentiam obrigados a negar alegando blasfêmia. Para eles Jesus era um homem que se atrevia a passar por Deus. Com base nisso quiseram matá-lo imediatamente e o procurariam fazer mais tarde (19:7).

34-38. Neste impasse a única esperança de encontrar base para discussão adicional consistia em apelar para a lei (há forte testemunho documentário favorável à omissão da palavra **vossa**), uma vez que os judeus a aceitavam. Lei, aqui, foi usada no amplo sentido referindo-se às Escrituras do V.T. As palavras em questão, **Sois deuses**, ocorre em

Salmo 82:6, com referência aos juízes hebreus. A **palavra** de Deus concedeu-lhes um certo "status" de divindade na qualidade de seus representantes. Uma vez que a Escritura (com especial referência à passagem em questão) não pode falhar, com o fim de permitir que os homens rejeitassem seus ensinamentos, como se podia levantar objeções contra Ele a quem o Pai especialmente separara e enviara ao mundo? Pois se Cristo dissesse menos do que afirmar que era o Filho de Deus estaria dizendo uma mentira. Afirmar sua filiação não era blasfêmia (Jo. 10:36). Se os judeus não podiam testar suas declarações verbais, pelo menos podiam julgá-lo com base nas obras (vs. 37, 38; cons. vs. 25, 32). Seria possível progredir através das obras até a fé na pessoa. Essa é também a verdade contida em 20:30, 31.

39-42. A repetida afirmativa de unidade com o Pai causou uma ameaça de violência uma vez mais. Era tempo do Senhor ausentar-se da cidade. Encontrou refúgio em Betânia, além do Jordão, onde João estivera antes batizando (v. 40). Mesmo retirado não podia se esconder. As pessoas se lembraram do que João dissera a respeito dEle, e foram capazes de observar a diferença que havia entre o ministério de João, destituído de milagres, e o de Jesus, marcado por sinais. Claramente, o maior do que ele já chegara, conforme João tinha declarado. Incredulidade já não convinha mais. Muitos, ali, confiaram em Jesus. Sua fé colocou em negro relevo a incredulidade dos líderes de Jerusalém.

João 11

O. A Ressurreição de Lázaro. 11:1-57.

Esta narrativa inclui a doença, morte e ressurreição do amigo de Jesus e a reação do Judaísmo oficial diante do milagre. Conclui com a notícia do despertamento do interesse popular por este homem que estava emocionando a nação. Esse Alguém que provara ser a Luz do mundo restaurando a vista de um cego provou agora ser a Vida dos homens, o Vencedor da morte.

1-4. João dá o cenário do milagre – a doença de Lázaro e a comunicação desse fato a Jesus. Maria e Marta são mencionadas como se já fossem conhecidas do leitor (cons. Lc. 10:38-42), mas Lázaro precisa de apresentação porque seu nome não aparece na narrativa de Lucas. É interessante notar que todos esses três nomes aparecem em inscrições de ossuários escavados na Judéia ultimamente, mostrando que os nomes eram comuns nesse período (V.F. Albright, *The Archaeology of Palestine*, pág. 244). O escritor antecipa-se a sua própria narrativa de 12:1-9 identificando Lázaro como o irmão da Maria que ungiu o Senhor (11:2). Transmitindo a informação da doença de Lázaro a Jesus, as irmãs demonstraram notável reserva, satisfazendo-se em declarar o fato, sem fazer nenhum pedido (v. 3). A menção do amor de Jesus por Lázaro foi, contudo, uma espécie de apelo em si mesmo, ainda que delicado.

Esta enfermidade não é para morte. No exato momento em que falava, Lázaro já estava provavelmente morto (cons. v. 39). As palavras pertencem a um significado mais elevado, associado com a glória de Deus, a qual também é do Filho. Uma ressurreição demonstraria essa glória (uma revelação do poder divino) melhor do que a restauração de um doente.

5, 6. Nota-se o amor de Jesus por toda essa família, desafiada contudo, ainda que aparentemente, por sua inatividade em permanecer onde estava por **dois dias**, sem se preocupar em retornar a Betânia. A última parte do capítulo ajuda a decifrar este mistério. Esperando, para depois vir e ressuscitar Lázaro dos mortos, Jesus suscitou tal oposição que a sua morte parecia certa. Essa foi a medida do Seu amor pela família de Betânia.

7-16. *Discussão entre o Senhor e seus discípulos sobre a crise de Lázaro.* Jesus propôs uma volta à **Judéia** – não Betânia, como se fossem visitar a família e depois retornar – mas Judéia mesmo, o centro da oposição. Os discípulos ficaram imediatamente preocupados. Parecia-lhes temeridade, como andar na direção de uma armadilha. Jesus acabara de escapar de um apedrejamento (11:8; cons. 10:31, 39). A resposta do

Mestre pode ter sido enunciada logo após a madrugada. Aplicava-se a Ele e a Seus seguidores. Podia voltar seguramente à Judéia contanto que andasse na luz da vontade do Pai. Seus inimigos não lhe tocariam até que chegasse a Sua hora. Então, por um pequeno espaço de tempo, as trevas espirituais da oposição teriam permissão de se fecharem sobre Ele (v. 9). Quanto aos discípulos, cabia-lhes não andar nas trevas da vontade própria e separação dEle. Na falta da sua luz, eles realmente tropeçariam (cons. 9:4, 5).

Nosso amigo Lázaro, adormeceu. Não sabendo da sua morte, os discípulos interpretaram estas palavras do Senhor literalmente e acharam que havia esperanças para a sua recuperação. Mas Jesus usou a palavra "dorme" num sentido especial, referindo-se à morte do crente (cons. Atos 7:60; I Ts. 4:13). Logo a seguir anunciou bruscamente que Lázaro estava morto (Jo. 11:14). Outro paradoxo é que o Salvador disse que se alegrava por não ter estado lá. O motivo está claro. Se estivesse lá, Lázaro não teria morrido (nunca ninguém fê-lo em Sua presença); e nesse caso uma das maiores lições de fé a serem dadas aos discípulos através da ressurreição de Lázaro teria se tornado impossível (v. 15). Os discípulos nunca chegaram a um ponto de adiantamento que não necessitassem de confirmação e desenvolvimentO de Sua fé. Tomé, chamado Dídimo (gêmeo), foi o primeiro a responder à segunda proposta de Jesus de ir para a Judéia (11:15, 16; cons. v. 7).

17-19. Quatro dias. Ao que parece Lázaro morreu logo depois que o mensageiro foi enviado. Dando um dia para a sua viagem, dois dias para a demora de Jesus, e um dia para a sua volta, chegamos a esse total. A distância entre a Betânia além do Jordão e a Betânia perto de Jerusalém era de cerca de 32 quilômetros. Considerando que a casa ficava a apenas pouco mais de 3 quilômetros da cidade de Jerusalém (v. 18), **muitos dentre os judeus** acharam possível vir e oferecer condolências. **Judeus** aqui não se refere aos líderes. Sua presença era, entretanto, ambígua. Vindo a Betânia para acompanhar um enterro, alguns deles retornaram a Jerusalém como informantes (11:46).

20-27. O encontro entre Jesus e Marta. As duas irmãs aparecem nesta narrativa em papéis característicos. Marta, pronta para ação, foi aquela que deu as boas-vindas a Jesus. Maria, absorvida em sua dor, ficou quieta. Marta tinha uma queixa Jesus não estivera lá. Que diferença sua presença teria causado! Mas ela não estava criticando. Como já notamos, Lázaro já estava morto quando a notícia de enfermidade foi levada a Jesus. Marta encontrou em Jesus uma fortaleza. Suas palavras (v. 22), entretanto, quase desafiam a análise. Elas são uma expressão da confiança nEle, considerando-O tão achegado a Deus e capaz de obter um favor dEle; mas ressurreição imediata não parecia estar em sua mente (cons. v. 24). Ao afirmar a ressurreição de Lázaro, Jesus não mencionou a hora (v. 23). Marta subentendeu – **no último dia**; mas ela o disse sem entusiasmo, pois enquanto isso seu irmão permaneceria nos braços da morte. O Senhor tomou a iniciativa de corrigir a fé imperfeita de Marta (cf. v. 22) chamando sua atenção para o poder que tinha sobre a morte.

Eu sou a ressurreição e a vida. Neste caso a revelação da palavra precedeu a revelação do feito. O ensinamento vai além do caso de Lázaro e inclui todos que crêem. Duas verdades foram aqui declaradas. O crente pode morrer, como Lázaro, mas pelo poder de Cristo **viverá**, isto é, experimentará a ressurreição. Mas ainda mais importante é a posse da vida eterna obtida mediante a fé em Cristo. Aqueles que têm esta vida não podem morrer nunca no sentido de serem separados da fonte da vida (vs. 25, 26). Desafiada a crer nisto, Marta fez aquela confissão por causa da qual este livro foi escrito (11:27; 20:31), mas ela não compreendeu as implicações de sua própria declaração. Para ela, Cristo ainda não era o Senhor absoluto da vida e morte, um Salvador completo (cf. vs. 39, 40).

28-32. Jesus e Maria. Marta contou calmamente (em particular) à Maria a notícia de que o Mestre viera, provavelmente esperando tornar possível um encontro particular de sua irmã com Jesus. Mas os judeus que estavam presentes seguiram Maria ao lugar fora da aldeia onde Jesus e Marta tinha se encontrado, porque pensaram a princípio que ela estivesse deixando a casa para ir à sepultura. Em prova de reverência e

de seu desamparo, Maria **lançou-se-lhe aos pés**. Suas primeiras palavras foram iguais às de Marta. Provavelmente esse sentimento foi expresso repetidas vezes entre as duas depois da morte do irmão.

33-37. A tristeza de Jesus. Agitou-se no espírito. A palavra grega para **agitou-se**, repetida no versículo 38, parece que normalmente transmite a idéia de raiva por causa de alguma coisa. Considerando que Cristo não poderia ter sentido raiva para com Maria e os amigos que choravam com ela, é provável que essa profunda emoção fosse devido ao seu íntimo protesto contra a devastação que o pecado introduziu no mundo, com enfermidade e morte e tristeza por terrível conseqüência. A caminho da sepultura, **Jesus chorou**, vertendo lágrimas. Foi um choro silencioso contrastando com o clamor audível sobre Jerusalém ((Lc. 19:41). Os judeus que estavam presentes viram também evidências de Sua limitação. Ele dera vista aos cegos (Jo. 11:9), mas a morte era grande demais para o Seu poder (v. 37). Talvez na segunda vez em que se perturbou houvesse um misto de indignação por causa dessa visão míope do Seu poder.

38-44. O milagre propriamente dito. Essa gruta em Betânia já foi descrita por alguém que a visitou atualmente como profundamente cavada na rocha. **Tirai a pedra.** Só Cristo podia ressuscitar mortos, mas outros podiam participar de acordo com a sua capacidade. Marta, perturbada diante de uma ordem tal, vinda de Jesus, tentou interpor objeção; ela achava que o corpo certamente já tinha começado a se decompor. **Quatro dias** já tinham passado desde a morte. Sem dizer o que propunha-se a fazer, Jesus incentivou a fé de Marta, fazendo-a lembrar-se de suas palavras anteriores, aparentemente voltando ao assunto do versículo 23. Mas desta vez Ele declarou o iminente acontecimento em termos de **glória de Deus** (cons. 11:4). A glória aqui era o poder de Deus em operação, declarando a sua soberania (cons. 2:11). Não poderia haver agora um retorno; a pedra já fora removida (v. 41). Só uma coisa restava a ser feita. Por amor da **multidão** era preciso esclarecer que aquilo que ia ser feito seria feito através da comunhão de

vida e poder desfrutada pelo Filho com o Pai – para que eles cressem. Não era um pedido para ser ouvido mas uma ação de graças pelo constante laço de comunhão e compreensão.

As garras da morte foram quebradas pela voz de autoridade que chamou, **Lázaro, vem para fora**. Cristo declarou que virá o dia quando todos os mortos justificados obedecerão semelhantemente a essa mesma autoridade (cons. 5:28, 29). O Senhor não tocou no trabalho das mãos amorosas que preparam o corpo para o sepultamento, para que elas mesmas pudessem ter a alegria de desfazer esse trabalho libertando Lázaro (Lembre-se da participação humana em remover a pedra.)

45, 46. O milagre resultou em uma resposta caracteristicamente diferente. **Muitos... dentre os judeus... creram**; outros foram ter com os fariseus e contaram o que tinha acontecido.

47-50. *O efeito sobre o Sinédrio.* Este foi um dentre os muitos sinais. Os líderes sentiam-se completamente frustrados. O que deviam fazer? Expressaram seus temores de que todo o povo cresse nele – no sentido de lhe dar seu apoio e segui-lo como o Messias. Isto certamente provocaria os romanos que viriam sobre os judeus com força, uma vez que interpretariam tal coisa como revolução política. Então os judeus perderiam o seu **lugar** (Templo) e a **nação**. Sob o poderio dos romanos, desde o tempo de Júlio César, eles desfrutavam de certos privilégios como "a nação dos judeus". Exatamente a situação que eles temiam desenvolveu-se em resultado da guerra dos judeus contra Roma, nos anos 66-70 A.D. Reprendendo o grupo com "Vós nada sabeis", Caifás idealizou um plano que era cruel, mas simples: Acabar com o ofensor. Fazê-lo morrer pelo povo, para que toda a nação não perecesse.

Naquele ano. Não foi uma referência ao mandato do ofício, mas à importância daquele ano para Israel e o mundo.

51, 52. João queria que seus leitores se conscientizassem do fato de que estas palavras do sumo sacerdote eram proféticas. As palavras, de certo modo, foram colocadas em sua boca. **Profetizou.** Aqui temos um Balaão que teria amaldiçoado a Jesus, mas da profecia surgiu a

concretização do propósito de Deus de que Cristo morreria pela nação, num sentido vicário e redentivo, e até para um grupo ainda maior, todos os filhos de Deus dispersos, numa perspectiva futura, que seriam reunidos nEle. (Conf. 10:16.) Como foi bom que um homem que exerceu o cargo de sumo sacerdote tivesse, sem saber, apresentado a obra de Cristo como o Cordeiro que tira o pecado do mundo!

53, 54. O conselho do sumo sacerdote solidificou o propósito do concílio de modo que, daquele momento em diante, ficou plenamente estabelecido que Jesus tinha de morrer. Por causa disso Jesus achou melhor retirar-se daquela área e foi para um lugar chamado Efraim, perto do deserto. Tem-se tentado identificar esse lugar como situado a doze milhas mais ou menos ao norte de Betânia, perto do lugar onde o planalto começa a descer abruptamente para o vale do Jordão.

55-57. Com a Páscoa que se aproximava, Jesus não podia se ausentar da cidade por muito tempo. Embora o momento não estivesse ainda chegado, Efraim não era o substituto do cenáculo. Os próximos passos de Jesus ficaram envoltos em silêncio. João chama nossa atenção para os peregrinos que começavam a dirigir-se para Jerusalém. Na sua maioria eram simpáticos para com Jesus, contrastando com as autoridades, e trocavam idéias uns com os outros sobre se o seu herói teria a coragem de enfrentar a oposição do concílio indo à festa. Se os líderes tinham alguma autoridade sobre o povo, deviam ter muitos informantes (v. 57).

João 12

P. Jesus em Betânia e Jerusalém. 12:1-50.

Os acontecimentos aqui incluídos são: Maria unguendo Jesus em Betânia (vs. 1-11) a Entrada Triunfal (vs. 12-19); a vinda dos gregos (vs. 20-26); Jesus sentindo a aproximação da Paixão (vs. 27-36); a incredulidade do povo e seus líderes (vs. 37-43); o último apelo público de Jesus em favor da fé (vs. 44-50). A ceia em Betânia foi narrada com certas variações em Mateus e Lucas.

1. Seis dias antes da páscoa, isto é, no sábado. As outras narrativas dizem que foi na casa de Simão, o leproso. Só João menciona a presença de Lázaro.

2. Deram-lhe pois, ali, uma ceia. Simão devia sentir-se grato por sua cura, e as irmãs de Lázaro pela ressurreição de seu irmão.

3. Uma libra (litro), uma medida equivalente aproximadamente a 350 gramas. **Nardo.** O óleo de uma planta que cresce ao norte da Índia, muito caro pois era importado pela Palestina. Maria está sempre associada com os **pés de Jesus** (Lc. 10:39; Jo. 11:32).

Encheu-se toda a casa com o perfume do bálsamo. Isto é uma réplica característica às palavras de Jesus registradas nos Sinóticos dizendo que onde o Evangelho fosse pregado, no mundo inteiro, este ato seria contado em memória dessa mulher. A fragrância do ato teria larga divulgação e duradouro efeito.

5. Judas calculou o valor do nardo em **trezentos denários**, ou seja, perto de sessenta dólares.

6. Sua aparente preocupação pelos pobres era uma máscara para sua própria avareza. Acabara de perder a oportunidade de apropriar-se de uma quantia maior do que a costumeira. Evidentemente ele não precisava apresentar um relatório regular da tesouraria.

7. Jesus protegeu Maria interrompendo a crítica. **Deixai-a.** Os Sinóticos dão a impressão de que Judas, muito sentido com a reprimenda, esgueirou-se e foi negociar com os principais sacerdotes a traição do Mestre. Jesus viu na atitude de Maria um significado profundo – **para o dia em que me embalsamarem.** Por mais que Maria quisesse ajudar os pobres normalmente, reservou essa porção preciosa para Cristo. Ela antecipou sua morte. Em contraste com os líderes, Maria cria na pessoa de Jesus; em contraste com muitos que criam de modo geral, sua fé incluía a obra do Salvador – sua morte.

9. Lázaro tornou-se uma atração para muita gente que vinha vê-lo além de Jesus. Eram pessoas curiosas mas também solidárias.

10, 11. Em contraste, **os principais sacerdotes** encontraram na situação motivos para incluírem Lázaro em seus tenebrosos planos como alguém que estivesse promovendo a causa de Jesus. Um duplo homicídio não teria perturbado suas consciências já endurecidas. O próximo incidente tornou-se tradicionalmente conhecido como a Entrada Triunfal, embora esse título se aplicaria melhor à próxima vinda de Jesus.

12. É claro que aqueles que procuravam honrar o Senhor eram peregrinos, não residentes em Jerusalém. Vieram para a **feira** da Páscoa.

13. Só João menciona os **ramos de palmeiras**. Eles são citados pelo escritor de II Macabeus (10:7) em relação com a rededicação do Templo por Judas Macabeu depois da profanação pelos sírios.

Hosana. Uma palavra hebréia que significa **Salve, eu lhe peço** (cons. Sl. 118:25). No N.T. seu uso limita-se a este incidente. Às vezes não é uma oração, mas uma atribuição de louvor, e esse é o seu uso nesta passagem. Jesus está sendo saudado como o **Rei de Israel**, que viera com a autoridade do Senhor (Jeová). Esse povo esperava que Ele estabelecesse o reino de Davi com poder (cons. Mc. 11:10). A multidão estava cheia de expectativa messiânica (cons. Jo. 6:15).

14, 15. Jesus tendo conseguido. A história também se encontra em Mc. 11:1-6. João é o único evangelista que descreve o animal como sendo **um jumentinho** (*onarion*). O ato de Jesus cumpriu uma palavra de profecia (Zc. 9:9). O jumento, mais do que o cavalo, simbolizava o caráter manso e pacífico do Rei de Israel. O fato em si declarava que Jesus interpretava o acontecimento de maneira diferente da multidão.

16. Só quando Jesus foi **glorificado**, só quando o Espírito veio para instruí-los e para lembrá-los das coisas de Cristo (7:39; 14:26), é que os discípulos viram toda esta cena à luz das Escrituras e do plano de Deus.

17, 18. João informa seus leitores que grande parte do entusiasmo demonstrado durante a entrada em Jerusalém era devido à ressurreição de Lázaro. As pessoas que estiveram com Jesus naquela ocasião testemunhavam o acontecido. Outro grupo, peregrinos da festa que apenas

ouviram contar o milagre, foram ao encontro de Jesus saudando-o como herói "nacional.

19. Esta onda de popularidade obscureceu o campo dos fariseus. No seu pessimismo declararam que **todo o mundo** o seguia.

20. O movimento em prol de Jesus continuou no incidente dos gregos que expressaram o desejo de ver Jesus. Eram representantes do mundo num sentido mais amplo do que o ingerido pelos fariseus. Os **gregos** deviam aparecer agora, na véspera da Paixão. Eles lucrariam com a morte do Salvador, como a grande multidão de gentios que eles representavam.

Adorar. O costume judeu restringia-lhes o Pátio dos Gentios. Logo mais, em Cristo, a parede intermediária de separação seria derrubada. Parece que esses homens pareciam-se com o Cornélio que surgiria mais tarde. Podia-se dizer que eram tementes a Deus, mas não eram prosélitos que tivessem procurado unir-se à congregação de Israel.

21. Filipe é um nome grego. Este discípulo foi um ponto de contato natural com Jesus. **Ver a Jesus**, isto é, ter uma entrevista com ele.

22. André também é um nome grego. Este discípulo parecia ter-se especializado em levar gente a Cristo (1:41; 6:8, 9).

23. Sem se dirigir aos gregos diretamente, Jesus atendeu suas necessidades. Não teriam de esperar muito para se beneficiarem de sua missão – **é chegada a hora. Glorificado.** Isto se explica pelos versículos seguintes. No Evangelho de João a glorificação começa com a morte e inclui a ressurreição.

24. Grão de trigo. A natureza fornece uma parábola sobre a carreira de Jesus. Sem a morte sua vida permaneceria isolada, sem poder de desenvolvimento. Morte é a chave para a frutificação espiritual.

25. Quem ama a sua vida. O mesmo princípio se aplica ao discípulo. "Aquele que procura ajuntar à sua volta aquilo que é precíval, acaba perecendo junto; aquele que se despoja de tudo aquilo que só pertence a este mundo, prepara-se para uma vida mais elevada" (Westcott, *op. cit.*).

26. Siga-me. Servir a Cristo envolve segui-lo, mesmo enfrentando a morte. Isto será recompensado participando do glorioso futuro com Ele, incluindo ser reconhecido pelo Pai. Essa perspectiva está diante de qualquer homem (tanto o grego como o judeu).

27. Falando dessas coisas, Jesus tornou-se mais cômico do preço que logo pagaria pelo cumprimento do seu papel de Redentor. **Salva-me.** Este é um toque da agonia do Getsêmani. A natural inclinação de Jesus era de ser salvo daquela **hora** que estava se aproximando. Tal oração dá testemunho eloqüente da monstruosidade daquela hora. Mas a submissão de Jesus foi tão completa que teve de enfrentá-la. Por isso Ele veio. E assim a oração não foi prolongada.

28. Outra oração tomou o seu lugar. **Glorifica o teu nome.** O Pai o faria como já capacitava o Filho a enfrentar a sua hora e realizar sua missão. **Eu já o glorifiquei.** A glória do Filho, manifesto na vida e obra até aquele momento, refletia glória sobre o nome do Pai. **Outra vez,** isto é, na Paixão, que resultaria na ressurreição e exaltação.

29. A multidão, limitada em seu entendimento, interpretou mal o testemunho do Pai.

31. A hora de Jesus, além de lhe proporcionar sofrimento, traria também juízo para o mundo pecador que o colocaria sobre a cruz, e ruína para Satanás, que comanda o sistema do mundo. O Cristo expulso expulsaria aquele que leva os homens a rejeitá-lo (cons. Cl. 2:15).

32. O próprio Cristo, quando aparentemente derrotado, estaria realmente em posição de aproximar de Si mesmo os homens pelo poder do Seu sacrifício. A glória triunfaria sobre a vergonha. A vitória reluziria através da negra tragédia. **Todos,** incluindo os gregos, viriam para conhecer a influência do Seu amor redentor. **A mim.** A salvação é aproximação de Cristo, além de ser através dEle.

33. De que gênero de morte. O levantamento refere-se à crucificação. Jesus sabia que não morreria apedrejado.

34. O Cristo (Messias) que o povo aprendera a esperar da Lei (V.T. em geral) **permanece para sempre.** Como, então, poderia Jesus como o

Filho do homem cumprir esta expectativa sendo levantado para morrer? Tal Filho do homem não se encaixava na expectativa messiânica. As esperanças que eles alimentaram na entrada de Jesus em Jerusalém estavam agora desfeitas.

35, 36. Antes que o contato com o povo fosse interrompido, Jesus o advertiu que a luz iria brilhar só por um tempo limitado. Se não O aceitassem, as trevas sobreviriam. Ao que parece a advertência não foi considerada. João resume aqui a resistência à luz que continuou até o fim (vs. 37-43).

37. Os milagres não despertaram a fé da multidão no Senhor. Em João encontramos apenas exemplos dos tantos milagres.

38. Esta falta de fé estava em concordância com a anunciação profética de Isaías (53:1). Significativamente, este é o capítulo em Isaías que destaca a morte do Messias.

39, 40. Não podiam crer. A dureza dos seus corações tornava isso inevitável.

Cegou-lhes ... endureceu-lhes. Esta atividade de Deus não pode ser considerada como um plano deliberado de tornar a fé impossível para aqueles que querem crer. Antes, é a resposta de Deus à incredulidade. O Senhor os teria curado se se convertessem (voltando-se para Ele), portanto a fidelidade dEle não pode ser impugnada. O endurecimento judicial é uma fase do juízo divino. A citação é de Is. 6:10.

Sejam por mim curados. Aqui Cristo é o sujeito.

41. A glória dele, isto é, de Cristo. Tal como Isaías previu Seus sofrimentos (cons. v. 38), assim Ele via a Sua glória (Is. 6).

42, 43. Contudo prepara o leitor para uma exceção ao endurecimento geral de Israel. A identidade desses líderes que "creram" é desconhecida. Falta de vontade de confessar Cristo, entretanto, lança a dúvida na perfeita genuinidade da fé desses homens (cons. 2:23-25). Provaram ser indignos da aprovação divina. Neste ponto João introduz a apresentação final que Jesus faz de Si mesmo à nação.

44, 45. Clamou enfatizando o caráter público do ensinamento e a sua urgência. Jesus reafirmou Sua missão recebida do Pai (12:44) e Sua unidade com Ele (v. 45).

46. A luz. Cons. 1:7-9; 3:19; 8:12; 9: 5; 12:35.

47, 48. Se as palavras de Cristo fossem agora rejeitadas, elas agiriam como juiz no último dia. Suas palavras nunca passariam.

49. Jesus só dissera aquilo que o Pai lhe dera para falar. Como, então, poderia ser Ele culpado de blasfêmia ou mentira?

50. Vida eterna. Isto se encontra na palavra falada de Jesus, assim como se acha presente nele como o Verbo (6:63; 1:14, 18).

III. O Ministério de Cristo aos Seus. 13:1 – 17:26.

João 13

A. O Lava-Pés. 13:1-17.

Dos Sinóticos ficamos sabendo como Jesus enviou dois dos Seus discípulos para prepararem o cenáculo para a festa e como planejou comungar com eles (Lc. 22:7-13).

1. Ora, antes da festa da Páscoa. Surgem as perguntas. A refeição no cenáculo foi uma refeição de confraternização, ou foi realmente a Páscoa? Em duas outras passagens João parece dizer que a Páscoa não tinha ainda chegado (13:29; 18:28). Os Sinóticos tornam claro que Jesus e os discípulos comeram a Páscoa. Esta disposição em João pode representar um protesto contra a observância oficial dos judeus neste dia, tendo por base um calendário diferente, de acordo com a prática da seita Qumran (Matthew Black, "The Arrest and Trial of Jesus and the Date of the Last Supper", no *New Testament Essays: Studies in Memory of T. W. Manson*, ed. por A.J.B. Higgins, págs. 19-33). Outra possibilidade é que as referências em João 13:29 e 18:28 feitas à Páscoa no futuro devem ser explicadas como referências à Festa dos Pães Asmos, a qual às vezes era chamada de Páscoa (Lc. 22:1). Ela começava imediatamente após a Páscoa e durava uma semana. Mesmo assim, a refeição aqui

mencionada parece ter se realizado antes da Páscoa, quer fosse ou não a devida observância da festa anual. **Hora.** Considerada aqui não do ponto de vista do sofrimento mas de vindicação e retorno ao Pai (cons. 19:30; Lc. 23:46).

Amou-os até ao fim. Ou, no fim (à conclusão dos dias da preparação e antecipação). Esta expressão (*eis telos*) também pode significar "ao máximo" (cons. I Tes. 2:16).

2. Durante a ceia. Outra tradução, largamente adotada atualmente, diz, **enquanto a ceia se realizava.** A atitude de Jesus de lavar os pés dos discípulos se encaixaria melhor do que depois. O amor de Jesus faz agudo contraste com o ódio de Satanás e Judas.

3. Possuindo o conhecimento de Sua autoridade, Sua origem divina e Sua volta certa ao Pai, Jesus não fugiu à humilde tarefa. Este é o caráter do espírito da Encarnação.

4, 5. O material necessário para o lava-pés estava ali (cons. (Lc. 22:10), mas não havia servo (Jesus solicitara completo isolamento). Um dos discípulos poderia ter-se oferecido para fazê-lo, mas todos eram orgulhosos demais. A esta altura estavam discutindo qual deles seria o maior (Lc. 22: 24).

6. Não se pode determinar se Cristo aproximou-se de Pedro em primeiro lugar. O que está claro é o sentimento de indignidade de Pedro para aceitar que o Senhor executasse tal serviço para ele. Os pronomes **tu** e **mim** são enfáticos. Corajosamente o discípulo declarou o que pensava.

7. Na resposta de Jesus há uma ênfase parecida sobre o eu e tu (sabes). **Agora... depois.** Nenhuma referência ao Céu ou aos acontecimentos da noite, mas à iluminação do Espírito mais tarde.

8. Mais impressionado com a injustiça da situação do que com o seu significado oculto, Pedro insistiu em que Jesus não lhe lavasse os pés. Mas a réplica do Senhor elevou o ato da condição de simples serviço servil para uma de significado espiritual. Não ser lavado por Cristo é estar impuro, é não ter parte com Ele.

9. A alternativa de ser separado de Cristo era muito pior para Pedro do que a vergonha de ser servido dessa maneira por seu superior. Eis porque a impulsiva inclusão de mãos e cabeça. Todas as outras partes estavam incluídas, é claro. Pedro não queria que nada ficasse excluído de ser lavado.

10, 11. Pedro precisava saber que a virtude do lavar não era quantitativa, pois O ato era simbólico da purificação interior. **Banhou** (de *louô*) indica um banho completo.

Lavar... pés. Aqui a palavra é *níptô*, apropriada para a lavagem de porções individuais do corpo, tal como na narrativa anterior. A lavagem da regeneração torna uma pessoa limpa à vista de Deus. Isto está simbolizado no batismo cristão, que só se administra uma única vez. Purificação posterior das manchas de impureza não substitui a purificação inicial mas só tem significado à luz dela (cons. I Jo. 1:9).

Estais limpos, mas não todos. A referência é a Judas. Jesus sabia o que havia no seu coração e quais eram seus planos (cons. 6:70, 71). Com referência a **limpos**, veja 15:3. Judas não era um homem regenerado.

12. Compreendei o que vos fiz? O lado divino do ato já foi explicado em termos de purificação, mas o lado humano precisava ser apresentado – o ato como símbolo do que os discípulos tinham de fazer uns pelos outros.

13, 14. Se o seu superior, que era Senhor e Mestre (professor), estava pronto a realizar esta tarefa para eles, é claro que deviam fazê-lo uns pelos outros. Humildade não é abnegação essencialmente, mas desinteresse próprio em serviço dos outros.

15. O exemplo. Isto exclui qualquer pensamento de que o lava-pés seja uma ordenança. As Escrituras silenciam sobre a prática, salvo na qualidade de um serviço ministrado por causa do amor na questão da hospitalidade (I Tm. 5:10).

B. O Anúncio da Traição, 13:18-30.

Judas estivera na mente do Senhor mesmo durante o lava-pés (vs. 10, 11). Agora já não era mais possível esconder a revelação de que haveria uma traição. Com grande sabedoria Jesus logrou que Judas soubesse que Ele estava cômico de suas intenções e que o excluía de Sua companhia. Assim ele forneceu o tipo de atmosfera adequada para continuar com Seus ensinamentos.

18. Não falo a respeito de todos vós. Judas não poderia lucrar com o exemplo dado no lava-pés.

Eu conheço aqueles que escolhi – inclusive Judas. As Escrituras já tinham declarado de antemão a traição deste homem (Sl. 41:9). O versículo não foi citado todo, pois a primeira metade não era aplicável.

19. Qualquer tentação da parte dos outros discípulos para duvidar da sabedoria de Jesus na escolha de Judas foi assim prevenida, pois Cristo não foi tomado de surpresa. Depois da Paixão, esses homens poderiam olhar para trás e crer no seu Senhor mais firmemente do que nunca.

20. Judas não continuaria como representante de Cristo, mas esses homens sim. Eles levavam o nome e a autoridade do Salvador. Aqueles que reagissem favoravelmente estariam reagindo ao próprio Cristo. Este princípio tem base no próprio relacionamento de Jesus com o Pai.

21. Agora Jesus revelava a causa do estado perturbado de seu coração. Um traidor estava entre eles – **um dentre vós.**

22. A perplexidade sobre a identidade do traidor tomou conta do círculo apostólico. Judas desempenhou bem o seu papel. Estava fora de suspeitas.

23. O "discípulo amado" ocupava um lugar imediatamente ao lado de Jesus à mesa. Ele podia reclinar-se no seio do Salvador por causa da posição usada.

24. Ansioso em saber quem era o traidor, Pedro, longe demais para perguntar o nome a Jesus, acenou para João fazer a pergunta.

25, 26. Em resposta à pergunta cochichada por João, Jesus identificou o traidor, não pelo nome, mas indicando que era aquele a quem passaria o **bocado molhado**, um pedaço dado como sinal de favor especial e unidade. **Deu-o a Judas.** Iscariotes provavelmente significa "homem de Querite", uma cidade da Judéia.

27. Aceitar o bocado sem aceitar o amor suplicante que vinha junto significa que Judas estava endurecendo seu coração para fazer o que estava determinado a fazer – trair o Senhor. Fora descoberto e indignou-se. Desse momento em diante **Satanás** o controlou inteiramente. **Faze-o depressa.** Mais esforços em dissuadir Judas eram inúteis.

28. Nenhum... percebeu. Parece que Judas estava assentado do lado de Jesus, do lado oposto de João. A palavra de ordem despedindo Judas não foi ligada à traição nas mentes dos outros.

29. Sabendo que Judas era o tesoureiro, imaginaram que estivesse sendo enviado a fazer alguma compra para a festa ou de algo a ser distribuído entre os **pobres** (Ne. 8:10).

30. E era noite. Numa obra tão sensível ao simbolismo e significado oculto como este Evangelho, estas palavras devem ter significado especial. Descrevem imediatamente a condição de trevas de Judas por se entregar ao ódio de Jesus e também a aproximação da hora quando os poderes das trevas engoliriam o Salvador.

C. O Discurso no Cenáculo. 13:31 - 16:33.

Estas palavras preciosas de Cristo foram pronunciadas à luz de sua iminente partida para o Pai e tinham em vista as condições sob as quais os discípulos do senhor teriam de prosseguir sem sua presença pessoal (16:4). Três linhas principais de ensinamentos discernem-se aqui: 1) ordens referentes à tarefa que estava diante dos discípulos, a qual foi um testemunho frutífero enlaçado e permeado pelo temor; 2) advertências referentes à oposição que teriam de enfrentar do mundo e Satanás; e principalmente 3) uma exposição das provisões divinas com as quais os discípulos seriam sustentados e triunfariam nos dias futuros. De vez em

quando os ensinamentos do Senhor eram interrompidos por perguntas, mostrando que os discípulos tinham falta de entendimento em muitos pontos.

31-35. *Aviso da partida e ordem para que amassem uns aos outros.*

31. Agora foi glorificado o Filho do homem. Com a saída de Judas, rapidamente se preparava o cenário para aquela série de acontecimentos que glorificariam o Filho e o Pai. Na morte Cristo seria glorificado aos olhos do Pai (cons. I Co. 1:18, 24). O Pai veria na morte na cruz o cumprimento de Seu propósito. Só depois da Ressurreição os discípulos sentiriam a glorificação.

32. Deus foi glorificado nele. Na ressurreição e exaltação de Jesus e no derramamento do Espírito sobre os discípulos, Deus manifestaria que Aquele que foi obediente até a morte, honrado agora por Sua fidelidade, era Aquele que era um com Ele exatamente como proclamou.

33. Filhinhos. A terna afeição foi aguçada pela comoção do adeus. Os judeus o buscariam por curiosidade, e os Seus por causa de afeição pessoal ; em ambos os casos, porém, seriam em vão buscá-lo no sentido físico.

34. Havia algo, entretanto, a que poderiam dedicar vantajosamente suas energias.

Novo mandamento... Que vos ameis uns aos outros. Era novo no sentido de que o amor devia ser exercido na direção dos outros não porque pertencessem à mesma nação, mas porque pertenciam a Cristo. E era novo porque devia ser a expressão do amor sem-par de Cristo, o qual os discípulos viram na vida e veriam também na morte.

Como eu vos amei. Era, ao mesmo tempo, o padrão e o poder motivador do amor que devia se manifestar.

35. Tal amor tinha de inevitavelmente ser um testemunho ao mundo. Perpetuaria a memória de Cristo e apontaria para a continuação de Sua vida, pois essa qualidade de amor só fora vista nEle. Os homens reconhecem a bênção que há em tal amor ainda que eles mesmos não sejam capazes de produzi-lo.

36-38. Pedro recusou-se a aceitar o prospecto da separação. Foi informado de que não poderia seguir a Cristo naquela hora, mas poderia fazê-lo **mais tarde** (cons. Jo. 21:19). Pronto a segui-lo agora Pedro estava pronto a dar a sua vida pelo seu Senhor. Tal autoconfiança exigia uma repreensão. A pretensa lealdade de Pedro produziria baixa rejeição, três vezes cometida.

João 14

O capítulo 14 trata principalmente do encorajamento específico para contrabalançar a partida de Jesus, a deserção de Judas, e a predita queda de Pedro. E são: a provisão final da casa do Pai; a volta de Cristo para os Seus; a perspectiva de fazer coisas maiores; as possibilidades ilimitadas da oração; o dom do Espírito Santo; e a provisão da paz de Cristo.

1. Se Pedro, o líder do grupo apostólico, falharia, é claro que os corações estivessem turbados. Essa palavra foi usada em relação do próprio Jesus em Jo. 11:33; 12:27; 13:21. "Ele experimentou aquilo que poderia confortar e controlar em nós" (T.D. Bernard, *The Central Teaching of Jesus Christ*).

Crede é, provavelmente, um imperativo em ambos os casos. Tudo parecia estar às margens de um colapso. Era necessário uma renovada fé em Deus. A causa de Jesus parecia estar diante da derrota; portanto a fé nEle era mais necessária do que nunca. Cada nova provação como cada nova revelação é uma chamada para a fé.

2. Casa de meu Pai (cons. 2:16). O Templo em Jerusalém, com seus vastos pátios e numerosos gabinetes, sugere o antítipo do Céu. **Muitas moradas.** Lugares de *habitação*. A mesma palavra de 14:23. **Eu vo-lo teria dito.** O discípulo tem o direito de supor que tem uma provisão divina adequada mesmo quando não foi declarado. **Vou preparar-vos.** Como Pedro e João foram à frente preparar o recinto para a ceia, Jesus precedia os demais na glória para preparar "o cenáculo" para os Seus.

3. Voltarei. Gramaticalmente, é um presente do futuro, enfatizando ambos, a certeza da vinda e a natureza iminente do acontecimento. A vinda não enfatiza o Céu como tal, mas antes a reunião de Cristo e o Seu povo. **Onde eu estou** – a mais satisfatória definição do Céu. Esta linguagem espacial torna difícil interpretar o versículo como sendo uma provisão da contínua presença de Cristo com o Seu povo enquanto Este ainda se encontra na terra. A aplicação das palavras à morte do crente também não é apropriada, pois nessa experiência os santos de Deus partem para ir ter com Cristo (Fl. 1:23).

4. Os melhores textos traduzem assim: *Vocês sabem o caminho para onde vou.*

5. Tomé viu um problema duplo no pronunciamento de Jesus. Uma vez que ele como também os outros, não conheciam o destino, como poderiam conhecer o caminho?

6. O caminho. Isto tem um destaque especial por causa do contexto. Foi um tanto antecipado no ensino sobre a porta (10:9). **A verdade.** Cristo como verdade torna o caminho digno de confiança e infalível (cons. 1:14; 8:32, 36; Ef. 4:20, 21). **A vida** (cons. 1:4; 11:25).

Ninguém vem. O verbo coloca Jesus ao lado de Deus e não ao lado do homem (Ele não disse "vai"). "Nenhum homem pode alcançar o Pai a não ser que compreenda a Verdade e participe da Vida que foi revelada aos homens por Seu Filho. Assim, apesar de ser o guia, Ele não nos guia a algo além de Si mesmo. O conhecimento do Filho é o conhecimento de Deus" (Hoskyns).

7. As palavras sugerem o fracasso dos discípulos em conhecer Cristo como Ele realmente era. À vista desta última revelação, entretanto, não poderia haver justificativa para o fracasso em conhecer o Pai tão bem quanto o Filho. Alguns manuscritos dão uma tradução diferente. "Se vocês me conhecessem (como me conhecem), conheceriam também o meu Pai".

8. O desejo de uma experiência objetiva era forte – **mostra-nos o Pai** (cons. Êx. 33:17). Filipe sentia que conhecia Deus, mas não como Pai no sentido máximo que Jesus tinha em mente quando falou dEle.

9. Há tanto tempo. Era pateticamente tarde para o pedido. O Filho estivera revelando o Pai o tempo todo (10:30). Isto estava no fundo de sua missão (1:18).

10. É claro que Filipe tinha de crer que havia comunhão de vida entre o Pai e o Filho. Da união entre o Filho e o Pai vinham **as palavras** que Jesus falava. Das obras que Ele realizava vinha a demonstração de que o Pai habitava nEle e agia por intermédio dEle.

11. A exortação transferiu-se de Filipe para os Onze. **Crede-me.** Isto é, aceitem meu testemunho sobre o meu relacionamento com o Pai. Uma opinião suficientemente elevada de Cristo torna sua auto-revelação em evidência final. Para aqueles que precisam de outra evidência, **as obras** estão lá para sustentarem a reivindicação.

12. Obras... maiores. Não devem se restringir aos sinais que Jesus operou nos dias da sua carne. As obras não poderiam ser maiores do que as Suas em qualidade, mas maiores em extensão.

Porque eu vou para junto do meu Pai. Esta é a razão das obras maiores. As restrições impostas a Jesus pela encarnação podiam ser removidas, sua posição com o Pai podia ser relacionada às obras maiores de duas maneiras: respondendo às orações dos Seus, e enviando o Paráclito como fonte infalível de sabedoria e força. As obras, então, não seriam feitas independentemente de Cristo. Ele responderia as orações; ele enviaria o Espírito.

13, 14. Tudo quanto. O alcance da oração. **Pedirdes.** A condição da oração. **Em meu nome.** O terreno da oração. Isto envolve duas coisas pelo menos: orar com a autoridade deferida por Cristo (cons. Mt. 28:19; Atos 3:6) e orar em união com Ele, para que não se ore fora de Sua vontade. **Isso farei.** A certeza da oração. **A fim de que o Pai seja glorificado no Filho.** O propósito da oração. **Se pedirdes.** O se está do lado daquele que ora, não do lado de Cristo.

15. Se me amais. Esta é a atmosfera na qual serão honradas por Seus servos não somente a ordem relativa à oração, mas todas as outras ordens do Senhor.

Guardareis está no imperativo, mas boas fontes documentárias pedem a forma futura "guardareis". O amor não é em primeiro lugar um predicado sentimental; é a dinâmica da obediência.

Meus mandamentos. Basicamente, só Deus pode mandar. A Divindade estava falando.

16. Esses mandamentos só podem ser guardados no poder do Espírito Santo, chamado aqui o **outro Consolador**. Uma tradução melhor neste ponto seria **Ajudador**. A palavra **outro** coloca o Espírito em pé de igualdade com Jesus (cons. Fl. 4:13). No Espírito temos mais do que um ajudador ocasional – **a fim de que fique convosco para sempre**.

17. O Espírito da verdade (cons. 15:26; 16:13). Ele é iluminador além de ajudador. Seu grande tema é Cristo, a Verdade (14:6; 15:26). **Que o mundo não pode receber.** O mundo é governado pelos sentidos. Uma vez que o Espírito não pode ser visto nem compreendido pela razão, Ele fica de fora da experiência consciente do mundo (cons. I Co. 2:9-14). **Habita convosco.** Uma presença constante, compensando o afastamento do Senhor. **Em vós.** Não apenas com eles na qualidade de uma presença permeando o corpo físico, mas habitando neles individualmente.

18. O mesmo assunto prossegue. **Órfãos.** Desamparados. A necessidade dos discípulos seria atendida quando Cristo viesse na bênção da ressurreição. Isto traria com Ele a pessoa do Espírito (20:22). Assim como o Espírito estaria com eles e neles, também Cristo. Seria impossível diferenciar os dois, tal como o Filho e o Pai são indivisíveis (cons. II Co. 3:17). Cristo não estava falando de sua vinda futura, como no versículo 3, mas de uma vinda que atenderia uma necessidade imediata.

19. Cristo seria objeto de vista para o mundo por apenas um tempo limitado. Então viria a morte, e ainda que seguida da ressurreição, isto não o restauraria aos olhos dos homens (Mt. 23:39). Os discípulos seriam

capazes de vê-lo e de participarem de sua vida ressurreta porque estavam espiritualmente vivos.

20. Naquele dia esses homens seriam capazes de captar o significado daquilo que Jesus estivera tentando lhes dizer sobre a Sua vida com o Pai, que era uma vida de interpenetração e comunhão, e também sobre Sua própria vida, que fora agora da mesma maneira elevada ao divino e impregnada dEle. **Conhecereis.** *Gnôsesthe* fala de descoberta. Nem é necessário dizer, isto não dá ao crente o direito de dizer que ele é Deus ou o Filho de Deus. A união não tem sentido separadamente da existência individual daqueles que a compõem.

21. Jesus voltou ao assunto do amor e da obediência aos Seus mandamentos (cons. v. 15), mas à vista dos ensinamentos do verso 20, incluía agora a menção do Pai. Guardar os mandamentos de Cristo é prova de amor a Cristo. Este amor desperta o amor correspondente do Pai, cujo amor ao Filho é tal que Ele tem de amar a todos os que o amam. Produz também a manifestação do Filho ao crente. O que os discípulos desfrutaram através da manifestação física do Senhor ressuscitado após a Ressurreição, desfrutariam também no sentido espiritual através de todo o restante de sua peregrinação terrena.

22. Judas, não o Iscariotes. A reputação do traidor era tão má que João toma o cuidado de não permitir qualquer confusão na identificação, apesar de que o outro Judas tivesse deixado o recinto. Este Judas não podia entender uma manifestação restrita aos poucos escolhidos, não que fosse impossível (ela estava acontecendo naquele momento) mas não parecia de acordo com a glória do ofício messiânico. Se Cristo tinha de voltar novamente, por que não ao mundo? Ficou perplexo com a declaração de Jesus no versículo 19.

23. "A resposta a Judas é que a manifestação mencionada tinha de ser limitada, porque só podia ser feita onde houvesse comunhão de amor que se autenticasse pelo espírito de auto-negação e submissão às ordens de Jesus" (William Milligan e W.F. Moulton. *Commentary on the Gospel of St. John*). Esta manifestação além de ser muito pessoal,

conduz também a um relacionamento permanente – **faremos nele morada**. Observe que o Filho tem a liberdade de empenhar o Pai em um certo curso de ação, outra indicação clara de divindade.

24. Eis aqui o corolário do lado negativo da verdade do último versículo. Mais uma vez Cristo confirmou a unidade da palavra do Filho com a do Pai.

25, 26. Isto... todas as coisas. Os ensinamentos de Cristo no tocante às novas condições da era vindoura era mais sugestiva do que completa (cons. 16:12). Essa deficiência tinha de ser vencida pela vinda do Espírito Santo. Seu ministério aos crentes tinha de ser, principalmente, ensinar-lhes (um dos grandes ofícios de Cristo também; os dois estão combinados por implicação em Atos 1:1). **Todas as coisas** (cons. I Co. 2:13-15). Esses assuntos presumivelmente seriam baseados na pessoa e na obra de Cristo, proporcionando, assim, uma continuação dos ensinamentos de Jesus. Uma parte da obra do Espírito, na realidade, seria a de recordar o que Cristo tinha falado (cons. 2:22; 12:16).

27. A paz. Uma palavra freqüentemente relacionada com as despedidas (cons. Ef. 6:23. I Pe. 5:14). Mas isto é mais um legado do que um toque convencional. **Deixo-vos** (*aphiêmi*) é raramente usado neste sentido. Outro exemplo ocorre na Septuaginta, no Salmo 17:14. **A minha paz**, uma qualidade diferente de paz, diferente da **paz do mundo**, que seria abalada numa hora como esta quando a morte se encontrava tão perto. O dom de sua paz tornaria destemidos seus seguidores, assim como Ele (cons. 16:33).

28. O Senhor não tinha a intenção de esconder o fato de Sua partida, mas Ele os lembrou que a tristeza da partida era aliviada pela promessa de voltar novamente.

Se me amásseis. Seu amor era ainda incompleto. O amor deseja o melhor para aquele que é amado. Os discípulos se regozijariam com a Sua volta ao Pai.

O Pai é maior do que eu. Isto nada tem a ver com o ser essencial, e não contradiz também João 10:30 e outras passagens. O Pai estava em

posição de recompensar o Filho pela obediência até à morte. Aqui temos indicações de que a volta de Cristo ao Pai resultaria em bênçãos em benefício de Seus seguidores; por isso Sua alegria não seria inteiramente desinteressada.

29. Todas as bênçãos derramadas no futuro corroborariam a palavra de Cristo e aumentariam a confiança e a fé dos discípulos nEle.

30. O príncipe do mundo (cons, 12:31). Uma referência a Satanás. Aqui a significação imediata parece ser à traição de Judas, instrumento de Satanás, e a prisão de Jesus (cons. Lc. 22:53).

Nada tem em mim. Nenhuma participação na pessoa ou causa de Cristo (cons. 13:8). Aqui pode haver uma sugestão da verdade que Satanás nada tem em Cristo que seja seu de direito, que ele possa reclamar ou se apropriar para seus próprios interesses. Cristo é sem pecado e vitorioso sobre o mal.

31. Exatamente aquilo que Satanás estava para realizar, isto é, a morte de Cristo na cruz, era aquilo que o Salvador tinha urgência de realizar. Mas Ele não o fez como vítima indefesa de Satanás, fê-lo por amor ao pai, sabendo que era mandamento do pai (sua vontade expressa). **Levantai-vos, vamo-nos daqui.** De modo algum parece certo que a ordem foi imediatamente obedecida. Há uma dificuldade em supor que o restante do discurso fosse pronunciado em um lugar público, até mesmo no Templo.

João 15

No capítulo 15 percebemos as seguintes linhas de pensamento: produção de frutos através da permanência em Cristo (vs. 1-11); o amor como fruto supremo (vs. 12-17); o ódio do mundo pelos discípulos, como também por Cristo (vs. 18-25); o testemunho divino e humano de Cristo (vs. 25-27).

1. Eu sou a videira verdadeira. Provavelmente houve intenção de se estabelecer um contraste com Israel, a vinha plantada por Deus que provou ser estéril (Is. 5:1-7). **Verdadeira.** Tudo o que uma videira

deveria ser no sentido espiritual. Cristo não é simplesmente a raiz ou o tronco, mas toda a planta. Incluído nEle está o Seu povo. **Agricultor.** Ambos, proprietário e tratador.

2. Todo ramo que, estando em mim. Estar em Cristo é um fato espiritual de importância incalculável. **Não der fruto.** Não é um seguidor presuntivo. Assim como a planta possui brotos que sorvem a seiva mas nada lhe acrescentam, precisando por isso serem cortados, da mesma maneira um filho de Deus, estéril, que insiste em fazer a sua própria vontade deve aguardar ser posto de lado. A mão disciplinadora de Deus pode até remover tal pessoa através da morte. **Limpa.** Isto se aplica ao ramo que dá fruto. Ele é mantido limpo de qualquer tendência para a apatia ou de mero crescimento sem produção de frutos. O objetivo é **mais fruto.**

3. Já estais limpos (literalmente, *por causa da*) **pela palavra.** Separados dos outros, tendo recebido a revelação de Deus em Cristo.

4. Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós. Isto faz lembrar 14:20, Mas ali o pensamento se relaciona com a posição; aqui se relaciona com a vontade, a decisão de depender conscientemente de Cristo como a condição de produção e fruto. A resposta de Cristo é uma manifestação interior – **eu... vós.** Um ramo destacado da videira é necessariamente estéril. A intenção é a união vital.

5. A videira e as varas são distintas. Da videira vem a vida; das varas, como resultado, vem o fruto. A ordem é a mesma de 14:20 e 15:4. Nossa permanência em Cristo relaciona-nos com a fonte da vida. Sua habitação em nós produz um fornecimento constante de fruto – **muito fruto. Sem mim. Separados de Mim,** cortados de Mim.

6. É um fato conhecido que além da produção de uvas a videira não tem nenhuma utilidade a não ser como combustível (cons. Ez. 15:6). **Alguém... o.** "A indefinição do sujeito corresponde ao mistério do ato simbolizado" (Westcott). Uma vez que o sujeito é a produção do fruto e não a vida eterna, o fogo é um juízo sobre a esterilidade, não um abandono à eterna destruição. A vara é o potencial de produção de fruto,

não a própria pessoa. Aqui está se falando de obras infrutíferas (cons. I Co. 3:15).

7. As minhas palavras. As palavras de Cristo, como também a pessoa de Cristo, podem permanecer no crente. É o ensinamento de Cristo que desperta a oração do tipo adequado. Quando a palavra de Cristo habita abundantemente em nós (Cl. 3:16), pode-se seguir seguramente o que quisermos, e será feito. O ensinamento é semelhante ao de Jo. 14:13, 14.

8. O discipulado é um crescimento, uma coisa dinâmica. Quanto mais fruto produzimos, mais verdadeiramente estamos nos encaixando no padrão de **discípulos**, aqueles que aprendem de Cristo a fim de se parecerem com Ele. Deus é **glorificado** com isso. Ele é vindicado e recompensado pelo Seu investimento na vinha.

9. A menção do amor nesta altura sugere que este é o item principal no fruto que o Pai está preocupado em achar nos Seus filhos (cons. Gl. 5:22). Mas este não é o amor no sentido geral – antes, o **meu amor**, o amor de Cristo. Quando Ele entra para habitar, traz junto o Seu autor, que por seu lado é o próprio amor do Pai desfrutado por Cristo. O amor cristão tomar-se, assim, divino em seu caráter. **Permaneça no meu amor.** Não aceite substitutos.

10. O gozo do amor do Salvador está condicionado na obediência aos Seus **mandamentos**. Esta não é uma exigência arbitrária, pois Cristo mesmo também operou debaixo desta regra no Seu relacionamento com O Pai. O discípulo não está acima do seu Senhor.

11. A vida de amor produz **gozo**. Cristo a teve em primeiro lugar como resultado da execução perfeita da vontade do Pai e desfrutando o Seu amor. Isto Ele transmite aos Seus, e no processo personaliza-se de modo do que se transforma no gozo deles. No começo a posse pode ser parcial, mas o alvo é ser **completo**, não deixando lugar para o medo ou insatisfação. A sessão seguinte começa e termina com a ordem de se amarem uns aos outros.

12, 13. Eis aqui uma epitomização da obrigação do cristão. Não é mais uma advertência de guardar os mandamentos de Cristo para permanecer no Seu amor (v. 10). É antes uma injunção para concentração no mandamento do amor de uns aos outros.

Assim como eu vos amei. A medida do amor de Cristo pelos Seus é o auto-sacrifício, do qual eles se beneficiam (cons. I Jo. 3:16). Tal padrão pode ser alcançado só quando o amor do próprio Cristo tem permissão de fluir através da vida do Seu povo. A anunciação da cruz feita por Jesus nos sinóticos enfatiza a necessidade divina; aqui a motivação é amor. A cruz não é algo imposto mas algo aceito – **dar alguém a sua própria vida.** Prova imediata de amor é a prontidão em dar indicação antecipada do propósito de morrer por aqueles que são **amigos** Morrer por eles de modo nenhum contradiz o propósito de morrer por um círculo maior, até mesmo pelo próprio mundo.

14. A amizade com Jesus não elimina a necessidade da obediência.

15. Se esta necessidade parece tornar os amigos em **servos**, existe uma diferença. O servo não tem a confiança do seu senhor. Prova do "status" de amigos, no caso dos discípulos, foi a admissão que tiveram nos segredos de Cristo, inclusive de tudo aquilo que o Pai tinha revelado ao Filho. Nada foi retido. Isto não significa que tudo tenha sido compreendido pelos seguidores de Jesus.

16. Para que os discípulos não ficassem com a impressão de que somente eles estavam nos planos de Deus, Cristo esclarece agora que eles tiveram o privilégio de receber uma posição especial para transmitirem a mensagem aos outros. Eles foram escolhidos, não para seu próprio prazer ou orgulho. Antes, Cristo os nomeou tendo um serviço em mente.

Vades e deis frutos. Anteriormente o fruto era o amor. Agora tem de ser o amor em ação, a proclamação da mensagem da salvação e o ganhar de almas. Há uma relação íntima de pensamento com João 12:24.

Permaneça. A mesma palavra foi traduzida *habite* em outro lugar no capítulo. Que haveria fruto permanente foi uma promessa graciosa à

vista dos resultados desapontadores durante o ministério de Jesus, quando muitos professaram interessar-se por Ele, para deixá-LO logo após algum tempo.

17. Este versículo é transicional. Os discípulos tinham de amar uns aos outros, pois não obteriam amor do mundo. A esta altura a palavra "amor" quase desaparece da passagem, sendo substituída por "odiar" e "perseguir" (nove vezes em nove versículos).

18. O mundo. A sociedade não redimida, separada de Deus, presa nas garras do pecado e do mal, cega às verdades espirituais e hostil para com aqueles que têm a vida de Deus neles. O ódio não visitaria os discípulos em um espírito de anti-semitismo, mas como uma continuação da hostilidade e do ódio contra Cristo. O ataque passaria do Pastor para as ovelhas. Tão certo quanto suas vidas refletiriam Cristo, atrairiam também o ódio dos homens pecadores (cons. Gl. 4:29).

19. A hostilidade tem raízes na dessemelhança espiritual. O mundo sente-se confortável na presença do que é **seu**. Tem a capacidade de sentir certa afeição por esses. A exclusividade da sociedade cristã, uma comunidade redimida dentro da não redimida, desperta o desprazer. Reprendido pela santidade daqueles que são de Cristo (cons. v. 22), o mundo exhibe seu ressentimento.

20. A prova da genuinidade do discipulado está na correspondência que há entre a reação dos homens ao ministério dos seguidores de Jesus e a reação dos homens a Cristo nos dias da sua carne. Alguns homens os **perseguirão**; outros guardarão suas palavras. **Lembrai-vos da palavra.** A referência é a Jo. 13:16. Atos 4:13 é uma poderosa ilustração dos ensinamentos de Jesus nesta passagem. Tendo se livrado de Jesus, como pensavam, os líderes ficaram consternados quando tiveram de enfrentar os discípulos que agiam como Ele.

21. Por causa do meu nome. Cristo sofreu rejeição porque os homens realmente não conheciam Aquele que o enviou. Os discípulos estavam sendo iniciados nesse círculo de má compreensão, participando dessa honra com o seu Senhor.

22. Esta ignorância da identidade de Cristo e sua missão baseava-se no **pecado** dos homens. Embora Cristo não viesse para julgar mas para salvar, Sua simples presença e testemunho despertava a manifestação do pecado que de outro modo permaneceria dormente. Expostos pelo salvador, seus inimigos não tinham onde se esconder. Seu último recurso consistia em banir Cristo de diante dos olhos deles. **Não teriam pecado.** O pecado culminante da incredulidade e rejeição do Salvador.

23. O custo de odiar Cristo é a condenação de odiar o Pai também. Os homens não podem tratar o Pai de um modo e o Filho de outro.

24. As obras (complementando a palavra de Cristo no v. 22) eram de tal caráter que os homens tinham de pronunciar um veredicto contra ou a favor dEle. Ao rejeitá-LO, pecavam. Era pecado acompanhado de ódio que logicamente envolvia o Pai em cujo nome viera o Filho.

25. Sua lei. As próprias Escrituras que os judeus tanto exaltavam levantavam-se contra para condená-los (Sl. 69:4). Sem motivo (*dôrean*). Um ódio assim não tem defesa. Falta-lhe base contra o objeto odiado. A mesma palavra ocorre, com o mesmo significado, em Rm. 3:24, onde a base da salvação está apresentada como sendo o próprio Deus e não a dignidade do homem. Tal ódio exige um forte e destemido testemunho diante do mundo. João descreve agora a natureza desse testemunho.

26, 27. Os discípulos não teriam de enfrentar o mundo sozinhos. Teriam um ajudador divino, o **Espírito da verdade**. Ele traria à baila a verdade sobre a condição pecadora dos homens e a verdade sobre Cristo, o remédio para esse pecado. O Espírito viria em dupla missão, por assim dizer, sendo enviado do Filho pelo Pai, a fim de testificar de Cristo (cons. 16:7-13). **E vós também testemunhareis.** Provavelmente mais indicativo que imperativo. Do ponto de vista da associação com Jesus, a qual lhes deu o conhecimento necessário para um testemunho válido, já estavam qualificados, uma vez que estiveram com Ele **desde o princípio** - o começo do seu ministério. Mas, para vigorar, seu testemunho tinha de se juntar ao do Espírito operando neles e através deles (cons. Atos 5:32).

João 16

No capítulo 16 a nota dominante continua a mesma – a partida de Cristo e a antecipação do que isto significaria. O pensamento se movimenta ao longo das seguintes linhas: a advertência de Cristo sobre a futura perseguição (16:1-4a); sua partida explicada à luz da vinda do Espírito e seu ministério ao mundo (16:4b-11); o ministério do Espírito aos crentes (16:12-15); conforto para contrabalançar a dor da separação (16:16-28); a vitória do Filho de Deus (16:29-33). O tema da perseguição fora antecipado pelo ensinamento anterior (cap. 15) sobre o ódio do mundo contra Cristo e os Seus.

1. Tenho-vos dito estas coisas. Primeiramente a informação sobre o ódio do mundo, para que os discípulos pudessem se ornar de antemão, mas também o lembrete de que eles eram testemunhas diante desse mesmo mundo que os desprezaria (cons. 15:27). A responsabilidade enrijece o caráter. **Para que não vos escandalizeis.** A palavra "escandalizar" dá a idéia de tropeço por causa de um obstáculo, mais do que uma tendência interior para desertar. A frase que Jesus costumava usar é "vos escandalizareis em mim" (Mt. 26:31).

2. Eles vos expulsarão das sinagogas (cons. 9:22). A mais dolorosa experiência para um judeu, cujo laço com a nação era forte. Os crentes judeus em Jerusalém continuaram misturando-se com seus contrerrâneos no Templo depois do Pentecoste, demonstrando seu senso de afinidade com o seu povo. **Julgará com isso tributar culto a Deus.** O melhor comentário é a confissão de Saulo de Tarso referente aos dias de sua perseguição (Atos 26:9-11). Ele media o seu zelo para com a sua própria religião através dos terrores e destruição que infligia à igreja (Gl. 1:13; Fl. 3:6).

3. Ignorância de Cristo e Seu verdadeiro relacionamento com o Pai ajuda a explicar a perseguição. Tal ignorância não desculpa o perseguidor. Paulo intitulou-se o principal dos pecadores por causa disso! (I Tm. 1:13-15).

4. Quando a perseguição se desencadeasse, a memória da sinceridade de Cristo em adverti-los dessas coisas serviria para fortalecer seus servos. Enfrentar tais coisas sem preparo provocaria desânimo. **Porque eu estava convosco.** Cristo foi seu escudo contra a oposição. À luz de sua breve partida, o presente ensinamento tomou um significado que não teria antes. Era momento de pensar mais diretamente sobre a sua partida e sobre o que ela significaria para aqueles que ficavam.

5. Para Cristo a partida significa o retorno para junto dAquele que o enviara. Este aspecto da coisa não penetrara ainda nas mentes dos discípulos. Eles não lhe perguntaram, **Para onde vais?**

6. Em vez disso preocupavam-se com a perda que sentiam. Estavam tomados de tristeza.

7. **Vos convém que eu vá.** A desvantagem em termos de separação e tristeza seria ultrapassada pelo lucro ocasionado pela vinda do Consolador (ajudador). Só é preciso que se compare os discípulos do final do ministério de Jesus com esses mesmos homens depois da vinda do Espírito para ver como desenvolveram grandemente sua compreensão e eficiência no serviço.

Se eu não for, o Consolador não virá (cons. 7:37-39). Isto não é um sinal de hostilidade ou inveja entre o Filho e o Espírito. Na verdade, o Espírito veio sobre Cristo para lhe dar poder para a Sua obra; e logo viria sobre os seguidores de Cristo, como que compensando a perda da presença pessoal do Senhor.

8. **Convencerá o mundo.** Convencer e condenar. O Espírito tinha de vir primeiro para os discípulos (veja final do v. 7), e através deles assumiria a tarefa de convencer os homens. Num certo sentido este ministério está em correlação com a atividade de perseguição do mundo. O mundo poderá dar a impressão de fazer incursões na Igreja, mas já um contra-ataque na obra do Espírito, com o intuito não de ferir mas de converter, ou de pelo menos convencer. O Espírito, operando através dos apóstolos, produziu convicção do pecado na própria cidade onde Jesus fora condenado à morte (Atos 2:37).

9. Do pecado. Tendo o pecado do mundo se colocado em evidência na rejeição de Jesus, quando deveria ter havido aceitação, o Espírito fez disso um ponto importante. Na sua cegueira os homens chamaram Jesus de pecador na hora em que o próprio pecado deles levava-os a condená-LO à morte.

10. Da justiça. O próprio fato de que Cristo podia resolver o problema do pecado da humanidade através de Sua morte redentora revelou Sua perfeita justiça. De outro modo Ele precisaria de um Salvador para Si mesmo. O Pai é o verdadeiro juiz da justiça. Sua prontidão em aceitar o Filho de volta na glória é a prova de que não o achou em falta (Rm. 1:4; 4:25; I Tm. 3:16).

11. Do juízo. Quando aqueles que crucificaram Jesus viram que Deus não interferiu, imaginaram que o juízo de Deus fora pronunciado sobre Ele. Na verdade, outro estava sendo julgado ali, o próprio Satanás, o príncipe deste mundo. Satanás governa através do pecado e morte. O triunfo de Cristo sobre o pecado na cruz e sobre a morte na Ressurreição proclamou o fato que Satanás fora julgado. A execução final do julgamento é apenas uma questão de tempo. A esta altura o pensamento afasta-se do mundo. Surge a obra do Espírito em benefício dos crentes.

12. O discurso não era uma completa exposição dos pensamentos de Jesus em relação com os seus. Havia ainda muito para ser dito. Não valia a pena dizê-lo, pois os discípulos não poderiam suportar. Estavam imaturos demais. Essas verdades se tornariam mais reais quando a experiência deles crescesse.

13. A comunicação dessas coisas podia ser seguramente adiada até que viesse o **Espírito da verdade**, que é um professor tão eficiente quanto o próprio Senhor.

Toda a verdade. Não a verdade em todos os ramos do conhecimento, mas a verdade nas coisas de Deus, num sentido mais restrito, as coisas que nós chamamos de espirituais (cons. I Co. 2:10).

Não falará por si mesmo. Ele não tentaria ensinar coisas de Sua própria invenção, mas tal como o Filho (15:15), transmitiria aos homens

o que lhe fora dado por Deus Pai. Uma só fonte garante unidade de ensinamento. Em última análise os crentes são ensinados por Deus (I Ts. 4:9).

As coisas que hão de vir. A volta de Cristo e os acontecimentos concomitantes podiam estar em vista, mas antes deles, a morte e a ressurreição de Jesus e suas conseqüências, aquelas coisas sobre as quais os discípulos tropeçaram quando Jesus lhes falou sobre elas.

14. Glorificará. Tal como Cristo estava glorificando o Pai através de sua obediência até à morte, assim o Espírito glorificaria Cristo esclarecendo o significado de Sua pessoa e obra. A missão instrutiva do Espírito seria em primeiro lugar de receber o depósito da verdade cristocêntrica, depois mostrá-las aos crentes. Segue-se que um ministério, para ser orientado pelo Espírito, deve magnificar a Cristo.

15. Uma vez que as coisas de Cristo incluem as verdades referentes ao Pai e Seus conselhos, quando o Espírito comunica as coisas de Cristo comunica toda a verdade.

Logo a seguir o Senhor lidou com as compensações que aliviariam a dor ocasionada com a Sua partida. Essas incluíam a promessa de que os discípulos o veriam novamente (v. 16); sua alegria em vê-lo (v. 22); o privilégio da oração (vs. 23, 24); aumento de conhecimento (v. 25); e o amor sustentador do Pai por eles (v. 27).

16. Um pouco. A frase ocorre sete vezes em quatro versículos. Refere-se ao curto intervalo que houve até o seu sepultamento quando os discípulos não o viram mais com os olhos da visão física. O segundo **um pouco** indica o intervalo entre o Seu sepultamento e a Sua ressurreição, depois da qual eles o veriam novamente. Aqui a palavra **ver** não é a mesma da primeira ocorrência. Transmite aqui a idéia de percepção como também de observação. Algo do significado deste drama da redenção, que era naquela ocasião tão misterioso, despontaria sobre aqueles homens. A última cláusula, **vou para o Pai**, não tem suficientes provas documentárias para ser relida no texto.

17. As palavras de Jesus estavam além do alcance da compreensão dos discípulos. Antes disto já tinham feito perguntas individualmente. Esses homens (**alguns dos seus discípulos**), tímidos demais para anunciarem sua perplexidade em voz alta, confabularam entre si em vez de se dirigirem ao Senhor. Neste versículo, as palavras, **vou para o Pai**, são genuínas. São facilmente explicáveis com base no uso que Jesus faz delas no versículo

18. Este fato da sua partida é a preocupação todo-absorvente.

19, 20. Reconhecendo seu desejo ardente de ter uma resposta ao problema do **um pouco** em sua dupla aplicação, Jesus ofereceu-se a dar a resposta, ainda que não a resposta precisa que eles esperavam. Mas ele mostrou o que aquele **um pouco** significaria para eles em cada exemplo. No primeiro, eles chorariam enquanto o mundo se regozijaria, pois a morte do Salvador produziria reações completamente diferentes, nos crentes e nas pessoas do mundo (cons. Ap. 11:10). Mas essa mesma coisa que traria tristeza transformar-se-ia em uma ocasião de alegria quando os discípulos fossem capazes de ver a cruz à luz da Ressurreição, quando o segundo "um pouco" os surpreendesse.

21. Jesus fez uma analogia com a vida humana, mostrando como a alegria suplanta a tristeza. As dores do parto de uma mulher produzem tristeza, mas ela se esquece das dores na alegria do nascimento. Pode haver significação no fato de se dizer que **um homem** nasceu (e não uma criança). Cristo, na ressurreição, como o primeiro a renascer dos mortos (Cl. 1:18) une a Si o novo homem, Sua Igreja, à qual ele comunica Sua vida ressurreta.

22. A alegria da reunião seria uma experiência permanente; a segunda separação, ocasionada pela ascensão do Senhor, não afetaria a alegria (Lc. 24:51-53).

23. Naquele dia. O Senhor estava pensando nas condições que prevaleceriam depois de Seu retorno ao Pai. No período intermediário dos quarenta dias depois da Ressurreição, os discípulos perguntaram algo (Atos 1:6). Mas quando Ele fosse levado, toda oportunidade de

fazer perguntas tais como aquelas que estavam fazendo teria desaparecido. Isto não significa que haveria ausência total de comunicação. A porta da oração estaria aberta. Ele só teria de pedir e o Pai daria as respostas às suas perplexidades e supriria suas necessidades. **Em meu nome** (veja comentário sobre 14:13, 14).

24. Nada tendes pedido. Aqui a palavra "pedir" foi usada no sentido de fazer um pedido e não de formular uma pergunta. Devido à presença de Jesus no meio deles, pedir em seu nome seria desnecessário. Mas naquele dia que estava por vir, o gozo de ver Jesus novamente seria mantido através da oração.

25. Figuras. Não máximas, mas palavras obscuras. Seus ensinamentos eram muitas vezes enigmáticos para Seus Seguidores. Mas haveria uma mudança. "A volta de Jesus ao pai inaugurou uma nova era, na qual o Senhor fala aos Seus discípulos não mais obscuramente mas clara e abertamente; presume-se que os leitores do Evangelho entendam que Ele lhes fala através do Espírito que receberam" (Hoskyns, *The Fourth Gospel*).

26, 27. No futuro, a oração seria realmente em nome de Cristo, mas não no sentido de que o Filho seria o caminho de vencer alguma espécie de hesitação ou resistência do Pai, a qual os crentes encontrariam de outro modo. Pelo contrário, o Pai os **ama**, e está pronto a recebê-los por causa da atitude deles para com o Seu amado Filho. Em contraste com o mundo, eles amaram e confiaram no Filho na qualidade de enviado de Deus.

28. O que a fé dos discípulos deveria abranger foi agora apresentado no mais simples e mais ousado dos esboços. A primeira metade da declaração já fora afirmada mais de uma vez por um ou mais elementos do grupo; a segunda parte trata com a idéia principal deste discurso, a partida do seu líder. Agora Ele colocava sua partida de modo nítido e claro – **deixo o mundo e vou para o Pai**. A esta altura o discurso já estava quase concluído. Terminou com uma nota dupla – o

fracasso patético daqueles que Jesus tentara instruir, e o seu próprio triunfo, assistido pela presença do Pai.

29, 30. Estimulados tanto pelo elogio à sua fé como pelo modo claro de Jesus se referir à Sua carreira, os discípulos imaginaram que estivessem desfrutando do mais alto conhecimento do Filho de Deus.

31, 32. Mas um rude despertar estava a espera deles, seriam dispersos (quando Jesus fosse preso) e Ele seria deixado só, mas teria a ajuda do Pai.

33. Para proteção deles Ele providenciou a sua **paz** (cons. 14:27), da qual precisariam quando enfrentassem as aflições que lhes estavam reservadas no mundo. Esta não é simplesmente paz no meio do conflito, mas paz que descansa na certeza da vitória obtida agora pelo Seu paladino sobre o mundo. A vitória de Cristo é a realidade objetiva que torna válida a dádiva interior de Sua paz.

João 17

D. A Grande Oração. 17:1-26.

Jesus incluiu-se nesta oração (vs. 1-5), mas sua principal preocupação era pelos Seus. Nas duas partes o elemento da dedicação está fortemente associado à petição.

1. Pai. Regularmente usado nas orações de Jesus e seis vezes aqui. **É chegada a hora**, o tempo é indefinido, como algo bem conhecido entre Pai e Filho. Era ao mesmo tempo a hora do sofrimento e da glorificação. **Glorifica a teu Filho.** Capacita-o a concluir Sua carreira, realizando a salvação para a qual veio. Está claro que Cristo aqui não procurava alguma honra para si próprio pois na Sua glorificação através da morte, ressurreição e exaltação, Ele buscava apenas a glorificação do Pai.

2. Esta glorificação do Pai incluía nela a elevação do Filho à glória e ao poder, onde Ele está como cabeça sobre todas as coisas (cons. Mt. 28:18). **Autoridade.** Aqui tem-se em vista especialmente a garantia da **vida eterna**, com base na obra de Cristo consumada. Os beneficiários

são descritos como aqueles a quem o Pai deu ao Filho. Esta é a descrição dos discípulos muitas vezes mencionada na oração (vs. 2, 6, 9, 11, 12, 24).

3. A vida eterna foi apresentada em termos de conhecimento de Deus (cons. I Jo. 5:20). Os judeus não conheciam Deus, embora soubessem muito a respeito dEle. Esta é a proclamação deste versículo e de todo este Evangelho que o conhecimento de Deus, que produz a vida eterna, só vem mediante o conhecimento do Filho. Uma vez que o Filho e o Pai são um, o conhecimento é um. O conhecimento de Deus implica no conhecimento dos Seus caminhos e da Sua pessoa, e assim inclui a percepção do Seu plano de salvação do pecado. **Jesus Cristo** (cons. 1:17). Raro nos Evangelhos mas comum nas Epístolas.

4. Eu glorifiquei-te na terra. Isto nosso senhor explicou em termos de consumação da obra que o Pai lhe deu para executar - a revelação do Pai, a denúncia do pecado, a escolha e o treinamento dos Doze, e mais que tudo a morte na cruz, que era tão certa que podia ser considerada já realizada. **Consumando.** Significa aperfeiçoado além de terminado.

5. Tendo falado sobre a Sua obra na terra (v. 4), O Filho agora buscava a glorificação com o Pai no reino celeste. Assim o contraste é duplo, consistindo de lugar e pessoa. **Junto de ti.** Na tua presença. **Antes que houvesse mundo.** Cons. 1:1, 2. Os versículos 6-8 são transicionais, ainda tratando da obra de Cristo na terra mas preparando o caminho para pedidos em favor dos discípulos.

6. Uma grande parte da obra do Filho na terra foi tornar o Pai conhecido dos discípulos (cons. 1:14; 14:7-9). O sucesso deste processo está implícito no fato de que esses homens foram dados ao Filho pelo pai, seu entendimento não era perfeito mas ele existia e estava em desenvolvimento. **Têm guardado a tua palavra.** Nenhuma referência primariamente à obediência deles às ordens ou ensinamentos individuais, mas a sua presteza em aceitar o Filho, Sua mensagem e missão, até onde eram capazes.

7, 8. Os discípulos avançaram até o ponto de compreenderem que o caráter, os dons e os trabalhos de Cristo deviam remontar ao Deus

invisível, em cujo nome Ele viera. Particularmente, os discípulos apropriaram-se da revelação da verdade em Cristo, reconhecendo-a como verdadeiramente de Deus. Alcançaram assim um ponto de desenvolvimento onde era seguro deixá-los. No seu trabalho futuro representariam alguém que representara o Deus vivo. **Que tu me enviaste.** Esta expressão ressoa através da oração (vs. 3, 8, 18, 21, 23, 25). Era uma proclamação freqüente nos discursos de Cristo. Tendo mencionado as qualificações dos discípulos como Seus representantes no mundo, agora o Senhor intercedia por eles.

9. Não rogo pelo mundo. Isto não significa que Cristo nunca orasse pelo mundo (cons. Lc. 23:34). Mas orou pelos discípulos porque eram o meio escolhido de alcançar o mundo depois que Ele o deixasse (vs. 21, 23).

10. Todas as minhas coisas são tuas. Portanto a preocupação do Pai em ouvir e atender são igualmente compreensíveis. O interesse de propriedade é mútuo. **Neles sou glorificado.** Neles se refere às coisas que o Pai e o Filho têm em comum, ou melhor, os discípulos que foram mencionados no versículo precedente. Era para a glória de Cristo que, no meio da incredulidade e rejeição geral, esses homens se atrevessem a confiar nEle e a servi-LO. A palavra **glorificado** está no tempo perfeito, sugerindo a continuação do seu testemunho de Cristo.

A primeira petição específica era pela preservação dos discípulos do mal que está no mundo (vs. 11-15). Isto por seu lado servia a um outro propósito, que foi fortemente enfatizado no restante da oração, isto é, que eles fossem um.

11. Guarda. Usado no sentido de supervisão protetora, como em Jo. 5:18. O caráter de Deus sendo inteiramente adverso ao mal e portanto interessado na preservação dos Seus filhos, foi enfatizado no vocativo, **Pai santo.** De maneira positiva, esta preservação uniria os discípulos, refletindo a unidade que há entre o Pai e o Filho. O laço de união é o santo amor de Deus. Via-se esta unidade na igreja primitiva (Atos 1:14; 2:1, 44, 46).

12. O mais autêntico texto grego diz: **Guardava-os no teu nome que me deste.** Além de guardar os seus discípulos pela autoridade do Pai, Ele também os guardou pela verdade e poder da natureza de Deus, os quais Ele mesmo revelou.

O filho da perdição. A palavra **perdição** tem a mesma raiz que a palavra perdido. Jesus dizia que a perda não era um desvio do Seu poder de guarda na qualidade de pastor do rebanho. Antes, Judas nunca lhe pertenceu realmente a não ser no sentido nominal e externo (cons. 13:10, 11). A idéia em **perdição** é exatamente o oposto de **preservação**. **A Escritura.** Sl. 41:9.

13. Mas agora vou para junto de ti. Contido aqui está o motivo de toda oração e todos os pedidos contidos nela. A necessidade que os discípulos tinham de gozo era particularmente aguda à luz da deserção de Judas. Os discípulos precisavam perceber que tal acontecimento não refletia-se no Senhor ou neles. Não devia conspurcar a sua alegria de posse da verdadeira vida e fé. Se Cristo podia se regozijar mesmo no meio de tais coisas (**meu gozo**), eles também podiam.

14. A recepção da palavra de Cristo identificava esses homens com Ele e os separava do **mundo**, que o rejeitava e odiava e tinha, portanto, a mesma atitude para com eles.

15. Apesar da unidade de Cristo e os Seus, Ele não podia orar pedindo que o Pai os retirasse do mundo. Fazê-lo seria frustrar o propósito de sua vocação e treinamento. Trabalhando e testemunhando, eles precisavam ser guardados **do mal**; caso contrário, seu testemunho deixaria de ser puro. A referência pode ser muito bem ao próprio diabo (cons. Mt. 6:13; I Pe. 5:8).

16. Como homens regenerados, os discípulos já não pertenciam mais ao mundo do reino do mal espiritual, ainda que morassem no mundo da entidade física.

17. Santifica-os na verdade. Esta é a segunda oração em benefício dos discípulos. *Santificar* significa separar para Deus e santos propósitos. Aquilo que revela a santa vontade de Deus na sua **verdade**, e

especificamente aquela verdade conforme preciosamente guardada na **palavra das Escrituras**. Nela se fica sabendo o que Deus exige e como Ele capacita as pessoas a cumprirem a exigência.

18. Ser enviado ao mundo por Cristo como Ele foi enviado pelo Pai é a mais alta dignidade concedido aos homens.

19. Cristo não precisou se santificar, pois já era santo. Mas Ele precisou dedicar-se (santificar-se) à sua vocação, para que os discípulos tivessem, além do Seu exemplo, também Sua mensagem para proclamar, e o poder que derivou do Seu sacrifício, a fim de proclamá-la com resultados.

20, 21. A oração se estende incluindo aqueles que crerão por causa do testemunho desses homens (cons. 10:16; Atos 18:10). A fé é a condição necessária para desfrutar da vida de Deus e, conseqüentemente, para participar daquela unidade que se encontra em primeiro lugar na Divindade e depois no corpo de Cristo, a Igreja. A unidade é basicamente pessoal em nós, seu efeito será o de estimular a fé àqueles que estão no mundo (cons. 13:35).

22. A glória. Sem dúvida isto se refere à final posição celestial da Igreja, mas inclui também o privilégio de servir e sofrer, tal como a missão que o Pai concedeu ao Filho. Este privilégio ajuda a unir os santos quando exercido à luz de Cristo, nosso precursor por trás do véu.

23. A fim de que sejam aperfeiçoados na unidade. Isto tem de ser realizado, não por esforços humanos mas pela graciosa extensão da unidade da Divindade àqueles que pertencem a Cristo. Esta não é uma unidade mecânica. Seu cimento é o amor de Deus concedido aos homens, esse mesmo amor (é maravilhoso dizer) que o Pai tem ao Filho.

24. A oração final. A minha vontade. O espírito da Encarnação era, "Não a minha, mas a tua vontade". Jesus devia estar orando à luz da obra consumada, a qual Lhe dava o direito de se expressar desse modo. Sua vontade, sem dúvida, não deve ser considerada como algo realmente independente da vontade de Deus. Esta oração foi feita com base nesta última. Participar do amor de Deus em Cristo só pode resultar

conseqüentemente da participação da presença de Cristo – **onde eu estou, estejam também comigo**. União leva à comunhão, uma comunhão do amor exposto num cenário de **glória** (cons. v. 5).

25. Pai justo. Ele é justo 1) ao excluir o mundo dessa glória, porque não conheceu e portanto não o ama, e assim não pode ter um lugar nessa união final, e 2) ao incluir aqueles que vieram a conhecê-lo, através do conhecimento que Cristo tem e transmite.

26. Transmitir o conhecimento de Deus significa transmitir amor, pois Deus é amor. Isto não é simplesmente um rótulo ou um atributo frio. Cristo conheceu a realidade e o poder do amor do Pai por Ele e pediu-Lhe que Este alegrasse e aquecesse as vidas daqueles que eram Seus, com os quais a Sua vida estava agora tão intimamente ligada.

IV. Os Sofrimentos e a Glória. 18:1 – 20:31.

João 18

A. A Traição. 18:1-14.

A narrativa de João enfatiza a firmeza de Jesus e Sua prontidão em ser levado, tornando inútil a traição de Judas de um lado e a tentativa de Pedro exibir sua lealdade doutro lado. Aqui está incluída a narrativa da prisão e da transferência de Jesus para a casa do sumo sacerdote.

1. Depois da oração, Jesus levou seus discípulos **para o outro lado do ribeiro de Cedrom**. A palavra **ribeiro** indica uma corrente que mana no inverno. O destino era um jardim que ficava no lado oriental. Mateus e Marcos dão o nome de Getsêmani. João não diz nada sobre a agonia no jardim, embora mostre ter conhecimento da luta em oração que teve o jardim por cenário (cons. v. 11). Não sabemos porque omitiu este incidente. Talvez estivesse tentando destacar o elemento da confiança na atitude de Jesus, a qual já foi expressa na oração (17:4) e agora passa a ser demonstrada em sua paciência e atitudes.

2. Muitas vezes (Lc. 22:39). Talvez Jesus e Seu grupo costumasse passar a noite ali (Lc. 21:37). Por isso Judas sabia onde devia procurar o Senhor naquela noite.

3. Judas também entrou com um grupo no jardim mas que contraste! A **escolta** (gr. *speira*) indica um grupo de cerca de seiscentos homens, mas não quer dizer que estivessem todos presentes nesta ocasião. Estavam alojados no Castelo de Antônia, ao norte da área do templo (cons. Atos 21:31 e segs.) Ao que parece as autoridades judias tinham o direito de convocar esses soldados para ajudá-los em qualquer emergência que ameaçasse o interesse público. A cidade estava cheia de peregrinos que iam assistir a festa, muitos dos quais simpatizava com Jesus e poderiam causar problemas se estivessem por perto quando Ele fosse preso. **Guardas**. Era a guarda do templo que estava a serviço dos líderes judeus (cons. Atos 5:22). Levavam luzes para procurar sua presa e carregavam armas para derribar qualquer resistência que surgisse.

4. Sabendo... todas as cousas. Este é um forte traço joanino na apresentação de Cristo, e destaca-se especialmente em relação aos acontecimentos da Paixão (cons. 13:1, 3). Nada tomou nosso Senhor de surpresa. **Adiantou-se**. Cons. 18:1 e a muitas vezes repetida ênfase dada à saída do Filho, vindo do Pai para o mundo, mais relativa àquela ocasião, 16:28 por exemplo. **A quem buscais?** A pergunta serviu para pôr o grupo que se aproximava em defensiva momentânea, obrigando-o a declarar que seu único objetivo era Jesus. Isto tornou mais fácil pedir que os discípulos tivessem permissão de seguir o seu caminho.

5. Respondendo, Jesus, o Nazareno, a multidão indicou que não o reconhecia, por causa da obscuridade e a distância em que se encontravam. **Sou eu**. Literalmente, **Eu sou**. Esta afirmação pode indicar simples identificação, como em 9:9, ou pode também dar a entender o misterioso e majestoso nome do próprio Deus (8:58). Talvez ambos os elementos estivessem fundidos neste caso. **E Judas... estava também com eles**. Finalmente Ele se encontrava em seu próprio elemento, misturando-se com os inimigos de Jesus.

6. Aqui não há nada de milagroso. O comportamento de Jesus, mais o fato de que avançou na direção deles em vez de procurar fugir, deixou Seus capturadores nervosos. Lembre-se de que alguns desses homens não foram capazes de agarrá-LO anteriormente (7:45, 46). Sem dúvida a majestade de seu último pronunciamento teve algo a ver com Sua reação também.

7-9. Quando a multidão confessou novamente que o seu objetivo era Jesus de Nazaré, Ele pôde logo pedir que os discípulos tivessem permissão de partir. A segurança física deles nessa ocasião pode ser considerada como uma prova de que a sua preservação espiritual estava assegurada (cons. 6:39; 17:12).

10, 11. A atitude de Pedro em recorrer ao uso da espada é compreensível à vista de sua declaração de lealdade em Jo. 13:37. A posse da espada explica-se pelo conselho de Cristo em Lc. 22:35-38. A espada era um símbolo dos dias de luta que estavam à frente, mas não era destinada ao uso literal. Eis aí o porquê da repreensão de Jesus. O fato de João mencionar o nome do servo e especificar a orelha é uma indicação de que foi testemunha ocular. Malco não era um dos oficiais mas um escravo pessoal do sumo sacerdote.

12-14. **Prenderam.** Com o próprio Jesus pedindo que não resistissem o grupo de soldados, levados por seu capitão (comandante) e auxiliados pelos oficiais judeus, prenderam Jesus e o **maniataram**. Não queriam se arriscar a qualquer deslize em seus planos. Os sinóticos falam de Jesus aparecendo diante de Caifás, mas nada dizem sobre Anás neste caso. **Primeiramente** chama a atenção do leitor para o material que agora está sendo acrescentado à narrativa dos sinóticos. Embora Caifás o genro de Anás, fosse o sumo sacerdote naquela ocasião, o próprio Anás estava longe de se conservar inativo. Além de Caifás, Anás tinha diversos filhos que o sucederam neste cargo, dando a esta família um monopólio do sumo sacerdócio por mais de meio século. Lucas é o único escritor que menciona Anás (Lc. 3:2; Atos 4:6). Fontes judias deram ao

regime de Anás o rótulo de corrupto. A opinião de Caifás sobre Jesus já fora dada ao Sinédrio (11:49, 50).

B. Jesus Julgado diante dos Judeus. 18:15-27.

15. Incitado por sua declaração de lealdade ao Mestre, na presença dos discípulos, Pedro seguiu Jesus.

Outro discípulo. Esta figura anônima pode ser o próprio João. **Conhecido do sumo sacerdote.** A palavra **conhecido** encontra-se outras vezes em Lc. 2:44; 23:49. Esta ligação que pode ser buscada, muito provavelmente, através de sua mãe e respectiva família, capacitou João de obter a admissão de Pedro no pátio interno.

17. A moça que trabalhava como porteira desafiou-o a se identificar, provavelmente deduzindo que Pedro tinha ligação com Jesus, pois sabia que João tinha, mas obteve uma negativa.

18. Agora Pedro deparou com os capturadores de Jesus, aquecendo-se diante de um fogo no pátio. João interrompe a história da negativa de Pedro a fim de contar o que estava acontecendo lá dentro onde Jesus estava sendo examinado.

19, 20. Então, o sumo sacerdote interrogou Jesus. Ao que parece é Anás. Não era um julgamento, pois o Sinédrio não fora convocado; antes era um interrogatório para se obter evidências a serem apresentadas a este organismo quando se reunisse horas depois. O interrogatório tocou nos **discípulos** e **doutrina** de Jesus. Não se sabe se Anás tinha em mente processar os discípulos. É mais provável que estivesse esperando obter uma confissão de que esses homens estavam sendo preparados para uma atividade revolucionária. Jesus ignorou a pergunta. No que dizia respeito aos Seus ensinamentos, negou ter dado instruções secretas que pudessem ser interpretadas como conspiração contra as autoridades. Ele ensinara **francamente**, em lugares públicos tais como as **sinagogas** e o **templo**. Seus ensinamentos não eram subversivos.

21. Por que me interrogas? Jesus deu a entender que o processo era ilegal. Não havia testemunhas. Ele estava sendo levado a implicar-se com o Seu testemunho.

22. Um dos **guardas** que estavam ali (outros ficaram no pátio) achou que a resposta era imprudente e esbofeteou Jesus para torná-lo mais dócil em sua atitude para com o sumo sacerdote.

23, 24. Quando Cristo apontou a injustiça envolvida, nem o criado nem Anás puderam justificar tal atitude. Não havia nada a fazer além de enviar o prisioneiro a Caifás.

25-27. A narrativa retorna a Pedro. Enquanto Cristo estava negando as insinuações apontadas contra Ele – e o fazia com justiça, Pedro negava o seu Senhor, pecando. As duas perguntas feitas a Pedro foram bastante diferentes. A primeira foi insinuante, como se esperassem que negasse o seu relacionamento com Jesus; enquanto que a segunda levou-o a se definir, a própria pergunta implicando em sua culpa. Foi reconhecido como aquele que empunhara a espada no jardim. O cantar do galo lembrou Pedro da predição do Senhor (13:38) e provou-lhe o seu pecado. "Cantar do galo" era o nome que se dava à terceira das quatro vigílias nas quais a noite era dividida.

C. A Penosa Experiência Diante de Pilatos. 18:28 – 19:16.

28. Nada se diz a respeito do que aconteceu na casa de Caifás. Presume-se que os leitores estejam familiarizados com a tradição sinótica das deliberações tomadas no meio da noite e da sentença formal decretada pelo concílio de manhã cedo. O pretório (gr. *praitôrion*, uma tradução do latim, *praetorium*, o quartel-general do governador). Veja a discussão em 19:13. **Poderem comer a páscoa.** Os líderes judeus, para ficarem cerimonialmente limpos, não podiam entrar nos alojamentos dos pagãos. Estavam mais preocupados com a purificação ritual do que no cumprimento da justiça. Estavam sedentos de sangue.

29, 30. O Sinédrio não preparou uma acusação formal contra Jesus para apresentar a Pilatos. Esperavam que o governador aceitasse a sua palavra sem discutir a acusação de que este homem era um malfeitor. A resposta foi petulante. Os judeus não gostavam de Pilatos.

31. Julgar-o segundo a vossa lei. Pilatos ficou satisfeito em saber que a própria imprecisão da declaração dos líderes judeus indicava que o caso não lhe dizia respeito (cons. Atos 18:14). **A nós não nos é lícito matar ninguém.** Tudo o que os judeus queriam era um veredito de morte, que a autoridade do governador encobrisse suas próprias decisões contra Jesus. A perda do direito de infligir a pena de morte fazia os judeus tomarem consciência de que eram um povo subjugado. Havia exceções, como no caso de uma pessoa, mesmo um romano, que traspassava a barreira que separa o Pátio dos Gentios da parte interior da área do templo. A morte de Estêvão parece contradizer a declaração de João, mas deve ter se baseado no conhecimento que os judeus tinham de que o governador não interferiria no caso.

32. Jesus predisse que morreria por crucificação, um método romano de castigo, enquanto que os judeus usavam pedras (cons. Mt. 20:19).

33. Então Pilatos tomou o caso em suas próprias mãos, interrogando Jesus no Pretório. Parece que João supõe que seus leitores conhecem as narrativas dos Sinóticos, as quais incluem uma acusação dos judeus contra Jesus dizendo que Ele se declarara o rei da nação. Pilatos foi obrigado a examinar esse assunto com base em possível intentona revolucionária. **És tu o Rei dos judeus?** O pronome **tu** é enfático, como se Pilatos estivesse surpreso que a aparência e atitude de Jesus tão pouco se adaptasse às pretensões de um rei. O prisioneiro parecia inofensivo.

34. Antes de responder a pergunta, Jesus precisava saber se ela vinha do próprio Pilatos na qualidade de um oficial romano ou se fora simplesmente passada adiante como um boato. Talvez o sumo sacerdote tivesse discutido o caso com Pilatos quando este solicitou os soldados romanos para ajudá-lo a prender Jesus.

35. Pilatos, não querendo ser apanhado numa confissão de que tinha algo a ver com a situação, jogou a responsabilidade sobre os judeus. **A tua própria gente.** Dificilmente Pilatos poderia ter sentido o fato sugerido por suas palavras (cons. 1:11).

36. O meu reino não é deste mundo. "Ele não disse que este mundo não está na esfera de Sua autoridade, mas que a Sua autoridade não tem origem humana" (Hoskyns). Ele não era uma ameaça à autoridade romana. No Seu reino não havia lugar para o uso da força.

37. Pilatos ficou perplexo. Aí estava um homem que tinha falado no seu reino três vezes em rápida sucessão, mas não tinha nenhum sinal externo de realeza.

Logo tu és rei? Pilatos dificilmente creia que alguém pudesse tomar por rei a figura que estava diante dele.

Tu dizes que sou rei. Jesus hesitava em afirmar que era rei, para que Pilatos não entendesse mal a natureza do seu reino, o qual Ele agora explicou em termos de **verdade**. Cristo viera para testemunhar dele. **Ouve a minha voz** (cons. 10:3, 16).

38. Pilatos viu que Jesus não se interessava em política ou negócios de estado e estava longe de ter um espírito belicoso, por isso encerrou a entrevista, comentando um tanto desdenhoso, ao que parece, **Que é a verdade?** Ele não era filósofo nem um homem religioso, mas um homem de ação. Satisfeito em ver que o prisioneiro não apresentava perigo a Roma, informou disso os judeus que esperavam do lado de fora.

Não acho nele crime algum. Ele não se referia à ausência de pecado, mas à inocência diante das coisas pelas quais os judeus o acusavam.

39. Sentindo a tenacidade dos líderes em seu desejo de obter uma condenação, Pilatos pensou ter achado um meio de contornar a situação e preservar a justiça soltando o prisioneiro. Era costume por ocasião da Páscoa o governador agradar a multidão soltando um prisioneiro escolhido por eles. Pilatos pensava que, sendo Jesus muito popular, o povo, que já se ajuntara a esta altura para o seu pedido anual, pediria a sua libertação.

40. Novamente João pressupõe um conhecimento da narrativa dos Sinóticos, referindo-se a **Barrabás. Salteador.** Bandido (cons. At. 3:14).

João 19

19:1-3. O prisioneiro foi açoitado a mando de Pilatos. Esse foi o segundo expediente do governador, tendo falhado a primeira tentativa de garantir a libertação por causa da preferência a Barrabás. Pilatos pensou que os judeus ficariam satisfeitos se Jesus fosse humilhado sofrendo dessa maneira. O Senhor predisse este tratamento (Mt. 20:19). Veja também Is. 53:3.

Uma coroa de espinhos. Foi zombaria da parte dos soldados, por causa da alegada realeza de Jesus. Há quem pense que esta coroa fosse feita das pontudas folhas da tamareira, relacionando-a assim com as palmeiras quando Jesus entrou em Jerusalém. Considerando que a palmeira era um símbolo das esperanças de independência dos judeus até os dias dos Macabeus, esta atitude dos soldados teria sido a rude resposta de Roma aos judeus como um todo. Do ponto de vista bíblico pode-se dizer que os espinhos expressam a maldição do pecado (Gn. 3:17, 18), que Cristo estava suportando pela raça humana.

Um manto de púrpura. Muitas vezes associado à realeza. Assim vestido, Jesus tornou-se um objeto de divertimento e abuso dos soldados.

4, 5. Outra vez saiu Pilatos. Ele pretendia preparar o caminho para a apresentação de Jesus por meio de um pronunciamento grandioso.

Eis que vo-lo apresento. Isto concordava com o espírito de zombaria dos soldados. Ele, o governador romano, apresentaria Aquele que se dizia ser um rei, mas que agora certamente não podia ser confundido com um rei.

Eis o homem! Não sabemos o que Pilatos pretendia dizer com isso. Alguns vêem na situação um desejo de despertar a piedade nos corações dos judeus. Mas o cenário dá mais a impressão de zombaria. **Homem** pode significar apenas "criatura miserável". De qualquer maneira, as palavras de Pilatos, **não acho nele crime algum**, tem um estranho toque. Se o prisioneiro era inocente, por que foi chicoteado?

6. A resposta dos **principais sacerdotes** foi uma recusa ressoante a ser satisfeita com castigo doloroso e humilhante.

Crucifica-o, crucifica-o. A resposta de Pilatos, **Tomai-o vós**, enfatiza o **vós**. Em outras palavras, "Se é preciso que haja alguma crucificação, vocês terão de fazê-la". Pilatos estava fugindo de associar-se ao desejo dos judeus, mas não estava seriamente dando permissão para condenarem Jesus à morte. Essa foi a terceira vez que o governador declarou-se incapaz de encontrar qualquer **crime** (*aitia*) em Jesus. A palavra foi usada no sentido legal com base na queixa apresentada.

7. Pilatos firmava-se na lei romana. Os judeus apresentaram algo mais em oposição. **Temos uma lei.** A ênfase recai sobre o **nós**. Nossa lei exige a morte do prisioneiro, **porque a si mesmo se fez Filho de Deus.** A passagem característica por trás da declaração é Lv. 24:16. Jesus foi acusado de blasfêmia durante o seu ministério (Jo. 5:18) e no final do mesmo (Mc. 14:62-64).

8. Mais atemorizado. O temor anterior de Pilatos foi devido à irritada persistência dos acusadores de Jesus, que não podiam ser contrariados. Talvez João esteja considerando que seus leitores já sabem a respeito do sonho da esposa de Pilatos (Mt. 27:19). O temor do governador era devido ao fato de que desconfiava estar lidando com alguém que, sob um certo aspecto, era sobrenatural – um filho dos deuses.

9. Pilatos começou a achar que este caso era mais complicado do que pensara a princípio. Por isso introduziu o prisioneiro na sala das audiências para uma outra entrevista. **Donde és tu?** Tinha em vista origem e natureza, não residência. **Não lhe deu resposta.** A incapacidade espiritual de Pilatos (cons. 18:38) tornava inútil qualquer resposta.

10. O silêncio do prisioneiro perturbou o governador. Talvez pensasse que assegurando-lhe a sua autoridade e explicando que tinha o direito sobre a vida e a morte pudesse fazer Jesus falar.

11. O expediente só teve sucesso parcial. Jesus falou, mas apenas para lembrar a Pilatos suas limitações.

Autoridade. Cristo devia estar declarando a verdade evidente do controle divino sobre o estado (Rm. 13:1 e segs.) mas a ênfase foi dada à

situação imediata. Pilatos não podia fazer nada além de executar a vontade de Deus neste caso.

Quem me entregou. Dificilmente a referência foi a Judas. **Maior pecado**, isto é, maior do que o pecado de Pilatos. "O pecado de Caifás foi maior porque a autoridade de Pilatos vinha de Deus; e era obrigação de Caifás saber e ensinar, além de fazer a vontade de Deus. Mas ele, o representante oficial de Israel, o Povo de Deus, recorrera a este pagão, que tinha certa autoridade concedida por Deus, para que fosse empregado o poder conferido por Deus para a execução da justiça a fim de que a injustiça fosse perpetrada" (William Temple, *Readings in St. John's Gospel*).

12. Como resultado dessa troca de palavras, Pilatos renovou seus esforços para soltar seu prisioneiro, levado pelo temor dessa pessoa estranha que estava diante dele e também pela convicção de que não era merecedor da morte. Os judeus, sentindo que o governador tomara nova resolução, usaram de argumento culminante.

Não és amigo de César. O imperador reinante era Tibério, diante de quem Pilatos era responsável. Eis aí uma ameaça de levar o caso à corte imperial. César não daria pouca importância a uma situação na qual alguém era conhecido como rei sem o consentimento romano. Teria considerado o caso como traição e poderia até acusar Pilatos de falta de cumprimento do dever. Sem dúvida o governador temia que, se houvesse uma queixa quanto a sua maneira de lidar com o caso, outras irregularidades de sua administração viriam à luz.

13. Chegou a hora da decisão. Pilatos... sentou-se no tribunal. Tinha agora de dar o seu veredito. Devido às escavações de Pére Vincent, o *Litostrotos* (*Lithostrôton*) já foi quase identificado como sendo a grande área pavimentada que fazia parte do Castelo de Antônia, ao noroeste da área do templo. Gábata significa provavelmente "terreno elevado".

14. Era a paraseve pascal. "A hora do duplo sacrifício aproximava-se. Era meio-dia. Os cordeiros pascais estavam sendo preparados para o sacrifício, e o Cordeiro de Deus também foi

sentenciado à morte" (Hoskyns). **Eis aqui o vosso Rei!** O que fosse que levou Pilatos a fazer esta apresentação final (provavelmente uma zombaria dirigida aos judeus – tal rei, tal povo!), foi providencialmente usado para arrancar dos lábios dos judeus um repúdio completo de sua esperança messiânica – **Não temos rei, senão o César.** Se a linguagem humana significa algo, a própria soberania de Deus sobre a nação foi repudiada. Quem era culpado de blasfêmia agora?

16. O entregou. O verbo é o mesmo do versículo 11. Os judeus podiam agora ver sua vontade realizada. Jesus ia ser crucificado.

D. A Crucificação e o Sepultamento. 19:17-42.

17. Carregando sua cruz. Todos os Sinóticos declaram que Simão Cireneu foi obrigado a levar a cruz. Só João declara que Jesus teve de carregá-la. A narrativa de Lucas dá lugar para os dois. Jesus começou, mas não agüentou carregá-la o caminho todo.

Calvário. Provavelmente recebeu o nome por causa de sua aparência; portanto uma colina arredondada. O equivalente latino é Calvário (Lc. 23:33). Devia ficar fora da cidade (Hb. 13:12).

18. Jesus no meio. Seu lugar era de importância central, mesmo na morte.

19. Sua posição fica explicada pelo **título** afixado sobre a cabeça do crucificado. Mateus e Marcos usam a palavra *aitia*, que João emprega três vezes, na sua narrativa do julgamento, com o sentido de "acusação". Pilatos não encontrou em Jesus *aitia* que autorizasse sua morte, mas agora fez o mundo saber que ali estava – o rei de Israel, como se envolvesse com isso a nação em provocação a Roma, merecendo assim esta áspera reprovação.

20-22. A própria publicidade dada ao título (em três línguas) como também a implicação por trás dele, enfureceu os judeus, de modo que os principais dos sacerdotes pediam que o título fosse mudado de fato para pretensão. Pilatos recusou-se a fazê-lo, demonstrando uma

irredutibilidade agudamente contrastante com a sua fraqueza durante o julgamento.

23, 24. Quatro soldados participaram do crucificação (cons. Atos 12:4). Apossaram-se das roupas de Jesus por despojo, dividindo-as entre si. Sandálias, turbante, roupas externas (*himation*), e cinturão foram igualmente divididos, deixando a capa ou **túnica** (*chitôn*) que era mais valiosa, para ser disputada por meio de sortes. Josefo descreve a veste do sumo sacerdote em linguagem semelhante à que foi usada aqui (Antig. III, 161). Já se sugeriu que aos olhos de João, esta túnica sem costura simbolizava o poder unificante da morte de Cristo assegurando um só rebanho. Inconscientemente os soldados cumpriram as Escrituras por meio de suas atitudes (Sl. 22:18).

25-27. Três mulheres, todas chamadas Maria, tomaram lugar perto da cruz, cheias de tristeza contemplando aquele que lhes era tão querido. O texto grego, entretanto, é mais favorável à menção de quatro, a irmã da mãe (Salomé, mãe de João), notada mas não mencionada nominalmente. Se foi assim, essas quatro devem ter apresentado uma espécie de contraste com os soldados romanos. Solícito por sua mãe, Jesus entregou-a aos cuidados do "discípulo amado". Seus irmãos não eram crentes nessa ocasião. A unidade da Igreja, que o Senhor estava criando, seria mais espiritual que natural (cons. Mt. 12:50).

Tomou para casa. Se João tinha casa em Jerusalém, explica-se melhor seu relacionamento com o sumo sacerdote (18:16).

28. Tenho sede. A necessidade física do sofrimento manifestava-se, única indicação externa que Ele permitiu escapar de seus lábios. Mesmo assim Ele declarou mais um fato que enunciou um pedido.

30. Vinagre. A bebida reanimou as forças de Jesus, capacitando-o a dizer (com voz forte, segundo os outros Evangelhos), **Está consumado.** A mesma palavra (*tetelestai*) já foi usada no versículo 28, traduzida para "terminadas". A ênfase aqui não foi colocada sobre o final dos sofrimentos mas sobre a consumação da missão redentora. **Rendeu o espírito** (a Deus).

31. No sábado. Restou pouco tempo antes do pôr-do-sol e a chegada do outro dia. Fosse qual fosse o dia, a Lei exigia que as vítimas fossem retiradas da cruz no dia da morte (Dt. 21:22, 23). Ignorar essa Lei na Páscoa teria sido uma violação especialmente abominável do sábado. Quebrar as pernas apressava a morte.

33, 34. O soldado, descobrindo que a morte lhe roubara o prazer de quebrar as pernas de Jesus, enfiou-lhe a lança num dos lados. **Sangue e água.** É um acontecimento bastante crível no período imediatamente subsequente à morte.

33. João atribui importância singular a este incidente, pois solenemente dá registro do mesmo. A morte do Salvador foi um fluxo doador de vida: sangue para purificação do pecado e água para representação da vida nova no Espírito (cons. I Jo. 5:6-8).

36, 37. Esses aspectos da morte de Cristo também serviram para cumprir as Escrituras (Sl. 34: 20; Zac, 12:10).

38-40. Na hora da morte de Jesus dois discípulos secretos encontraram a coragem que não possuíam antes. José obteve permissão de Pilatos para retirar o corpo da cruz; então veio Nicodemos providenciar os lençóis e aromas a fim de preparar o corpo para o sepultamento. Para mais informações sobre José, veja Mc. 15:43.

41. O sepulcro pertencia a José (Mt. 27: 60).

42. Os preparativos para o sepultamento foram apressados porque o dia estava a terminar. Felizmente, o lugar ficava perto do lugar da crucificação. Preparativos mais completos do corpo poderiam ser feitos depois do sábado.

João 20

E. Aparecimentos Depois da Ressurreição. 20:1-29.

O descanso em Jerusalém é envolvido no silêncio. O corpo de Cristo está na quietude da sepultura. Mas o "convinha" de Mt. 16:21 inclui a ressurreição além do sofrimento e morte. O teste supremo das proclamações de Jesus de Nazaré estava por acontecer.

1. No primeiro dia da semana. O dia depois do sábado, ou o terceiro dia a partir da crucificação de Cristo, de acordo com o método que os judeus usavam, cálculo inclusivo. A ressurreição de Jesus nesse dia determinou o dia cristão para adoração (Atos 20:7).

Maria Madalena. Era bem sabido que diversas mulheres foram cedo à sepultura, mas João concentra sua narrativa em Maria somente. A presença de outros fica subentendida pelo "não sabemos" do versículo 2.

Era propósito das mulheres ungir o corpo de Jesus de maneira permanente (Mt. 16:1). **A pedra estava removida.** Com a pedra no lugar, Maria teria tido o problema de entrar na sepultura; com a pedra removida, teve um problema de natureza diferente. Em sua mente, a situação piorou.

2. Maria pensou nos discípulos líderes – Simão Pedro e o "discípulo amado" e correu para lhes levar a notícia. É interessante que aos olhos de Maria, Pedro continuou sendo o líder do grupo, apesar de sua negativa. João, até certo ponto responsável pelo fracasso de Pedro (18:16), foi à procura dele para confortá-lo. A notícia de Maria sobre a sepultura aberta criou nos dois discípulos o mesmo temor que se apossara do coração dela - alguém levava o corpo.

3, 4. A preocupação levou os dois discípulos a correr, deixando Maria para trás. A mesma preocupação levou João a correr rapidamente à frente de Pedro, apesar de ambos terem partido à mesma hora. João devia ser o mais jovem.

5. Abaixando-se. O pensamento seria melhor representado pela nossa palavra "perscrutando". Reprimido pelo espanto e pela timidez, João examinou a sepultura mas não entrou.

6, 7. Com sua característica ousada, Pedro não parou na entrada para olhar, mas entrou, e pôde por isso ver melhor do que João a disposição das vestes no sepulcro. Observou que não estavam todas amontoadas, mas que o lenço que estivera na cabeça estava bem dobrado e colocado num lugar ao lado. Se o corpo fosse removido, seria estranho terem deixado os lençóis, e mais estranho ainda que o lenço estivesse tão

cuidadosamente arrumado. **Estivera sobre a cabeça.** Este verbo se usou com referência ao ato do enrolamento das vestes funerais à volta do corpo de Jesus antes do sepultamento (Mt. 27:59; Lc. 23:53). Talvez signifique que a cabeça passou através do lenço, deixando-o em seu formato circular, ou que Jesus deliberadamente o dobrou antes de deixar a sepultura.

8. Encorajado pela entrada de Pedro, João juntou-se-lhe, observou a cena e **creu** que o Senhor ressuscitara. Não se diz o mesmo de Pedro.

9. Os discípulos não receberam instruções de Cristo relacionando sua ressurreição com passagens do V.T. (Lc. 24:46). Jesus predisse a sua ressurreição, mas eles não a entenderam literalmente (Mc. 9:10).

10. Para casa. A expressão é literalmente, *para eles mesmos*, significando que eles retomaram aos seus alojamentos e à sua gente. Maria (cons. 19:27) ficou logo sabendo que a sepultura estava vazia.

11. Maria Madalena permaneceu no lugar, esperando encontrar alguma pista sobre onde Jesus se encontrava, lutando com sua dupla tristeza - a morte e o desaparecimento de Seu corpo sagrado. **Abaixou-se** (cons. v. 5).

12. Ela viu algo que os dois discípulos não viram – **dois anjos.** Essa foi a experiência das outras mulheres também (Lc. 24:22, 23).

13. Normalmente a visão de anjos provocaria um sentimento emocionante, mas Maria estava por demais tomada de tristeza para sentir qualquer coisa. Ela se afastou antes de receber qualquer informação deles sobre a ressurreição de Jesus (cons. Mc. 16:6).

14, 15. Do mesmo modo não se sentiu interessada na outra forma que assomou diante dela quando se voltou na direção do jardim. Sua única preocupação era insistir na busca do corpo, e havia uma possibilidade deste homem ser o jardineiro e tê-lo removido para outro lugar.

16. Eletrificada ao ouvir seu nome pronunciado com a familiar voz de Jesus, ela explodiu, **Raboni** (Mestre ou Senhor). Originalmente a palavra significa *Meu Magnífico*, mas passou a ser usado sem a força do possessivo. Não é muito surpreendente que Maria reconhecesse a voz de

Jesus quando Ele a chamou, mas não quando a interrogou pela primeira vez. Até mesmo o familiar pode nos parecer estranho quando o encontramos inesperadamente.

17. Não me detenhas. O grego exige uma outra tradução: *Deixe de me segurar*. Parece que o primeiro impulso de Maria, na sua alegria arrebatada, foi o de agarrar a sagrada forma. Jesus não repreendeu as outras mulheres por se apegarem aos Seus pés (Mt. 28:9), pois era uma atitude de adoração; nem se esquivou de convidar Tomé a tocá-IO (Jo. 20:27). Mas Maria precisava aprender que o Senhor não estava mais com ela com base no antigo relacionamento. Ele já estava glorificado. Ele pertencia agora ao reino celeste, ainda que quisesse ficar um pouco mais para se encontrar com Seus amigos.

Ainda não subi. A implicação era que Maria poderia tocar em Jesus de alguma forma depois da Ascensão, isto é, ela poderia tocá-IO pela fé na bendita vida do Espírito. A intimidade desse novo relacionamento evidenciou-se pelo fato de se referir aos Seus seguidores chamando-os de **irmãos** (cons. a antecipação disto em Mt. 12:49). Mesmo na intimidade da nova ordem, entretanto, Cristo manteve seu próprio relacionamento especial a Deus Pai. **Meu Pai** é a linguagem da divindade; **meu Deus** é a linguagem da humanidade.

18. O sentido da utilidade, de cumprir a ordem de Jesus para ir aos discípulos, aliviou qualquer sentimento de mágoa que Maria poderia ter experimentado diante da repreensão que recebeu. Sua tarefa foi uma miniatura da que a Igreja recebeu como um todo – ir e contar que Jesus ressuscitou.

19. Os discípulos, tendo recebido a mensagem de Maria, tiveram agora sua primeira oportunidade, como um grupo, de ver Jesus em seu estado ressuscitado. Era a tarde do dia da ressurreição.

Com medo dos judeus. Era natural à vista de sua fuga no jardim, da inquirição de Anás a respeito deles (18:19), e diante da expectativa criada pelo ensinamento de Jesus que se sofresse, eles também deviam esperar o sofrimento (Mt. 16:24; Jo. 15:20). A implicação de que Jesus

passou pelas portas fechadas está clara. Ele tinha o poder de desmaterializar o Seu corpo. **Paz seja convosco** (cons. 14:27; 16:33).

20. A palavra de paz aliviou o temor. Agora estava na hora de se identificar. **Lhes mostrou as suas mãos e o lado.** De acordo com Lucas, houve necessidade de uma demonstração ainda mais viva para despertar a convicção (Lc. 24:37- 43). **Alegraram-se, portanto, os discípulos.** (cons. 16:22).

21. A primeira **paz** (v, 19) foi para aquietar seus corações; a segunda foi para prepará-los para uma nova declaração de sua missão (cons. 17:18). Nada mudara no plano do Mestre para eles.

22. Soprou sobre eles. Isto faz lembrar a criação do homem (Gn. 2:7), como anunciando a nova criação, resultando não tanto da inspiração do hálito de Deus como da recepção do Espírito Santo (cons. 7:39). Isto não exclui nenhuma relação como Espírito nos primeiros dias do discipulado, como também não exclui a vinda do Espírito sobre eles no Pentecostes. Aqui o Espírito foi o equipamento necessário para a tarefa que estava à frente deles, conforme veremos a seguir.

23. Cristo deu autoridade aos apóstolos e possivelmente a outros (cons. Lc. 24:33 e segs.) para perdoarem e reterem os pecados dos homens. "Ou... os discípulos deviam possuir uma visão infalível do coração do homem (como em certos casos foi concedido a um apóstolo, cons. Atos 5:3), ou a remissão que eles proclamavam tinha de ser *condicionalmente* proclamada. Ninguém pode defender a primeira alternativa. Segue-se, portanto, que nosso Senhor aqui confia aos Seus discípulos, à Sua Igreja, o direito de autoridade de declarar, em Seu nome, que há perdão para o pecado do homem, e sobre que condições o pecado será perdoado" (Milligan e Moulton, *Commentary on John*). Esta cena envolve a morte de Cristo (suas feridas foram apresentadas), Sua ressurreição (declarada por Sua presença viva), a resultante missão de ir e dar testemunho, o equipamento para esta tarefa, e a mensagem propriamente dita, centralizando-se no perdão dos pecados.

24, 25. João conta a ausência de Tomé mas não a explica. Considerando que Jesus não repreendeu Tomé por causa da perda de interesse no seu discipulado, também não podemos fazê-lo. Talvez ele preferisse ficar sozinho na sua tristeza por causa da morte do Salvador. A narrativa dos outros dizendo que estiveram com Jesus enfatizava que viram as mãos e o lado feridos do Salvador. Além de querer vê-los, Tomé exigiu tocá-los como condição para crer que Jesus estava vivo.

26. Uma semana mais tarde, nas mesmas condições, inclusive as portas fechadas, Jesus veio uma segunda vez e com a mesma saudação de **Paz**.

27. Através de sua linguagem o Senhor revelou que Ele sabia o que Tomé tinha declarado. Portanto Ele devia estar vivo quando o duvidante apóstolo disse essas palavras sobre as **mãos** e o **lado**.

28. Tendo suas dúvidas completamente removidas, Tomé mostrou-se à altura de uma grandiosa declaração de fé diante do desafio de Jesus. **Senhor meu, e Deus meu!** Ele sabia que se encontrava na presença da divindade.

29. Porque me viste. Nada indica que Tomé tocou no Salvador. A visão foi suficiente. Mas o que dizer das multidões que não teriam a oportunidade dessa visão? Uma bênção foi pronunciada sobre aqueles que se aventuraram a crer (cons. I Pe. 1:8).

F. O Propósito deste Evangelho. 20:30, 31.

30, 31. Os sinais que abundam na narrativa de João chegaram ao clímax no maior de todos eles, a Ressurreição. Para que o leitor não pense de modo diferente, o escritor apressa-se a observar que os sinais foram **muitos**. Só alguns poucos foram incluídos neste livro. Mas o escritor espera que estes capacitem o leitor a crer que Jesus é o Cristo (o objeto da expectativa judia, baseada na profecia do V.T., quando essa expectativa não é pervertida por falsos aspectos do messiado) e o Filho de Deus, revelando o Pai através de palavras e obras e culminando na obediência à vontade do Pai até à morte. **Creiais** inclui as idéias do ato

inicial da fé, como também da fé progressiva. **Vida em seu nome**, isto é, em união com a Sua pessoa.

Uma vez que esta parece ser a conclusão natural do Evangelho, alguns mestres concluíram que o capítulo seguinte foi acrescentado mais tarde, ou por João ou por outra pessoa. Mas nada há que exija a aceitação de tal ponto de vista sobre o capítulo final. Ele está cheio de sugestões sobre como a contínua presença do Senhor e Seu poder capacitaram a Igreja a cumprir seu ministério no mundo.

João 21

VI. Epílogo. 21:1-25.

1. O cenário dos aparecimentos após a Ressurreição muda de Jerusalém para a Galiléia. **O mar de Tiberíades.** outra designação para o Mar da Galiléia (cons. 6:1).

2. Juntos. Refere-se, não à ocupação comum deles, mas ao discipulado e à sua experiência de ver Jesus ressuscitado dos mortos. Pedro e João destacam-se no incidente a ser narrado.

3. Vou pescar. Pedro não suportava ficar inativo. À vista do seu barco e das águas do seu amado mar, e talvez a necessidade de manter corpo e alma despertados, ditou esse súbito pronunciamento. É arriscado pensar que Pedro fosse voltar à pesca como ocupação permanente. Falando-se a verdade, o infinitivo do verbo "pescar" está no tempo presente, o que sugere ação prolongada. Mas isto é contrabalançado pelo verbo **vou** que sugere uma expedição e não uma carreira. Além disso, a aquiescência dos outros discípulos esclarece que eles compreenderam que o propósito de Pedro era temporário. À vista dos aparecimentos do Senhor (cons. 20:21-23), é inaceitável que eles estivessem voltando à pesca como ocupação definitiva.

Nada apanharam. Isto foi providencial, preparando o caminho para a intervenção de Cristo.

4,5. De pé na praia, Jesus falou mas não foi reconhecido. **Filhos** pode-se traduzir por *rapazes*, sem prejudicar o sentido da palavra.

Tendes aí alguma coisa de comer? A forma da pergunta encerra a suspeita de que não tinham. **Coisa de comer.** Algo que se come com pão, mas também com sentido de peixe. **Não.** Dói a um pescador admitir que nada apanhou.

6. Lançai a rede à direita do barco. A posição do barco permaneceu a mesma, o equipamento de pesca foi o mesmo, os homens eram os mesmos, com a mestria habilidade; mas agora suas redes vazias se encheram; tudo por causa da palavra de Cristo (veja Jo. 15:5).

7. O milagre despertou rapidamente a percepção do "discípulo amado" de que o estranho devia ser Jesus.

É o Senhor. A mente de Pedro devia ter rapidamente retrocedido a uma outra ocasião nesse mesmo lago quando sob a palavra de Jesus ele jogou a rede e apanhou uma grande quantidade de peixe (Lc. 5:1-11). A ansiedade de Pedro em ver Jesus pessoalmente dá a entender que ele não tinha consciência de estar fora da vontade de Deus em ter ido pescar.

Veste. Seria impróprio saudar o Senhor sem estar devidamente vestido.

8. Os outros discípulos seguiram-no com o barco. **Duzentos côvados.** Cerca de 92 metros.

9. Os discípulos de Jesus iam ser lembrados de que aquele que garante sucesso no trabalho cristão também é suficiente para suprir as necessidades diárias dos seus.

Peixe. Um só peixe. **Pão.** Um só filão. Jesus providenciaria para que fosse suficiente, como já fizera antes com os pães e peixes no caso da multidão.

10. Trazei alguns dos peixes que acabastes de apanhar. O propósito não era aumentar o que já estava preparado. Não há indicação de que os peixes fossem preparados, cozidos e comidos. Cristo queria que os homens desfrutassem de toda a alegria do seu trabalho. Generosamente Ele disse "que agora apanhastes", apesar da incapacidade deles sem a ajuda Sua.

11. Os peixes foram contados como de costume. Seu número simplesmente indica a grandeza da pesca. Se há algum simbolismo relacionado com a rede que não se rompeu, é que aqueles que são evangelizados através do trabalho orientado por Cristo não se perderão, mas serão preservados até alcançarem a praia celestial.

12. Comei. A palavra se aplica especialmente ao jejum, embora às vezes fosse usado para com outras refeições. Foi uma ocasião solene, com os discípulos sentindo um respeito renovado na presença do Senhor.

14. Terceira vez. Outros dois aparecimentos aos discípulos em grupo foram narrados no capítulo anterior. O restante dos acontecimentos desta aparição relaciona-se quase que exclusivamente com Pedro e João, embora os outros aproveitassem dos seus ensinamentos.

15. Esta cena tem sido às vezes intitulada "A Restauração de Pedro", mas isso pode levar a uma má interpretação. Pedro já fora restaurado no sentido de receber o perdão (Lc. 24:34). Mas a liderança de um discípulo desviado dificilmente seria aceita no futuro, quer pelo próprio Pedro ou seus irmãos, se Cristo não o indicasse explicitamente.

Amas-me? Mais importante do que o amor aos homens está o amor a Cristo. **Mais do que estes.** Alguns entendem **estes** como se referindo aos instrumentos da pesca. Se fosse assim, Pedro teria respondido sem nenhuma evasiva, sem usar uma outra palavra para **amor**, diferente da que Jesus usou. O próprio fato de que Jesus experimentou o amor de Pedro na presença dos seus irmãos dá a idéia de que os outros estavam envolvidos. Pedro se vangloriara que permaneceria leal mesmo se os outros não permanecessem (Mc. 14:29). **Apascenta os meus cordeiros.** Cristo não deseja confiar Seus pequeninos a alguém que não o ama.

16. A segunda série de pergunta e resposta deu lugar a uma missão um tanto diferente, pelo menos verbalmente. **Pastoreia as minhas ovelhas** é literalmente *Seja o pastor (ou tome conta) das minhas ovelhas.*

17. A tristeza de Pedro pode ser devida a duas coisas. Primeiro, a pergunta três vezes repetida poderia fazê-lo pensar na sua tripla negação.

Segundo, Jesus deixou de usar uma palavra indicando amor (*agapao*) e usou aquela que Pedro usou (*fileo*) indicando esta uma afeição cálida mas talvez considerada inferior à primeira, Essa distinção, entretanto, neutraliza-se pelo fato de que em outras passagens de João a segunda palavra foi usada com sentido muito elevado (5:20 por exemplo). **Minhas ovelhas** (cons. 10:14, 27). Elas são preciosas ao Senhor; deu a sua vida por elas. Pedro precisava amar para assumir seu ofício pastoral.

18. A aceitação dessa comissão teria alto custo o começo da vida de Pedro foi uma vida de liberdade. Um dia essa liberdade desapareceria, mas só quando Pedro fosse velho. A profecia lhe assegurou anos de serviço. **Estenderás as tuas mãos.** Linguagem aplicável à crucificação. A tradição da igreja primitiva sustenta que Pedro morreu desse modo,

19. Com que gênero de morte. Ele devia se sentir honrado em morrer com o mesmo tipo de morte do Senhor. A palavra **glorificar** também se usou em relação à morte de Jesus (12:23). **Segue-me.** Trata-se de movimento físico, mas muito mais do que isso está implícito (cons. 13:36). Pedro estava sendo convocado a segui-LO constante e fielmente, a permanecer imperturbável, tal como Jesus permanecera à vista da cruz que se aproximava.

20. João também o seguiu sem ser convidado. Pedro notou e comentou.

21. Sendo amigo de João, Pedro estava curioso em relação ao futuro que o Senhor pretendia dar a **este**.

22. A resposta de Jesus tinha um propósito, repreender Pedro por estar perturbado com o futuro de João. Bastava-lhe preocupar-se em fazer a vontade de Deus em sua própria vida. Essa repreensão se percebe no **tu** enfático, que está ausente do versículo 19.

23. As palavras de Jesus, entretanto, foram imediatamente mal-interpretadas como se assegurassem que João viveria até a volta do Senhor. O **se** foi facilmente omitido. O próprio João corrige esta falsa impressão.

24. Este. Uma referência ao discípulo do versículo 23, isto é, João. **Dá testemunho.** Isto talvez aponte para o testemunho oral de João sobre as coisas contidas no Evangelho, separadamente do fato de que ele também as **escreveu. Sabemos.** A identidade dessas pessoas que acrescentaram o seu testemunho para confirmar a veracidade do que João escreveu, é desconhecida. Ao que parece eram homens associados a João em Éfeso, possivelmente anciãos da igreja.

25. O pensamento é uma extensão do que já foi declarado em 20:30. **Creio.** É esquisito depois do plural **sabemos** do versículo anterior. Há quem pense que o secretário de João acrescentou esta palavra final. Somos novamente lembrados que o registro do nosso Evangelho não tem a intenção de registrar todas as atividades de nosso Senhor nos dias da sua carne.